ANO 2 nº 11 MARÇO 1996 R$ 6,00

VivaMúsica!

- I Prêmio VivaMúsica!
- Orquestra do Mercosul
- Uma Biblioteca Musical
- Bidu Sayão Especial

Vladimir Ashkenazy

REGE A ORQUESTRA JOVEM DA UNIÃO EUROPÉIA

Após o descanso anual de fevereiro, **VivaMúsica!** volta com muitas novidades. Nossa maior expectativa para o mês de março é, sem dúvida, o sorteio dos pacotes de viagem para Paris, premiação máxima do "I Prêmio VivaMúsica!", dia 9, na Sala Cecília Meireles (RJ). Na ocasião, o pianista Marcello Verzoni apresenta-se em recital exclusivo para assinantes e convidados da revista. Após o sorteio, um brinde de champanhe aos ganhadores. Sua presença lá é absolutamente fundamental!

Na matéria de capa desta edição, a incansável correspondente Mariana Barbosa antecipa a vinda de Vladimir Ashkenazy como regente da Orquestra Jovem da União Européia no mês que vem, para concertos no Rio, São Paulo e Brasília. Mariana conversou longamente com Joy Bryer - a secretária-geral da orquestra - e entrevistou o próprio Ashkenazy. A reportagem traz ainda os violinistas Christian Tetzlaff, solista do concerto, e a jovem Márcia Lehninger, convidada brasileira da orquestra.

Um verdadeiro *tour de force*. Assim pode ser definida a série "Uma Biblioteca Musical de A a Z", elaborada por nosso colaborador Sylvio Lago Jr, publicada a partir desta edição. Preciosa compilação comentada título-a-título, a primeira parte da série traz as letras A, B e C. Todos leitores de VivaMúsica! são convidados a sugerir títulos para inclusão. Quem participar enviando sugestões estará concorrendo a sorteio de livros. Outro motivo de satisfação é o ensaio "Bidu Sayão: estrela de primeira grandeza", assinado pelo musicólogo Arnaldo Senise. Neste artigo, Arnaldo analisa o legado artístico da cantora.

Outras novidades que a partir deste mês se incorporam à revista: resenhas de lançamentos de discos, uma coluna de video assinada pelo *expert* Renato Machado, outra assinada por Mário Willmersdorf Jr. destinada aos lançamentos em CD-ROM e um novo formato para a seção "Discoteca Básica", agora sempre em duas partes: ópera e música orquestral.

HFischer

HELOÍSA FISCHER

Foto da capa: Divulgação/EUYO

ÍNDICE

Você tem alguma sugestão a dar, dúvidas a tirar? Envie carta ou fax para VivaMúsica! que teremos o prazer de publicar suas opiniões. Nosso endereço é Av. Rio Branco, 45/1401 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20090-003, fax (021) 263-6282. Correspondências podem ser editadas por questões de espaço.

CALLAS POLÊMICA: A MISSÃO

"A réplica a mim oferecida pelo colaborador Mário Willmersdorf Jr., publicada em **VivaMúsica!** de dezembro *(Cartas/'Callas polêmica')*, me obriga à tréplica, não pelo gosto da polêmica em si, mas a fim de restabelecer certos pontos nos is. Reconheço haver encontrado um contendor muito hábil na pessoa do Sr. Mário que, em defesa de seu profissionalismo, face a um simples amador como eu, se recusa a acusar o golpe, se refugia em uma digressão e não refuta o meu específico enfoque e os meus específicos argumentos (eles continuam de pé e respondem por mim). E nessa digressão tenta em vão me bater, com luvas de pelica, é claro, por aquilo que eu seria, mas que nego abertamente ser.
Não sou um admirador acrítico de Callas, até porque ela assim o merece, vez que era a mais severa crítica de si própria. Tenho ouvidos de ouvir suas eventuais vulnerabilidades e plena consciência delas. Tenho paixão por Callas, sim, mas não cega, e não me ofusca absolutamente o mito, embora possa invocar aqui o conceito de Fedele D'Amico de que nada há de errôneo em mitificar Callas, pois que se isso não lhe foi deletério em vida, não o será após a morte. Mitificá-la, segundo ele, é enaltecer e reverenciar padrões que só podem servir de estímulo aos artistas líricos e a nós outros ouvintes-espectadores. A propósito, há em arte, tal como na vida, padrões excludentes, sim, sem que isso represente parcialidade crítica no sentido pejorativo. Não me reportei em minha carta às comparações de Traviatas, e aí poupei o Sr. Mário Willmersdorf Jr.. Porquanto, francamente, convenhamos: ou bem se tem sensibilidade para considerar a Violetta emergente da interpretação callasiana uma figura tridimensional, uma criatura como 'Dama das Camélias' de um valor humano insuspeitado até em veículos artísticos que não a ópera, ou bem se considera de alto gabarito em termos de 'verdade teatral' a versão de Licia Albanese.
Quanto a quaisquer Violettas que se lhe seguiram, faço minhas as palavras à época de Luchino Visconti: 'As Violettas futuras serão Violettas-Maria'. E mais: para bom entendedor, de nenhuma frase de minha carta se pode inferir que repute Callas um fenômeno isolado. Perfilho, por inteiro, o paralelo (suponho que o comentarista o conheça) em que Giorgio Gualerzi, com rara acuidade, define Muzio como 'a voz certa, no lugar certo, no momento errado' e Callas como 'a voz certa, no lugar certo, no momento certo'. Este 'momento certo' comporta, justamente, todo um clima, todo um contexto, toda uma conjuntura histórica envolvendo várias personalidades artísticas que propiciaram essa renascença da ópera em nosso século, cujo epicentro foi, é e continuará sendo, Maria Callas."

Angelo Christiano Rondon Amarante

VivaMúsica! *não solicitou que Mário Willmersdorf Jr. respondesse à tréplica do Sr. Angelo: a polêmica seria infinita... De qualquer forma, caso outros leitores desejem se manifestar a respeito, é só nos escrever.*

ABAIXO O TELEFONE!

"Na qualidade de assinante de **VivaMúsica!**, que considero na sua especialidade fora de série, venho, por meio desta, sugerir uma modificação que acredito será muito bem aceita pelos demais assinantes. Minha sugestão diz respeito ao sorteio de CDs promocionais por telefone, em que o assinante é convidado a tentar ganhar um brinde se conseguir ligar em determinado horário, que geralmente é de uma hora. É verdade que alguns felizardos conseguem ser atendidos e ganhar os brindes, mas a grande maioria - na qual me incluo - fica frustrada, pois o telefone está sempre ocupado pelos felizardos que talvez tenham à mão mais de uma linha para suas tentativas. Quando finalmente consigo ser atendido, a promoção já se encerrou. A minha sugestão é simples e é a seguinte: inserir um cupom a ser preenchido pelo assinante interessado na promoção, para ser remetido à revista - naturalmente, só o cupom original, um só cupom por assinante, que assim concorrerá por sorteio em condições iguais com todos os outros. Espero que esta sugestão seja levada em consideração."

Markus Orgler
Assinante 22874-00

"Gostaria de fazer uma observação a respeito dos concursos promocionais por telefone, como aquele do último mês de dezembro, quando os primeiros quinze assinantes tiveram chance de ganhar um CD da EMI. Eu fiz, evidentemente, a tentativa de classificar-me entre os primeiros quinze, porém, desde pouco antes de 12, até pouco depois das 13 horas, encontrei o número 253-3461 permanentemente ocupado. Um concurso deste gênero somente encontra participantes entre as pessoas que podem dedicar uma hora inteira à discagem de um só número de telefone, não tendo nada mais importante para fazer neste espaço de tempo, e, mesmo assim, com chance remotíssima de sucesso. Outra dúvida que fica, é se a

[illegible] aponta a utilização de um telefone para essa finalidade. Não seria uma idéia melhor fazer simplesmente um sorteio entre os assinantes?"

Alberto Kuk
Assinante [illegible]

A partir destas duas sugestões oportunas (e [illegible] muitas de uma vez), estaremos diversificando, a partir desta edição, os métodos de participação de promoções destinadas a assinantes. Sem dúvida, é inevitável o argumento da linha telefônica permanentemente ocupada no horário determinado. Estaremos adotando, então, duas formas de comunicação: telefônica, sim, mas aceitando ligações durante um período de tempo e posterior sorteio entre todos que tiverem telefonado, e através de carta ou fax. ***VivaMúsica!*** *voltará a fazer promoções blitz no momento em que dispuser de uma mesa telefônica capaz de atender a um número maior de ligações ou então quando a quantidade de prêmios a serem distribuídos for pra lá de generosa...*

PROCURA-SE

"Amante da **VivaMúsica!**, venho há muito tempo procurando a 'Suíte Holberg', de Grieg, porém, não a acho nem em fita nem em CD. Também procuro uma música de Albinoni, cujo nome não sei informar, mas que lembra um pouco o 'Adágio em Sol Menor'. Esta música que eu procuro toca no filme 'O Homem Elefante'."

José Carlos Bigogno Castro
Assinante 22097

A "Suíte Holberg", op. 40, de Edvard Grieg, possui diversos registros fonográficos. Uma das mais conceituadas gravações é a de Herbert von Karajan, à frente da Filarmônica de Berlinm, pelo selo alemão Deutsche Grammophon (400 034-2). Com relação à trilha sonora do filme "O Homem Elefante", a composição deve ser o "Adágio para cordas", de Samuel Barber. Uma boa gravação da obra é também pela Deutsche Grammophon, com Bernstein e a Los Angeles Philharmonic Orchestra (413 324-2).

VIVA!

"Um Viva carinhoso à publicação que, com elegância, bom gosto e senso crítico, acompanha e registra as expressões da música clássica. **VivaMúsica!** completa um ano editorialmente justificando o sonho dos apreciadores da música e informando, mais e melhor, os seus muitos leitores, entre os quais prazeirosamente me incluo."

Jorge Roberto Martins
Presidente do Museu da Imagem e do Som, RJ

TIBIRIÇÁ RESPONDE

"Gostaria de agradecer as simpáticas palavras do assinante Carlos Eduardo Muniz da Silva a mim dirigidas na edição especial de **VivaMúsica!** janeiro/fevereiro *(seção 'Cartas')*. Saiba que, para nós da Orquestra Sinfônica Brasileira, é de máxima importância que assinantes ou simpatizantes se manifestem tanto a favor ou contra sua qualidade ou programação para que possamos sempre melhor atendê-los. Quero comunicar-lhe que incluímos na programação de 96 a 'Sinfonia Manfredo' de Tchaikovsky conforme seu pedido, juntamente com algumas obras de Richard Strauss, Shostakovich e Mahler *(vide programação da OSB publicada na seção 'Notas' nesta edição)*. Mais uma vez, obrigado e continue escrevendo para a OSB e **VivaMúsica!**."

Maestro Roberto Tibiriçá
Diretor Artístico da Orquestra Sinfônica Brasileira

CLASSI*ficados*

CANTORES LÍRICOS
Álbuns para voz com acompanhamento de piano *(high/low)*. Publicações de N. York e européias. Vendo. Tel.: (021) 234-6591.

PIANO 1/4 DE CAUDA
Vendo Essenfelder 1968. Excelente estado de conservação. Único dono. Tel.: (021) 234-6591.

VENDO
Belíssimo piano Steinway & Sons, modelo '0' (1.80m), em jacarandá da Bahia, totalmente recondicionado na Europa. Tel/fax: 44 181 6535945 (Londres).

COMPRO
Nº 6 da revista **VivaMúsica!** (Junho/95). Arnaldo Cohen na capa. Pago R$ 15,00. Thereza Tel.: (021) 511-1281.

Coloque aqui seu classificado através do telefone (021) 253-3461 ou pelo fax (021) 263-6282. Até vinte palavras, R$ 10. Assinantes ***VivaMúsica!*** *não pagam!*

VivaMúsica!

EDITORA
Heloísa Fischer
(e-mail: helofischer@ax.ibase.org.br)

EDITORA-ASSISTENTE
Débora Sousa Queiroz

COLABORADORES
Arnaldo Senise
Carlos Haag
Irineu Franco Perpétuo
João Domenech Oneto
Mário Willmersdorf Jr.
Paulo Reis
Renato Machado
Sylvio Lago Jr.
Zito Baptista Filho

CORRESPONDENTE
Mariana Barbosa (Londres)

APOIO DE PRODUÇÃO
Aline Pontes Pimentel
Gustavo Crisóstomo
Márcia Nunes Rosado
Vânia Alexandre
Paulo César da Conceição Jr.

DESIGNER
Isabella Perrotta

ASSISTENTE
Eduardo Sidney

FOTOLITOS
Mergulhar

IMPRESSÃO
Langraf Artesanato Gráfico

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Heloísa Fischer - MT 18851

REDAÇÃO
Avenida Rio Branco, 45/1401 - 20090-003 - RJ
Tel.: (021) 233-5730.
Telefax:(021) 263-6282
e-mail: helofischer@ax.ibase.org.br

PUBLICIDADE
Cristiana Carvalho
Telefax (021) 259 8139/
(021) 546 1636 - 7002780

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE E NOVAS ASSINATURAS
(021) 253-3461

Assinatura anual: R$ 60,00
Assinaturas para o exterior R$ 90,00 (via aérea)
VivaMúsica! é uma publicação mensal, circulando 11 vezes por ano.

ENDEREÇO NA INTERNET
http://www.brazilweb.com/vivamusica/

Assinantes VivaMúsica! escolhem os melhores de 1995

Prêmio sorteia viagens para Paris dia 9 na Sala Cecília Meireles

O maestro Tibiriçá foi um dos destaques de 95

Neville Marriner regeu o "concerto do ano"

Bach por Rostropovich: CD do ano

O I Prêmio VivaMúsica! - que no dia 9 de março, na Sala Cecília Meireles (RJ), sorteará viagens para Paris, além de outros prêmios para assinantes - apontou duas unanimidades. A apresentação da Academia Saint-Martin-in-the-fields, sob regência de Neville Marriner, foi apontada pela maioria absoluta dos leitores que enviaram seus cupons de votação como o "Concerto do ano". Na categoria "CD do ano", o grande vencedor foi o disco "Suites para violoncelo", de J.S. Bach, por Mstislav Rostropovich. Ainda na opinião dos assinantes, o destaque do ano foi a própria revista. É bom lembrar que a votação foi feita em cupons encartados em todos exemplares da última edição da revista (janeiro/fevereiro).

Até o dia 15 de fevereiro, **VivaMúsica!** havia contabilizado cerca de seiscentas respostas enviadas para o prêmio. A revista recebe cupons até o dia 8 de março, véspera do sorteio. Na tarde do dia 9, haverá um recital do pianista Marcello Verzoni na Sala Cecília Meireles, onde serão apresentadas obras de Schubert ("Improviso em mi bemol menor"), Chopin ("Noturno op. 32 nº 1" e "Improviso op. 29"), Mendelssohn ("Variações sérias op. 54"), Carlos Gomes ("Uma paixão amorosa - valsa"), Nepomuceno ("Valsa op.13 nº 2" e "Galhofeira op. 13 nº 4"), Ravel ("Sonatina") e Debussy ("Danseuses de Delphes" e "L'isle joyeuse"). Após o sorteio, todos estão convidados para um brinde. Esta tarde musical na Sala é exclusiva para convidados e assinantes da revista - Convites podem ser reservados pelo telefone (021) 253-3461.

A escolha dos assinantes

Apesar da unanimidade em torno dos melhores do ano, outros destaques da temporada 1995 chamaram a atenção dos assinantes de VivaMúsica! Segue uma relação dos mais votados.

CONCERTOS

Entre as apresentações citadas como as melhores da temporada 1995 no Rio e em São Paulo, as mais votadas foram: Academy of Saint Martin-in-the-fields, sob regência de Neville Marriner, o recital de Itzhak Perlman (violino) acompanhado por Samuel Sanders (piano), a Staatskapelle de Berlim sob regência de Daniel Barenboim, o violinista Vladimir Spivakov à frente dos Virtuoses de Moscou, o concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira na abertura da Sala Cecília Meireles, além das apresentações do mezzo soprano Frederica Von Stade, Colin Davies regendo a Staatskapelle de Dresden, o pianista argentino Nelson Goerner, o King's Consort também na Sala e a performance da pianista russa Lylia Zilberstein.

DISCOS

A maioria esmagadora dos votos dos assinantes VivaMúsica! na categoria "Melhor CD de 1995" coube às "Suítes para violoncelo", de Johann Sebastian Bach, na interpretação do lendário Mstislav Rostropovich. Em segundo lugar na preferência dos leitores, a série "The Glenn Gould Edition", verdadeiro legado do pianista canadense que, no Brasil, teve apenas dez de seus títulos lançados. O violinista Itzhak Perlman foi bastante lembrado na votação do prêmio: a maior parte das indicações foi para a caixa "The Itzhak Perlman" (os discos de Perlman e Rostropovich estão à venda este mês através de VivaMúsica!). A caixa de seis CDs "Villa-Lobos par lui même" também foi bastante votada, assim como a "Sinfonia Nº 6", de Mahler, sob regência de Pierre Boulez, e a ópera "La Traviata", com regência de Georg Solti. Entre os artistas nacionais, receberam votação expressiva Roberto de Regina (pelos CDs "O cravo Romântico de François Couperin" e "16 concertos para cravo solo", de Bach), Rosana Lanzelotte ("Ópera rara"), Claudio Santoro ("Sonatas para violino e piano", com Waleska Hadelich e Ney Salgado) e o disco "Piano Brasileiro", editado pela Funarte.

DESTAQUE DO ANO

Com muita satisfação (e certa dose de orgulho), **VivaMúsica!** contabilizou os votos na categoria "Destaque do ano": na opinião da maior parte dos leitores, a própria revista merece o título. A atuação do regente titular da OSB, Roberto Tibiriçá, na temporada 1995 foi amplamente lembrada pelos assinantes de VivaMúsica!, assim como a revitalização da Sala Cecília Meireles. Alguns artistas foram apontados como destaques da temporada passada: o violinista Itzhak Perlman, o tenor Roberto Alagna, o mezzo Cecilia Bartoli, a pianista russa Lilya Zilberstein, a violinista Midori, Vladimir Ashkenazy e Daniel Barenboim.

Também obtiveram votação expressiva a série de concertos "Dell'Arte/ O Globo" no Rio de Janeiro, o recital paulista de Frederica Von Stade, a reabertura do Teatro Municipal de Niterói, a montagem de "Il Trittico", de Puccini, no Municipal carioca, e as programações de concertos do Centro Cultural Banco do Brasil (RJ).

OS PRÊMIOS A SEREM SORTEADOS

Todos assinantes de **VivaMúsica!** estão convidados para o recital do dia 9, na Sala Cecília Meireles, quando serão sorteadas as duas viagens para Paris e demais prêmios, na seguinte ordem:

1) Os dois pacotes de viagem para Paris, com passagem, acomodação por 30 dias e bolsa de estudos de francês pelo mesmo período de tempo. Num oferecimento da Aliança Francesa e InterStudies - Departamento de Estudos Internacionais da Universidade Estácio de Sá - , o programa "Descobrindo a França e aprendendo o francês" poderá ser desfrutado em julho deste ano ou em janeiro do ano que vem. A bolsa de estudos é válida para qualquer nível de conhecimento de francês, desde iniciantes até aperfeiçoamento. O pacote prevê aulas na parte da manhã, com tarde e noite livre. O programa de estudos em Paris terá acompanhamento de professores da Aliança Francesa do Rio de Janeiro.
2) Dois finais de semana para casal no Frade & Golf Resort, de Angra dos Reis. Serão premiados dois assinantes que poderão desfrutar do prêmio no período indicado pelo Hotel do Frade.
3) Uma coleção de dez CDs "The Glenn Gould Edition".
4) Uma coleção de nove CDs "Classical Celebrities - Vladimir Horowitz".

Ou seja, no total serão premiados cinco assinantes.

O Porteiro do Conservatório

Nestor de Hollanda Cavalcanti

Era 26 de dezembro de 1979, estávamos na Sala Cecília Meireles, por volta das dez horas, esperando o término das atividades do relógio da Mesbla para iniciar a gravação de mais um disco dedicado à memória musical brasileira. Pilotava o Nagra, Frank Acker e o piano, Fernando Lopes. Durante cerca de quatro horas, enfrentando os miados, latidos e ruídos diversos da Lapa noturna, aos poucos, foram surgindo as "quadriglias" "Caxoeira", "Santa Maria", "Morro Alto", "Saltinho", "Mogy-Guassu", "Quilombo" e também "Mormorio", "A Cayumba", "Niny", "Anemia", "Grande Valsa de Bravura", "Uma Paixão Amorosa". Uma beleza! Tudo obra de um seresteiro de Campinas, autêntico *pianeiro*, de quem, um certo dia, lenda ou não, Verdi, num momento de entusiasmo, teria dito: "*Questo giovane comincia da dove finisco io*".

Dois anos depois, a Funarte lançava "O Piano Brazileiro de Carlos Gomes". Sim, eram obras dele mesmo - tão acusado de "italiano", mas brasileirão à beça - do autor de "Il Guarany", "Lo Schiavo" e também de mais de cinqüenta modinhas, como "Quem sabe?" ("Tão longe, de mim distante..."). "Um gênio muito maior do que se supunha", reconheceu Mário de Andrade.

Aliás, a propósito de "Lo Schiavo", é interessante observar que à época de sua estréia no Teatro Lírico, a 27 de setembro de 1889, o Imperador tratava da reforma do Conservatório de Música - anexo à Academia de Belas Artes - e, conforme prometeu, iria entregar a direção ao compositor. Em 15 de novembro, caíram o trono e a promessa e o republicano Leopoldo Miguez assumiu a direção do agora Instituto Nacional de Música. "No Rio não me querem nem para porteiro do Conservatório", escreveu nosso Carlos Gomes, um ano antes de morrer, em carta a um amigo.

Pois bem, este ano se comemora o centenário de falecimento deste compositor. Uma excelente oportunidade para o Rio de Janeiro mostrar o quanto quer este artista, que, junto com uma meia dúzia de quatro ou cinco, é um patrimônio da nação. Homenagear Carlos Gomes, não está tão longe de nós distante. ■

O compositor Nestor de Hollanda Cavalcanti é diretor da divisão de música da RioArte.

Agenda

• **E**m abril, no Espaço BNDES: "Redescobrindo Carlos Gomes". Série de três concertos produzida pela pianista Lilian Barretto. No programa do dia 11, "Carlos Gomes e Dvorák: dois momentos do século XIX", com o Quarteto Bessler. Dia 18, "Gomes e seus contemporâneos", com o soprano Carol McDavit e o pianista João Carlos Assis Brasil. E dia 25, "Carlos Gomes e Villa-Lobos: dois índios de casaca", com José Staneck, gaita, e Laís Figueiró, piano.

• **A** Biblioteca Nacional abrirá este ano uma seção dedicada a compositores brasileiros (com destaque para Carlos Gomes) em sua *home page* na Internet. O público terá acesso a bibliografias de Gomes, além de uma biografia e músicas em arquivo *mid*. Já a seção de música da biblioteca colocará à disposição do público seu acervo de gravações de Carlos Gomes, que poderão ser ouvidas em fitas cassete. Há ainda um projeto da BN com a Telebrás, que lançará cartões telefônicos comemorativos do centenário de Carlos Gomes, com biografia, resumos de libretos e ilustrações sobre as óperas do compositor.

Romeu & Julieta

Estrelando

Arnaldo Orlando
no papel de Romeu

Arnaldo Orlando
no papel de Julieta

SEM O PATROCÍNIO DE GRANDES EMPRESAS, VÃO ACABAR TRANSFORMANDO ATÉ "ROMEU E JULIETA" EM MONÓLOGO.

É graças ao apoio de grandes empresas que filmes, shows, peças, exposições e restaurações finalmente saem do papel. E a Petrobras, consciente da sua responsabilidade social, vem colaborando decisivamente para o renascimento cultural do nosso País. Por isso, patrocina a recuperação de monumentos históricos, entre eles o Palácio Gustavo Capanema, no Rio, apóia filmes, festivais, teatros e exposições, e atua em diversos outros projetos culturais. Esse é o papel da Petrobras. Comprovando mais uma vez sua preocupação com a preservação da memória do nosso povo. Porque empresas como a Petrobras não devem nunca virar as costas para um assunto tão sério.

BR PETROBRAS

BRASIL

Mozarteum 1996

A partir desta edição, VivaMúsica! passa a registrar mensalmente tudo que acontece na série de concertos internacionais do Mozarteum Brasileiro, em São Paulo.

A temporada 96 começa em abril, com a apresentação da Orquestra Jovem da União Européia, tendo o maestro Vladimir Ashkenazy como regente e o violinista convidado Christian Telzlaff *(leia matéria de capa desta edição)*. A violinista Márcia Lehninger foi o artista nacional escolhido para tocar com a Orquestra Jovem da União Européia nas etapas brasileiras da turnê.

Ainda na área de orquestras, passarão pelo palco do Municipal de São Paulo, a Orquestra Sinfônica Tchaikovsky Estatal de Moscou, em agosto; Orquestra de Câmara Filarmônica de Viena, em setembro - com a violinista Bettina Gradinger - e a Orquestra Filarmônica de Dresden, sob a regência de Günter Herbig, apresentando o jovem prodígio alemão Sebastian Guertler (violino), em outubro. A Scharoun Ensemble Berlin, formada por músicos da Filarmônica de Berlim, toca em setembro.

O Mozarteum Brasileiro traz nesta temporada duas divas do canto lírico. O soprano norte-americano Marilyn Horne faz duas récitas no mês de outubro, acompanhada de Brian Zeger ao piano. E, fechando a a série internacional, o soprano Barbara Hendricks canta acompanhada da Orquestra de Câmara de Praga, em novembro.

Diversificando ainda mais sua atuação, o Mozarteum Brasileiro oferece aos seus assinantes o *jazz* brilhante do pianista canadense Oscar Peterson, em abril. Em maio é a vez do conjunto alemão de metais German Brass.

Como o Mozarteum é uma sociedade que visa difundir a música clássica, está programado um concerto grátis, ao ar livre, no Parque do Ibirapuera, dia 11 de agosto, com a Orquestra Sinfônica Tchaikovsky Estatal de Moscou.

A presidente do Mozarteum Brasileiro, Sabine Lovatelli, esteve em fevereiro na Europa fazendo contatos para as próximas temporadas. Para 97, a presidente anuncia uma programação voltada para as grandes orquestras mundiais. A sociedade está abrindo inscrições para novos assinantes entre 11 e 15 de março, basta entrar em contato com o telefone (011) 815-6377. O endereço do Mozarteum é: Av. Brigadeiro Faria Lima, 1.664, 10º andar, conjunto 1021, São Paulo.

Hendricks: Em novembro na série internacional

Enfim, o formato NOVO

Renato Machado

Foi um ano de decisões cruciais - e lentas. De um lado, os chefões da indústria de eletrônica, comunicações e informática, discutindo, por cima da fogueira das vaidades tecnológicas, qual será o formato do CD para o terceiro milênio.

Do lado de cá, ansiosos e desinformados, os consumidores - que aqui sequer tiveram tempo de comprar *laservideo* de 12 polegadas. Não precisam mais. O novo formato sai até o fim do ano.

A negociação durou quase dois anos. Em meados de 94, já não era segredo que a Sony e a Philips (esta, com certa relutância) tinham acertado as teclas para o desenvolvimento do DVD, *Digital Video Disc*.

O projeto era fazer um disco aparentemente igual ao CD, mas capaz de armazenar 135 minutos de imagem e áudio, em vez dos 74 minutos de som atuais. E ainda espaço suficiente na memória para uma trilha sonora extra e diálogo em mais de uma língua, no caso dos filmes.

Mas os rivais - Toshiba, apoiada pela Matsushita (Panasonic e Technics), mais Pioneer, Hitachi e a Thomson francesa - defendiam outro sistema. A diferença entre os dois lados era o disco. Um tinha mais capacidade de memória que o outro - 3,7 gigabytes no processo Sony/Philips, 5 gigabytes no disquinho da Toshiba.

A guerra parecia iminente e inevitável - uma arrepiante repetição da bobagem comercial que foi o lançamento do VHS e do Betamax nos anos 70. Mas, desta vez prevaleceu o bom senso.

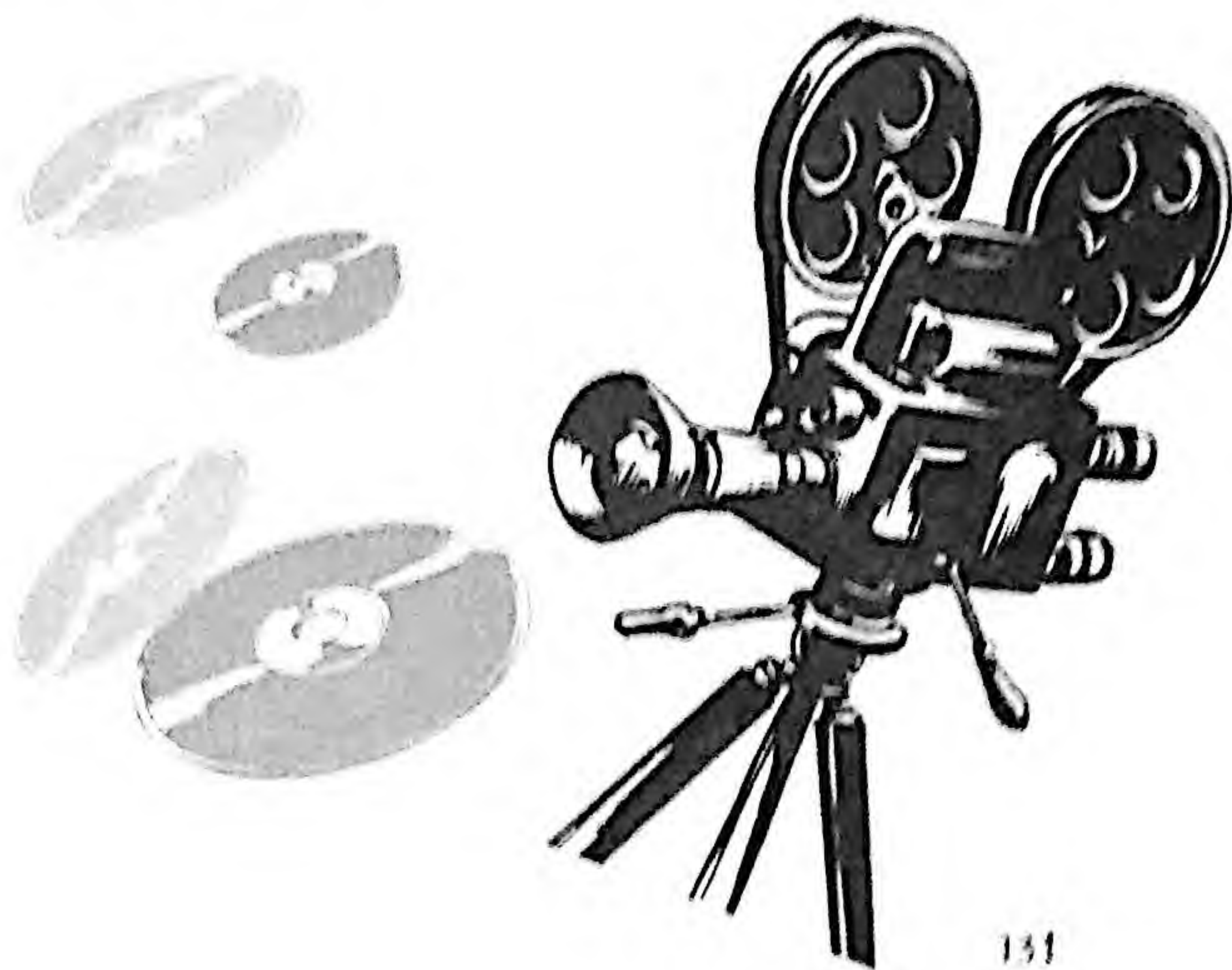
Vários outros problemas correlatos tinham que ser resolvidos. O mais premente do ponto de vista do consumidor era o suporte - a máquina que vai girar o disco e ler através de um feixe de *laser* toda aquela quantidade de informação nos *data pits*.

Chegou-se finalmente a uma fórmula que vai aceitar os CDs antigos. Mas, o *CD player* comum não vai poder tocar os novos DVDs.

E como serão eles? Iguais ao CD, mas com duas camadas de informação no mesmo lado, superpostas. O *laser* vai ler as duas camadas variando a altura da lente leitora. Esta, por sua vez, tem uma "abertura numérica" (medida do ângulo que permite a captação de luz e sua focalização no *pit* impresso) que permite leitura de pontos menores do que no CD comum.

Boa parte da demora no acordo do novo formato se deveu a preocupações da indústria de áudio. Muito investimento foi feito pelas gravadoras e pelo setor de eletrônicos nos últimos anos para que a qualidade de repente fosse sacrificada num formato digital cujo resultado ninguém ainda conhece direito.

Esta, aliás, é a nossa preocupação aqui na **VivaMúsica!** também. Sabemos que telas e computadores não terão grande problema de adaptação (o DVD vai ser o disquete e o CD-ROM do futuro).

O juiz mais severo do ponto de vista musical é o ouvido. Com a qualidade de áudio, em música clássica, não se pode transigir. Neste ponto não pode haver soluções conciliatórias e a indústria sabe disso. ■

CD-ROM

UMA NOVA ABORDAGEM DA MÚSICA

Mário Willmersdorf Jr.

A última "grande revolução" na reprodução musical foi sem dúvida o advento do CD, reduzindo substancialmente o tamanho dos antigos LPs e, principalmente, acabando com o festival de ruídos característicos da reprodução mecânica. Mais recentemente, os CDs sofreram uma otimização, com as gravações passando a ser realizadas não mais no padrão de 16 *bits*, mas no de 20, o que traz uma definição ainda melhor. Os possuidores dos revolucionários toca-discos de CD julgavam-se no nirvana e proprietários de uma tecnologia definitiva. Mas infelizmente — ou será felizmente? — nada neste mundo é definitivo.

O primeiro sintoma é aquele rumor correndo de boca a orelha. De repente você se sente inseguro. É quando o rumor assume contornos mais assustadores e ameaça transformar-se em uma realidade avassaladora. A nova tecnologia avança a passos largos e começa a conquistar seu espaço. Você não gosta, diz que não quer e pronto. Mas fica acompanhando de rabo-de-olho. Afinal de contas, aquilo é coisa de computador e não tem nada a ver com a sua música. Você, aliás, está mais do que em dia com a modernidade. Tem até, num cantinho do seu quarto, aquele micrinho que, não se pode deixar de reconhecer, é bem superior à velha companheira de tantos anos, a máquina de escrever.

Definitivamente não: essa coisa de CD-ROM é para aqueles joguinhos de computador. A César o que é de César; a você, seu amado CD *player*. Estamos conversados. É bem verdade que ultimamente você tem visto nas vitrinas, cada vez com mais freqüência, títulos musicais em CD-ROM. Coisas como "Stravinsky Multimidia", "Beethoven Multimídia" e daí por diante. Só pode ser coisa para ensinar música para crianças. Deve ser até interessante mas, positivamente, não é o seu caso.

É aí que vem aquele calafrio. De repente é como se um raio desabasse sobre sua cabeça! As porta da sua memória se escancaram e você se lembra da primeira reação que teve diante do CD, hoje seu melhor companheiro de lazer. Afinal de contas, com aquela fantástica coleção de LPs, grande parte deles importados, inclusive, você lá era louco de dar uma de Ivan Lins e "começar de novo"? Nem pensar. E aqueles discos ingleses da Decca, prensagem maravilhosa. E os digitais japoneses, então? Massa perfeita! Onde já se viu... CD, leitura ótica... isso não ia emplacar mesmo! Era mais uma tecnologia nova para cair no esquecimento. Afinal de contas, você não é bobo e traz bem frescos na memória exemplos como o da quadrafonia, a grande sensação dos anos 70 que acabou não dando em nada... Hoje você sabe, com toda a segurança, que não trocaria seus CDs por nada desse mundo. Mas CD-ROM?!

Sim, CD-ROM! A sigla - mais uma - pode até assustar um pouco, mas a coisa é mais simples do que se possa imaginar. E a tendência é, seguramente, irreversível. Dentro de poucos anos todas as residências serão inteiramente controladas por microcomputadores que irão gerenciar todos os eletrodomésticos e as tarefas do dia-a-dia de sua casa. É exatamente dentro de contexto do multimídia que se insere o CD-ROM.

Para descomplicar: o CD-ROM é, na aparência, um CD como outro qualquer, só que ao invés de trazer apenas música, ele também armazena imagens. A ponto de ser possível condensar uma enciclopédia completa em apenas um CD. Ao consultar um verbete, através do teclado do seu micro, você acessa, além da definição, imagens do objeto em questão, muitas vezes em movimento. Se a consulta é sobre um compositor, você ouve um trecho de música composta por ele, e assim por diante.

No que se refere à música, a nova tecnologia possibilitou algo antes inimaginável: você ouvir sua página predileta em ambiente multimídia. O que significa dizer que você pode, ao mesmo tempo que ouve, acompanhar a partitura exibida na tela, que vai se deslocando conforme a música avança. Mas isto não é tudo. Você pode também isolar um determinado grupo de músicos e ouvir apenas aqueles instrumentos. O CD-ROM traz também informações sobre a gênese da obra, as circunstâncias em que ela foi criada, dados sobre o compositor e assim por diante. O limite é simplesmente o próximo passo. É uma nova fronteira que se abre para os ouvintes: a da música interativa. E para você, que fica sempre com o pé atrás diante de certas inovações tecnológicas que o atingem diretamente no coração, fica o consolo: seus CDs não ficarão de todo desatualizados. Além disso, o *drive* de CD-ROM (nome técnico do toca-discos da nova tecnologia) toca tranqüilamente todos os seus CDs.

VivaMúsica! não poderia, de modo algum, ignorar o hoje. É preciso sempre estar em dia com o novo. Caso contrário, estaríamos deixando de cumprir um dos objetivos primordiais de qualquer meio de comunicação, que é o de informar. E queremos que nossos leitores estejam sempre muito bem informados. É por isso que a partir do número de abril estaremos trazendo também a análise e o comentário sobre os principais lançamentos na área. ■

No próximo número

O maestro Eleazar de Carvalho é nossa reportagem de capa.

A próxima edição de **VivaMúsica!** traz ainda uma nova seção fixa, dedicada a compositores brasileiros.

Você ainda vai ler os artigos "A nova música velha", do violinista brasileiro residente na Holanda Luís Otávio Santos, e "Carlos Gomes: Um mestre da música universal", do professor João Carlos Dittert.

A Perenidade dos Discos

Sylvio Lago Jr.

Certa vez, o grande maestro holandês Eduard Van Beinum afirmou que 25 anos após a morte de qualquer regente, de sua carreira artística permaneceriam apenas as anedotas. O certo é que a evolução da indústria fonográfica, da década de 50 para cá, desmentiu a previsão de Van Beinum. Em verdade, o maestro começou a se imortalizar a partir dos registros fonográficos de suas *performances*. O disco foi o que mais contribuiu para a popularização dos maestros e de suas orquestras, sendo que o musicólogo francês Alan Pâris tem razão de afirmar que o disco "promoveu a mais profunda evolução de toda a história da interpretação musical".

"Mozart e Haydn não conheciam tanta música barroca quanto o melômano contemporâneo."

Dada a enorme difusão dele, foi possível ao ouvinte descobrir e conhecer não somente as novas obras musicais, como também apreender o significado mais sutil de cada interpretação de regentes, pianistas e outros virtuoses. Karl Bath, famoso teólogo luterano, escreveu que "graças à invenção do gramofone, ao qual nunca agradeceremos suficientemente, ouço Mozart cada manhã há muitos anos e só depois começo a trabalhar". E se anteriormente ao disco, o contato do melômano com a obra musical e o intérprete era feito somente nas salas de concerto, com a reprodução fonográfica estabeleceu-se um novo tipo de comunhão artística entre intérpretes e ouvintes. Jean-Charles Hoffelé, com razão, observa que "nunca, desde o tempo em que o ser humano compõe e escuta a música, foi posto à disposição do ouvinte um repertório tão vasto". A verdade é que, por extraordinário que pareça, "Mozart e Haydn não conheciam tanta música barroca, nem Wagner tantas obras de Mozart e Haydn, quanto o melômano contemporâneo".

Mais significativo é que, por causa desse novo ouvinte, tenha surgido uma nova forma de crítica que o teórico, compositor e regente René Leibowitz denomina de "Discologia". Ou seja, a investigação, a pesquisa e a avaliação dos desempenhos interpretativos musicais das gravações de som, e agora também do vídeo. Essa crítica é dirigida ao "ouvinte consciente", ou o que se convencionou chamar de *auditor sapiens*, isto é, o ouvinte que adquire a capacidade de escutar a música de modo crítico e analítico e sob o influxo da educação do gosto e dos sentidos. Um ouvinte que tem discernimento e que "aceita ou recusa uma determinada interpretação", segundo observa o maestro autenticista Nikolaus Harnoncourt.

É preciso, todavia, que se diga que o prazer da audição da música não pode transformar-se em uma obsessiva comparação de *performances*, ou naquilo que o musicólogo alemão Jugenheimrich chama de uma "espécie de caça trivial de matizes insignificantes", pois, como se sabe – e é axiomático –, são inumeráveis as possibilidades de recriação musical. Para alguns intérpretes, a gravação "é a mais material das experiências que existem na música" (Glenn Gould) e, para outros, "conduz a uma mecanização e a uma servidão perigosas para a inspiração e o sentimento musical" (Pablo Casals). Nesse particular, o cravista Gustav Leonhardt considera pouco estimulante um estúdio de gravação, "que se parece mais com um hospital do que com uma sala de concerto".

O maestro Sergiu Celibidache sempre relutou em entrar no estúdio porque considerava que as gravações esterilizam a qualidade artística da obra musical, e também porque a recriação da música é um processo de renovação permanente, de um momento único, irrepetível. Agora, após os oitenta anos, gravou *videolasers* das "Sinfonias Nos. 6, 7 e 8", de Bruckner, e uma inesquecível "Sinfonia Clássica" de Prokofiev, tendo ainda outros projetos de gravação. Longe dos estúdios, o ouvinte somente poderá ouvi-lo em raros registros fonográficos italianos e em gravações piratas de seus concertos públicos.

Mas por muitas e variadas razões, todos os grandes maestros, virtuoses e intérpretes têm privilegiado as gravações como forma de legado de seus gênios, de suas artes e de seus testemunhos artísticos. Por diferentes razões, Herbert von Karajan, Bernstein e Glenn Gould conferiram extraordinária importância ao disco e ao estúdio. Karajan, durante toda sua vida, mostrou-se sempre um entusiasta das novas tecnologias audiovisuais, tendo sido um dos primeiros a se interessar pelo sistema digital e o vídeo. Bernstein afirmava preferir as gravações de estúdio porque "será sempre demasiado tarde para uma segunda contemplação", e Gould referia-se à "segunda chance" para os acertos das imperfeições interpretativas.

Toscanini foi outro maestro que realizou inumeráveis gravações de estúdio e públicas, com um volumoso catálogo fonográfico e memoráveis registros como o de "Falstaff"," Fidelio" e "A Flauta Mágica", em Salzburg, 1936, que marcaram não somente, para ele, o fim de uma carreira de regente de ópera, "mas o ponto final de uma civilização da ópera", segundo André Tubeuf. Já Furtwängler deixou gravadas as suas legendárias apresentações da época da guerra, recentemente convertidas em CD, como um dos grandes clássicos da discografia de todos os tempos. De Erich Kleiber saem reeditadas as célebres interpretações da "Eróica" e da "Sétima", de Beethoven, todas reprocessadas digitalmente.

Muito se tem escrito sobre as "versões maiores" de certas obras, e o mais notável é que essas interpretações, no disco, como que se equivalem ao valor das próprias composições. Não é de surpreender, assim, que, com muita freqüência, certas versões sejam consideradas como de "referência", incomparáveis, *pour l'eternité*, como dizem os críticos franceses. Basta que se recorde, pelo interesse, importância e valor, dos "Kindertotenlieder", de Mahler, com Kathleen Ferrier e Bruno Walter, as valsas de Chopin com o piano de Dinu Lipatti, os *lieder* de Hugo Wolf com Elisabeth Schwarzkopf e Furtwängler ao piano, as sonatas para piano de Beethoven com Wilhelm Backhaus e Edwin Fischer, e as sinfonias também de Beethoven com Furtwängler (todas) e Erich Kleiber (3ª e 6ª), a "Winterreise", com Hans Hotter, a obra pianística de Brahms com Julius Katchen, a "Vida de Herói", com Willem Mengelberg, e as "Quatro Últimas Canções", com Schwarzkopf e Georg Szell.

Fenômeno recente da indústria fonográfica, é a reedição em CD de gravações que entraram para a história do disco, registros que marcaram época e até hoje permanecem na memória dos discófilos pela qualidade interpretativa. Restauradas a partir das gravações originais e remasterizadas graças às diversas técnicas digitais, abrangem uma prodigiosa diversidade de artistas e obras: integrais sinfônicas e pianísticas, óperas legendárias, versões camerísticas e referências permanentes da música vocal. As principais gravadoras multinacionais possuem em seus catálogos séries especiais destinadas exclusivamente às interpretações consideradas históricas. O ouvinte deve ficar atento aos lançamentos das coleções "References", da EMI Classics, "The Originals", da Deutsche Grammophon, "Living Stereo", da Mercury, e "The Early Years", da Philips, todas reeditando gravações dos grandes intérpretes do passado. ■

Sangue Novo

Orquestra Jovem da União Européia toca em abril no Brasil sob regência de *Vladimir Ashkenazy*

Mariana Barbosa, de Londres

Se em matéria de política econômica os países da Europa não andam tão afinados, na música o tom é outro. A Orquestra Jovem da União Européia (OJUE), criada para promover a integração cultural entre os países, só coleciona elogios. Regentes famosos que já tocaram com a orquestra não hesitam em enaltecer a garra de seus músiucos. "De primeiríssimo nível", comenta Vladimir Ashkenazy *(veja entrevista na pág. 20)*. Além do fato de a orquestra já ter passado pelas mãos – ou batutas – dos principais regentes (Abbado, Giulini, Barenboim, Karajan, Bernstein, Solti, para citar alguns), o que impressiona é que seus integrantes são, em grande maioria, adolescentes.

Agora em abril, a orquestra faz sua primeira turnê pelos países do Mercosul, sob a regência de Ashkenazy e com o violinista Christian Tetzlaff como solista. As apresentações acontecerão nas quatro capitais do mercado comum, além de Rio de Janeiro, no dia 8, e São Paulo, no dia 16 *(assinantes VivaMúsica! podem comprar ingressos para o concerto carioca com 5% de desconto, pelo telefone (021) 254 3969)*. Quando a orquestra desembarcar no Rio, dia 5, os músicos terão passado por duas semanas de ensaio intensivo em um antigo convento perto de Maastricht, na Holanda. Eles terão a oportunidade de participar de aulas com professores consagrados de cada instrumento e de se entrosar em atividades extra musicais.

Como os integrantes são na maioria estudantes, a orquestra se reúne duas vezes por ano, nas férias de Páscoa e de verão. Nesta temporada, a opção pelos países do cone sul obedece a um motivo político: selar o acordo-quadro firmado entre os países-membros dos dois blocos econômicos em dezembro de 1995, em Madri. "Espero que este seja o começo de uma relação forte e intensa entre as regiões", afirma a secretária-geral e criadora da Orquestra Jovem, Joy Bryer. O caráter político da OJUE a acompanha desde seu nascimento. Esta é a única orquestra do mundo concebida no voto. Em 8 de março de 1976, o plenário do Parlamento Europeu aprovou sua criação por esmagadora maioria. Dois anos depois, teve início a primeira turnê, sob a regência do diretor-fundador, Claudio Abbado. O crescimento da orquestra foi acompanhando o da própria comunidade. No início, quando eram apenas nove países, a orquestra tinha menos de cinqüenta integrantes. Além das duas turnês, a orquestra costuma ser convidada para celebrar eventos importantes.

Um dos problemas que mais assombra os europeus, o desemprego, está longe das preocupações dos jovens da OJUE. Depois da experiência, 95 por cento deles têm postos quase que garantidos na principais orquestras de Berlim, Viena, Paris e Londres. "Essa é a melhor experiência musical que alguém pode ter", lembra a flautista escocesa Lorna McGhee, que fez parte da orquestra por quatro anos, a partir

Europeu

de 1990. Hoje, aos 24 anos, ela é a segunda flautista da Orquestra Sinfônica da BBC de Londres. E quem confere se os músicos estão de fato bem empregados são os próprios maestros. Depois de tê-los regido em 1989, Zubin Metha não cansa de escutar "Oi Zubin, lembra-se que fomos juntos para a Índia", sempre que é convidado para um concerto na Europa.

O pouco tempo de ensaio não representa nenhum obstáculo para o entendimento da OJUE. "Quando você fica mais velho, o trabalho vira rotina. O jovem quer entrar no mercado e precisa exibir seu potencial", conta Bryer. O entrosamento dos músicos é tanto que já saiu até casamento. A Orquestra de Câmara da Europa também, é fruto de uma união de ex-integrantes da OJUE que se desencantaram com o mercado e resolveram fundar o próprio conjunto. A música pode estimular a solidariedade e a união mas, também aguça a competição. Cada um quer tocar melhor do que o outro para ser escolhido como chefe de naipe. Contudo, como a palavra final fica com o regente convidado e o diretor musical, a competição serve para melhorar a qualidade final.

Fazer parte de um time de tal porte não é nada fácil. No processo de seleção, que ocorre a cada ano, a concorrência é grande: são seis mil candidatos para 140 vagas. Os únicos pré-requisitos são a idade (mínima de 14 e máxima de 23) e, obviamente, ser europeu e residir no próprio continente. As audições preliminares são realizadas em cada um dos 15 países da comunidade. Depois, o diretor de estudos da orquestra, Lutz Khler, e o chefe de cordas, David Strange, viajam para todas as capitais para escutar individualmente os cerca de mil finalistas e eleger os vencedores. Reserva-se somente uma vaga por país. A partir daí é uma questão de qualidade. "Só tem vaga para quem for um grande talento", garante Bryer. É preciso passar regularmente por um processo de seleção, independentemente de se tratar dos primeiros naipes ou não. Ninguém ganha cachê. Em compensação, passagens, acomodação e comida são pagas pela direção da orquestra. No caso das meninas, o vestido azul, confeccionado especialmente por Laura Ashley, mais o lenço com a bandeira da União Européia, também são providenciados. Os meninos tocam com o próprio *smoking*.

O repertório da orquestra quem escolhe é o regente convidado para a temporada, sempre privilegiando grandes sinfonias. Desta forma, dá-se oportunidade para um número maior de músicos se apresentar. Por isso, é mais comum ver a orquestra tocando Mahler, Strauss, Stravinsky, do que Haydn, ou mesmo Mozart. No Brasil *(ver box)*, além dos compositores russos eleitos por Ashkenazy, incluiu-se uma obra de Respighi em homenagem ao atual presidente do Parlamento Europeu, que é italiano. O "Concerto para violino", de Mendelssohn, foi escolhido pois o solista é alemão. Para o bis, cada país será homenageado com a interpretação de uma composição local. No Brasil, será uma peça de Villa-Lobos. Um violinista local é escolhido para fazer parte da orquestra durante os concertos em seu próprio país *(leia matéria na página 25)*. Fernando Henrique Cardoso, que será o patrono da orquestra durante a estadia no Brasil, e d. Ruth, já aceitaram o convite para o concerto de Brasília.

Mesmo com a agenda apertada, os músicos terão um tempinho para fazer turismo. "Absorver a cultura local é tão importante quanto dar um concerto. Quero que os europeus comam comida brasileira, dancem tango e rumba", afirma Bryer. Depois, eles têm que voltar correndo para retomar as aulas nos respectivos países e organizar a farta agenda futura. Nas férias do meio do ano, a orquestra vai para a Escandinávia com Sir Colin Davies.

Financeiramente, a orquestra sobrevive com uma contribuição do parlamento e também dos governos dos países-membros. A empresa de telecomunicações AT&T também entra com um patrocínio. Só a parte brasileira da viagem irá custar US$ 110 mil dólares, que estão sendo financiados por um consórcio de empresas nacionais. "É muito bom que os governos dêem dinheiro, pois eles ficam mais envolvidos com o espírito da orquestra", finaliza Bryer.■

"A Orquestra Jovem é de primeiro nível"

Depois de exibir no Brasil os dotes de pianista em 1995, agora é o regente Ashkenazy quem chega para um concerto. À frente da Orquestra Jovem da União Européia (OJUE), em abril, o polivalente russo irá fazer três apresentações no Brasil (Brasília, Rio e São Paulo). Com 59 anos, que não aparentam, Vladimir Ashkenazy consegue equilibrar uma maratona de viagens para realizar 50 concertos como pianista e 90 como regente ao ano, com quatro horas de estudo diário, gravações, tempo para a mulher e os cinco filhos e, finalmente, para si próprio. "Procuro levar uma vida normal", diz ele, na maior simplicidade.

Atualmente, Ashkenazy ocupa o posto de diretor da Deutsches Symphonie-Orchester, em Berlim. É ainda principal regente convidado da Orquestra de Cleveland e regente convidado da Filarmônica de Los Angeles e das sinfônicas de Boston e São Francisco. No início de 1995, afastou-se da direção da Royal Philharmonic de Londres, após oito anos no posto, quando descobriu que negociações para sua substituição estavam sendo feitas nas suas costas.

Nascido em Gorki, na Rússia, em 1937, de pais pianistas, desertou o regime em 1963, adquirindo a cidadania islandesa nove anos depois. É famosa a história dele ter sido contratado pelo regime soviético como espião da KGB para denunciar os colegas de conservatório. Incomodado, começou a passar informações irrelevantes, abandonando o regime em seguida. Orgulha-se de ter desertado, mas tem vergonha de ter aceito o encargo no início. Na seguinte entrevista, exclusiva para VivaMúsica!, o pianista/regente fala de sua carreira, da Rússia e de suas impressões sobre o Brasil. A entrevista foi concedida por telefone, de sua casa em Lucerna, na Suíça.

VIVAMÚSICA! - *Dizem que um pianista teria de ter duas vidas: uma para estudar e a outra para viver. Parece que o senhor usa a segunda para reger. Como é possível lidar com duas atividades tão exigentes?*

VLADIMIR ASHKENAZY - Eu tento manter um planejamento muito cuidadoso de meu tempo. É preciso muita disciplina, o que, aliás, eu gosto. Cuido também de minha agenda com a maior seriedade, bem como de minha saúde.

VM! - *De alguma maneira especial?*

ASHKENAZY - Não exatamente. Eu procuro me movimentar bastante. Enquanto estou regendo, é claro, porque a atividade assim o exige. Caminho bastante também e, como moro na Suíça, sempre vou às montanhas. Gosto muito de nadar, em suma, de manter atividades físicas. E também procuro não fazer nenhuma bobagem, não fumo e nunca bebo até cair. Tento viver de uma maneira bem normal.

VM! - *O senhor já era um pianista célebre quando começou a reger. Alguma vez sentiu medo de que o regente fosse comparado ao pianista?*

ASHKENAZY - Este problema não é meu, faço o que gosto e não tenho ansiedade nenhuma. O impulso que me levou à regência foi a atração pela música, já que uma enorme quantidade de boa música foi feita para orquestra.

VM! - *Qual atividade é mais estressante: a regência ou o piano?*

ASHKENAZY- Do ponto de vista psicológico, o piano, claro. Com ele você está sozinho, não é possível dividir a responsabilidade. Com a orquestra é possível dividir, você a ajuda mas ela também te ajuda. Quando você está sozinho com o piano, ninguém pode ajudar.

VM! - *O senhor já manifestou uma certa aversão por ópera. A opinião continua a mesma?*

ASHKENAZY- Não é tão simples. Eu não diria que não gosto, mas diria que ópera não é minha prioridade. Eu acho que ópera é tão voltada para o espetáculo, para superficialidades e artificialismos da produção, que, em princípio, não me inspira. Mas eu preciso me qualificar para ela, porque muita música incrivelmente bela foi escrita para ópera. Dizer que gosto ou não de ópera é simplificar uma relação mais complexa, mas é verdade que ela não é prioridade.

VM! - *Há alguma gravação da qual seja particularmente orgulhoso?*

ASHKENAZY- Eu prefiro não comentar sobre meu próprio trabalho.

VM! - *Em outra entrevista o senhor declarou que a música contemporânea estava chegando a um beco sem saída. Se música é uma arte viva, não acha que os compositores vivos deveriam ter uma parcela maior nos programas de música clássica?*

ASHKENAZY- Esta pergunta comporta duas questões. Eu sempre manifestei um medo de que a música chegasse a um beco sem saída, mas não posso afirmar que ela está. Eu sempre digo que não sei para onde ela vai, é possível que chegue a um beco, mas não posso prever. Sempre acho que um outro gênio pode aparecer, alguém que descubra novas formas ou áreas de expressão. Esta é minha postura e tem sempre sido assim. Quanto à sua presença nos programas, é surpreendente a quantidade de música contemporânea que tem sido tocada na Europa, principalmente nas grandes capitais. Mas não só nelas. Eu tenho regido a Deutsches Symphonie-Orchester em Berlim, e você ficaria surpresa com a quantidade de música contemporânea que tem sido tocada.

VM! - *Como o senhor reconcilia as necessidades de uma carreira e o idealismo artístico?*

ASHKENAZY- Talvez eu não saiba como responder a esta pergunta. Eu apenas tento fazer o meu trabalho da melhor maneira possível, o resto eu deixo nas mãos do destino ou de Deus, ou como quer que você o chame. As pessoas que são muito orientadas pela carreira não deixam necessariamente de ser idealistas por causa disso. A natureza humana é engraçada, ela pode combinar todo tipo de características diferentes ou até mesmo contraditórias. Há muitos exemplos de pessoas que são tremendamente idealistas e ao mesmo tempo são muito hábeis com coisas práticas. Então eu acho que é possível conciliar as duas coisas, apesar de eu não pertencer a essa categoria porque nunca procurei deliberadamente construir uma carreira. Acho que eu tive a sorte de conseguir o sucesso sem nenhum esforço direcionado a ele.

VM! - *O público brasileiro terá a oportunidade de escutar a sua famosa parceria com Itzhak Perlman e Lynn Harrell?*

ASHKENAZY- Itzhak decidiu que não quer mais tocar trios, ao menos não conosco. No ano que vem estarei tocando trios com Lynn Harrell e Pinchas Zukerman, e até o momento não temos planos de tocar no Brasil.

VM! - *O senhor já passou mais tempo vivendo no Ocidente que na antiga União Soviética. O senhor ainda se considera russo ou, ainda, um ex-soviético?*

ASHKENAZY- Basicamente, eu não sou tão soviético, eu não possuo nada da mentalidade soviética, ou ao menos não possuo mais. Deixei a União Soviética quando tinha 26 anos e, naquela época, eu ainda não era sequer maduro enquanto

indivíduo soviético. Eu sempre odiei a ideologia soviética e sempre me ressenti com o totalitarismo que vinha embutido no sistema. É claro que me sinto russo, sou um produto da cultura russa. Mas tendo vivido no Ocidente por mais da metade de minha vida, eu não posso dizer que não mudei. Mudei muito, obviamente, e agora sou um fruto híbrido. Mas se você vive os 26 primeiros anos da sua vida numa certa cultura, é claro que você é um produto dela, porque o clima mental e emocional fica para o resto da vida. Isso não quer dizer que algumas coisas não se modificam, mas o básico continua o mesmo.

VM! - *Quando o senhor voltou a se apresentar na Rússia?*
ASHKENAZY - Minha primeira viagem foi em 1989, logo após a queda do regime, quando me apresentei tanto como pianista quanto como regente.

VM! - *Imagino que tenha sido uma experiência emocional muito forte...*
ASHKENAZY - Foi uma experiência tremenda ver o país libertado de um monte de restrições. Infelizmente, eu tive ao mesmo tempo uma impressão de enorme ansiedade e insegurança na nação, pois ninguém sabia para onde ela estava indo. E, agora, ninguém sabe ainda para onde ela vai, porque mudar do totalitarismo soviético para uma total liberdade, que envolve até mesmo um mercado livre, é algo que nunca tinha sido sequer tentado. A Rússia está em um estado caótico e este é um momento muito perigoso para o país. Eu só espero que ela saia dessa situação. Estou certo de que sairá, só não sei quando.

VM! - *O que aconteceu com o nível legendário dos conservatórios soviéticos?*
ASHKENAZY - Eu não sei o que dizer, pois não acompanho o que se passa nas escolas de lá. No momento, não há dinheiro para a música ou para a cultura, mas não se deve ficar muito preocupado com o futuro porque a Rússia é um país enorme, com um tremendo potencial e gente muito talentosa. No devido tempo, acredito que poderá consertar a si própria. Há sempre entusiasmo e pessoas idealistas que querem atingir metas nas atividades culturais. Enfim, estou certo que encontrará o seu caminho.

VM! - *O que o senhor acha da direção que a Royal Philharmonic Orchestra tomou depois de seu afastamento, associando-se à Classic FM ?*
ASHKENAZY - Espero que isso possa se desenvolver em algo bastante sólido e cheio de êxito. Eu realmente torço por eles porque a situação das orquestras em Londres é bem difícil no momento. Quanto à Classic FM, eles são musicalmente sérios, têm sido bem-sucedidos, e, com isso, podido ajudar a muita gente, inclusive à Royal Philharmonic. Não acho que haja nada de errado com isso.

VM! - *Depois de ter colaborado com a Orquestra Jovem da União Européia em seis ocasiões, como o senhor avalia a qualidade de seus músicos?*
ASHKENAZY - É muito, muito alta. É na verdade de primeiríssimo nível. Varia de ano para ano porque os membros têm de se renovar sempre, mas num bom ano ela é tão boa quanto qualquer orquestra famosa.

VM! - *Qual é a responsabilidade em se trabalhar com adolescentes? De que forma o senhor procura encorajá-los?*
ASHKENAZY - Não acho que haja nenhuma responsabilidade especial, é o mesmo que trabalhar com qualquer orquestra profissional. Na verdade, acho que é até mais fácil, porque eles vêm com entusiasmo e interesse e tentam fazer o que peço com maior rapidez. Eles curtem muito o que estão fazendo, algumas vezes até mais que os músicos profissionais.

VM! - *Como o senhor vê a dimensão política de projetos culturais como a Orquestra Jovem da União Européia?*
ASHKENAZY - Nada especial, é sempre uma vantagem o encontro de pessoas de diferentes países, diferentes experiências. Há sempre uma possibilidade de intercâmbio de pontos de vista. Estes projetos só podem trazer mais entendimento entre os diferentes povos, seja isso uma orquestra, uma conferência, um esporte. É sempre uma coisa positiva.

VM! - *Por que o senhor sempre se apresenta com camisa de gola alta? Alguma coisa contra a casaca?*
ASHKENAZY - Não tenho problemas com a casaca, mas tampouco vejo por que ela é necessária. Para mim, ela parece um pouco engraçada e me sinto muito diferente do resto do público. Simplesmente não vejo a necessidade, e ainda não entendo por que as pessoas precisam vestir casaca para se apresentar. Um terno normal é exatamente a mesma coisa que as outras pessoas estão usando.

VM! - *Com tantos músicos em casa, como é o ambiente musical? Vocês também se divertem fazendo música?*
ASHKENAZY - Minha esposa e dois dos meus cinco filhos são músicos, mas nós não precisamos da música como diversão. Ela está em nossas mentes e em nossos corações.

VM! - *O senhor tocou no Brasil recentemente. O que achou da recepção do público?*
ASHKENAZY - Não me lembro de ter havido nenhum problema.

VM! - *O senhor já regeu e gravou Villa-Lobos com a pianista Cristina Ortiz. O que acha de Villa-Lobos e da música clássica brasileira?*

ASHKENAZY - Eu não conheço muito a música de Villa-Lobos, mas acho que é muito exuberante, espontânea, cheia de colorido, eu gostei de fazê-lo. Nunca toquei nada dele para piano, mas isso é porque eu prefiro me concentrar no repertório europeu mais tradicional. Creio que não conheço nada de outros compositores brasileiros.

VM! - *O público brasileiro sempre gostou muito da música russa. O senhor vê alguma afinidade entre temperamentos tão distantes?*

ASHKENAZY - Não acho que se possa dizer que eles são tão diferentes. Basicamente, toda a humanidade é uma só, com algumas ligeiras diferenças de *background*. Não me surpreende que o público brasileiro que se interessa por música clássica goste de música russa, pois ela tem muito a oferecer. Há muitas semelhanças entre nações aparentemente distintas, e em alguns casos as similaridades se sobrepõem. ■

(Mariana Barbosa)

Tetzlaff será o solista

Irineu Franco Perpétuo

DIVULGAÇÃO/ EUYO

O solista que acompanha a Orquestra Jovem da União Européia em sua turnê brasileira tem gosto especial pelo repertório menos usual. O alemão Christian Tetzlaff, de 29 anos, que toca um Stradivarius de 1713, coloca os pouco executados concertos de Korngold e Janácek ao lado dos ultra-manjados Bach e Brahms. Estreou aos 22 anos, na Alemanha, com a Filarmônica de Munique regida por ninguém menos que Sergiu Celibidache. A estréia americana foi no mesmo ano, tocando – sintomaticamente – o concerto de Schönberg.

Esta preferência pelo "repertório de descoberta", um item em ascensão no mercado internacional de CDs, está patente em seu último CD (*à venda através de **VivaMúsica!** - informações pelo telefone (021) 253 3461*), lançado pela Virgin Classics, com a qual Tetzlaff tem contrato de exclusividade.

Neste disco, o músico interpreta o pouco conhecido "Concerto para violino", de Kurt Weil. À frente de solistas da Deutsche Kammerphilharmonie, Tetzlaff mostra entender e gostar da música, e convence plenamente nesta obra de orquestração inusitada (violino solista de sopros). Com seu gosto pelo desconhecido, não custa torcer. Quem sabe, de passagem por aqui, Tetzlaff trave conhecimento com a música brasileira para violino e acabe incluindo alguma coisa em seu repertório.

Brasileira faz parte da Orquestra

A violinista Márcia Lehninger, 22 anos, alemã de nascimento e carioca por adoção, foi o instrumentista nacional escolhido para tocar como convidada da Orquestra Jovem da União Européia, que se apresenta em abril no Rio e São Paulo. Numa seleção feita através de fita, Márcia vai ter o privilégio de tocar sob a regência do maestro Vladimir Ashkenazy e do violinista Christian Tetzlaff (veja matéria ao lado), como solista da turnê brasileira.

Prodígio, Márcia Lehninger começou aos três anos de idade, aprendendo justamente violino, sob a supervisão do pai, o também violinista Erick Lehninger. Aos seis, passou para o piano e só retornou ao violino aos quatorze. Seus professores foram Fukuda, Marco Antonio Lavigner e a americana Nicole Lerch. Atualmente Márcia estuda na UNI-Rio, fazendo último ano da graduação, com o professor Paulo Bosisio.

Por cinco meses, em 95, Márcia foi o primeiro violino da Orquestra Sinfônica Brasileira. Há três anos ela toca na Orquestra Petrobras Pró-Música, mas sonha em montar um quarteto ou um grupo de câmara para tocar compositores romanicos ou barrocos. Ano passado ela foi solista de alguns concertos da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho. Detentora do prêmio no Concurso Nacional de Cordas, de 1993, em Juiz de Fora, a instrumentista já tem bolsa garantida para estudar na Universidade de Música de Yale (EUA), com o professor Erick Fridmann, no próximo ano. "Fiz um curso em Itú, com o maestro Eleazar e o professor Erick, que veio dar aulas neste encontro, gostou de mim e me convidou para ser sua aluna", conta radiante.

Amante dos compositores do período romântico e admiradora da velha escola de violinistas, Márcia preza mais a musicalidade, a sonoridade, que os velhos mestres imprimiram em algumas composições, que o virtuosismo da atualidade. "Me irrita um pouco o virtuosismo, a exibição técnica de alguns violinistas de hoje. Nos mestres antigos você até ouve alguns erros mas o que está ali é a música", queixa-se. ■

O Programa

Regente: *Vladimir Ashkenazy*
Solista: *Christian Tetzlaff (violino)*
Programa: WAGNER (*Prelúdio de "Die Meistersinger"*), RESPIGHI (*"Fontane di Roma"*), TCHAIKOVSKY (*"Concerto para violino"*), MENDELSSOHN (*"Concerto para violino"*), SHOSTAKOVICH (*"Sinfonia Nº 5"*) e DVORÁK (*"Sinfonia Nº 8"*)

A turnê sulamericana

08 (seg.): Rio de Janeiro (Theatro Municipal)
10 (qua.): Montevidéu
11 (qui.): Buenos Aires
14 (dom.): Assunção
16 (ter.): São Paulo (Teatro Municipal)
17 (qua.): Brasília (Teatro Nacional)

Mercosul unido pela música

Projeto do maestro David Machado prevê criação de orquestra sinfônica.

1996 marca o início da integração musical do Mercosul. Com apoio do Ministério da Cultura, devem ser implantados neste ano dois projetos idealizados pelo maestro David Machado: Ação Social pela Música e Orquestra Sinfônica do Mercosul. O modelo para a Ação Social pela Música foi a Fundación para Orquestras Juveniles, da Venezuela. O projeto prevê a organização de núcleos nas comunidades, que ofereçam a crianças e jovens a oportunidade de estudar música e participar de atividades musicais.

Em cada núcleo, são formadas orquestras com repertório selecionado especialmente para estar ao alcance dos iniciantes. A finalidade do projeto é antes social que musical. "Mais do que formar músicos, o David queria formar cidadãos", explica a violoncelista Fiorella Solares, viúva do maestro.

Por isso, não deve haver conflito com as orquestras jovens já estabelecidas. A idéia é fazer convênio com as instituições locais, tenham elas experiência específica ou não nesta área. No caso da Orquestra Sinfônica do Mercosul, o modelo é a Orquestra Jovem da União Européia *(veja matéria na página 18)*. Ela será formada por jovens instrumentistas dos países do Mercosul e não terá caráter estável, evitando, portanto, concorrer com as orquestras já existentes.

Uma comissão seleciona os músicos da orquestra, cujos custos serão repartidos entre os países participantes. A sede fica no Rio de Janeiro, mas cada país deve acolher a orquestra a cada ano para o trabalho de preparação dos concertos.

Regida por seu diretor artístico, Bernardo Bessler, e por maestros convidados, a orquestra deve se reunir uma ou mais vezes por ano para preparar os programas de concertos a serem apresentados nas principais cidades dos países participantes.

Os projetos tiveram início em setembro de 1994, quando Machado fundou, com o intento de implantá-los, a Associação Musical Mercosul. Com seu falecimento, em novembro do ano passado, a entidade passou a ser presidida pelo maestro Bernardo Bessler, contando como membros ainda o pianista Luiz Fernando Benedini e Fiorella Solares.

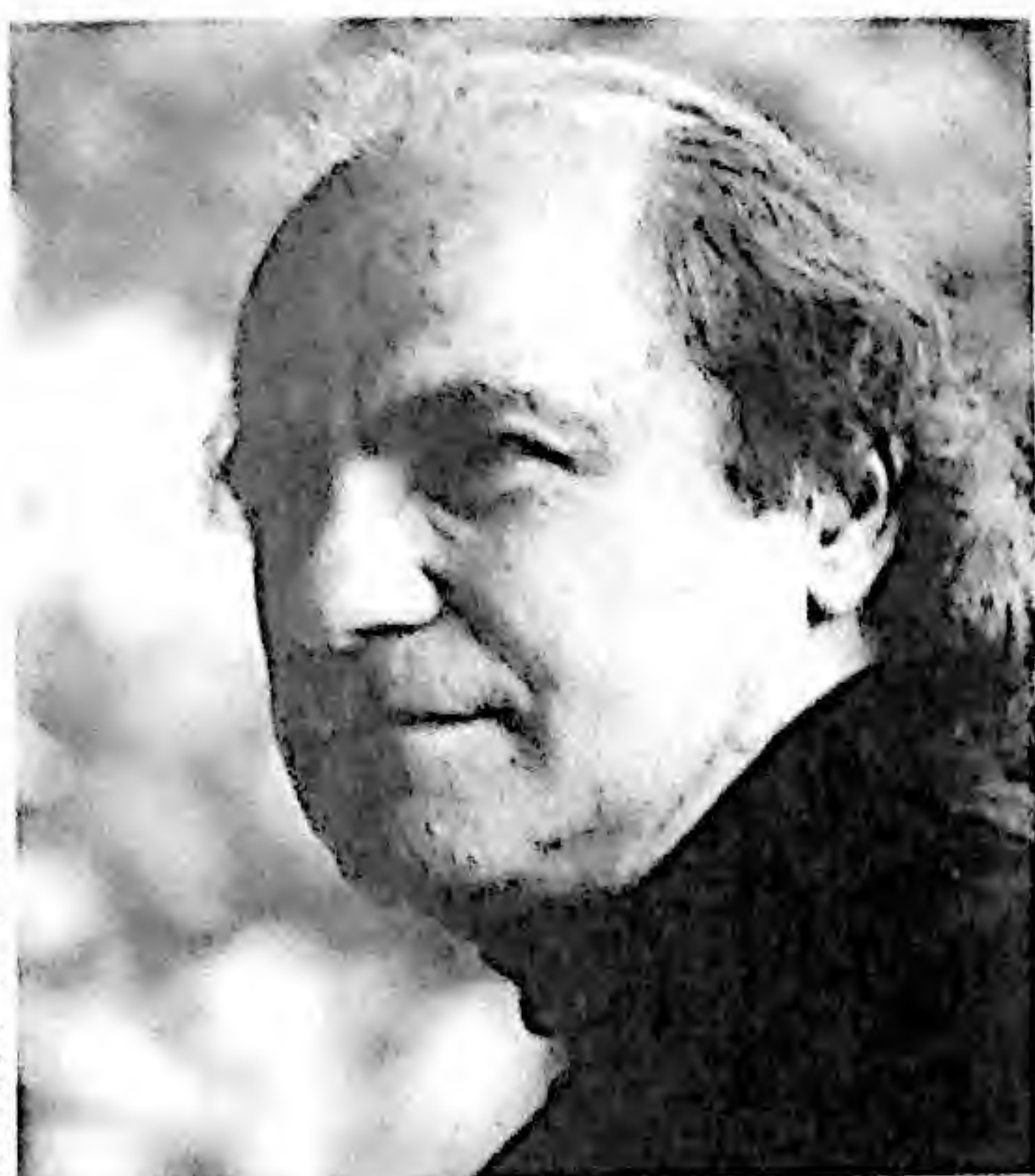
A morte colheu o maestro quando ele estava prestes a assinar um contrato com a Sinfônica de Munique, que regeria como convidado na temporada 97/98, sendo prevista a gravação de música brasileira. Ele também era cotado para substituir o regente Eduardo Mata (também morto em 1995, e com os mesmos 57 anos de Machado) na série de gravações de música latino-americana da Orquestra Simón Bolívar, da Venezuela, pelo selo americano Dorian. ■

Irineu Franco Perpétuo

SERTÃO É TEMA DE ÓPERA INGLESA

O compositor inglês TOM EASTWOOD, 73, acaba de escrever uma ópera que se passa no sertão nordestino, cujos personagens são inspirados em Padre Cícero, Maria Bonita e Antônio Conselheiro. É a primeira vez que um europeu serve-se de uma temática brasileira em ópera. Originalmente encomendada pela English National Opera, ela tem estréia prevista para janeiro de 1997 no Teatro Sadler's Wells, em Londres, para a qual o vice-presidente Marco Maciel e a princesa Diana estão convidados. "Sou totalmente apaixonado pelo Brasil, sua música e seu otimismo", diz o autor, que esteve no Nordeste pesquisando os ritmos de frevo e maracatu usados na ópera. Atualmente em fase de procura de patrocínios, a produção tem considerado o tenor brasileiro Otávio Neto para um dos papéis principais. Os contatos para uma co-produção brasileira, provavelmente em Recife ou São Luís, estão sendo feitos pelo Conselho Britânico. Irrequieto, Eastwood já tem o próximo projeto em mente: uma ópera sobre Chico Mendes (*Mariana Barbosa*)

Nobre *em Nova York*

O compositor MARLOS NOBRE terá duas obras suas executadas, em abril, em Nova York. No dia 14, o maestro Dennis Russell Davies rege, no Carnegie Hall, a peça para orquestra "In Memoriam". E entre os dias 6 e 14 é a vez da "Sonâncias III para Dois Pianos e Dois Percussionistas", dentro do Festival "Sounds of America: Brazil". Além disso, o compositor tem suas obras cada vez mais lançadas em CDs para o mercado norte-americano. O catálogo Schwann Opus, guia de referência de gravações de música clássica, listou um total de 15 obras do compositor à venda em CDs.

INCÊNDIO DESTRÓI LA FENICE

O Teatro de Ópera La Fenice, obra arquitetônica maior do século 18 veneziano, foi vítima de um incêndio no dia 29 de janeiro que o deixou totalmente destruído. Nascido como Teatro San Benedetto, uma construção de 1792, somente em 1836 recebeu este nome por causa de um primeiro incêndio ocorrido naquela ocasião. Rebatizado pelo nome da ave que renasce das cinzas, o La Fenice já ensaia sua nova ressurreição: o governo italiano destinou US$ 12 milhões e o tenor Luciano Pavarotti se comprometeu em fazer concertos, cuja renda será revertida para a reconstrução do teatro, no qual ele debutou. O La Fenice foi o último dos oito teatros de ópera construídos em Veneza no século 18 que serviu de palco para a estréia de Rossini, Donizetti, Verdi e Bellini. No dia do incêndio, o maestro brasileiro ISAAC KARABTCHEVSKY, desde dezembro de 1994 regente da Orquestra La Fenice, estava na Polônia, em turnê com seus músicos.

DANIELA FIENTES

Karabtchevsky: excursão

Jovem talento vence concurso internacional

O compositor carioca ALEXANDRE DE FARIA (*Jovens Talentos/VM! 12*) sagrou-se vencedor do VII Concurso Internacional de Composição para Violão "Andrés Segovia", que acontece anualmente em La Herradura, perto de Granada, na Espanha, com a obra "Entoada". Este concurso é hoje um dos mais respeitados do gênero, por contar regularmente com o cubano Leo Brouwer no júri e pelo elevado nível dos compositores anteriormente premiados, entre eles o italiano Nuccio D'angelo, um nome hoje presente no repertório dos maiores violonistas. Cerca de 50 obras concorreram e o resultado foi anunciado em janeiro, durante o XII Concurso Internacional de Violão de mesmo nome. Alexandre recebeu um prêmio de 2.500 dólares e terá sua obra publicada pela editora Opera Tres, de Madri. Além disso, "Entoada" será peça obrigatória para os participantes do concurso internacional de 1997, e Alexandre está convidado para o júri do próximo concurso de composição. "Eu estava otimista, mas nunca se sabe se um novo Stravinsky está concorrendo com você", diz o compositor.

No Auditório:

MARÇO/Mulheres

Dia 07 Ithamara Koorax
Dia 14 Ná Ozzeti
Dia 21 Daúde
Dia 28 Alaíde Costa
e João Carlos Assis Brasil

ABRIL/Homenagem a Carlos Gomes

Dia 11 Carlos Gomes em Milão
Dia 18 Carlos Gomes e a Ópera
Dia 25 Carlos Gomes
e a Música Brasileira

MAIO/Instrumental

Dia 02 Paulo Moura e Clara Sverner
Dia 09 Marco de Pinna
e Conjunto Vibrações
(convidado David Chew)
Dia 16 Homenagem a Hermeto Pascoal
Dia 23 Jovino Santos Neto Quintet
Dia 30 Duo de Piano e Saxofone
Cristóvão Bastos
e Zé Nogueira

JUNHO/Minas Além das Gerais

Dia 13 Juarez Moreira
e Nivaldo Ornellas
Dia 20 Uakiti
Dia 27 Nós e Voz

JULHO/Cordas

Dia 04 Turíbio Santos
e Quarteto Guerra Peixe
Dia 11 Orquestra de Cordas
Brasileiras e Rildo Hora
Dia 18 Conversa de Cordas
Dia 25 Conjunto Noites Cariocas

AGOSTO/Instrumental

Dia 01 Sebastião Tapajós
e Gilson Peranzzeta
Dia 08 Vencedores do 1º Concurso
Nacional de Flauta
Dia 15 Opus 5
Dia 22 Ninho de Vespas
(Carlos Malta, Nico Assunção,
Nelson Faria
e Pascoal Meireles)
Dia 29 Quadro Cervantes

SETEMBRO/Dança

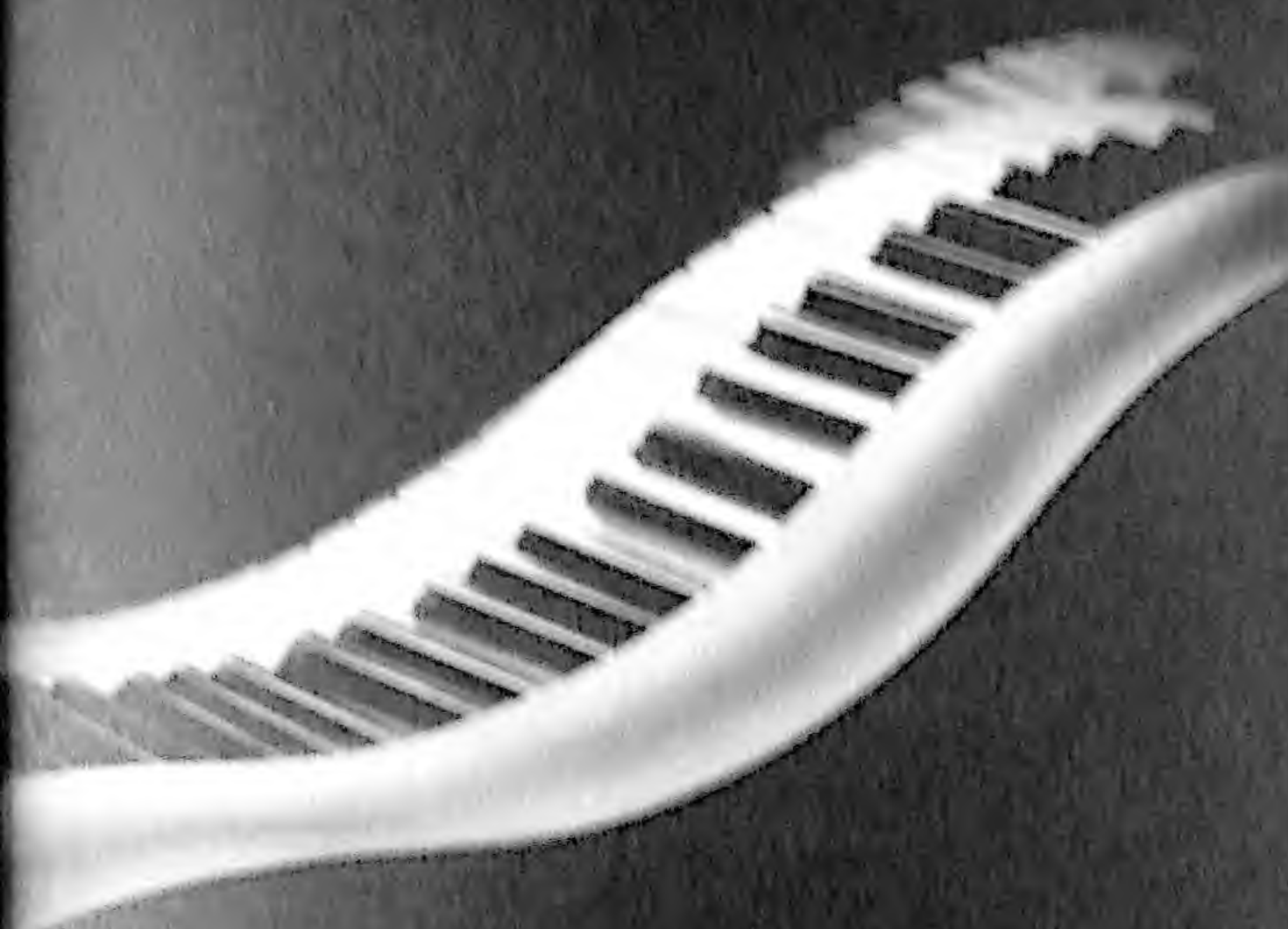
Dia 05 Companhia Nós da Dança
Dia 12 Índia - Terra Luminosa
Dia 19 Zero Dança
Dia 26 Márcia Rubin

OUTUBRO/Clássico

Dia 03 Fernando Lopes
Dia 10 Douglas Iuri
Dia 17 Giulio Edoardo Draghi
Dia 24 Edoardo Monteiro
Dia 31 Miguel Proença

A boa música está de volta a um de seus pri
entrada franca, o Auditório do BNDES
oportunidades não só para os nossos mais
Galeria, o Banco continua promovendo
artísticas. As exposições acontecem de 2ª a

O BN
APRESEN
BALANÇ

cos no Rio de Janeiro. Todas as 5ªs, às 19 horas com
portas para mais um grande espetáculo, criando
artistas, como para jovens valores. Enquanto isto, na
artes plásticas, fotografia e muitas outras manifestações
horas. Veja, agora, o que o Rio vai ver e ouvir em 96.

NDES
TA O SEU
PARA 96.

NOVEMBRO/Popular

Dia 07	Cristina Buarque convida Walter Alfaiate
Dia 14	Dona Ivone Lara e Wilson Moreira convidam Décio Carvalho e Nei Lopes
Dia 21	Bruno Tavares e Cyntia Domelles
Dia 28	O Arranco de Varsóvia

DEZEMBRO

Dia 05	Do Oriente Médio à Europa Medieval
Dia 12	Harte Vocal Brasileira

Na Galeria:

De 26 de março a 26 de abril
IMAGENS DA MULHER BRASILEIRA
Registros que o acervo do Arquivo Nacional guarda dos perfis femininos.

De 14 de maio a 07 de junho
13ª EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS
Cerca de 150 obras dos funcionários do BNDES.

De 18 de junho a 12 de julho
6ª EXPOSIÇÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA
Fotos realizadas por funcionários do BNDES.

De 06 de agosto a 20 de setembro
CARLOS GOMES, O SELVAGEM DA ÓPERA
Comemoração do centenário de falecimento de Carlos Gomes através da realização de mostra iconográfica e documental que permitirá uma visão abrangente da vida e da obra do compositor.

De 08 de outubro a 08 de novembro
MEMÓRIA DO TEATRO BRASILEIRO
Conta a história do Teatro Brasileiro através de fotos, figurinos, cartazes, elementos de cenografia etc.

De 19 de novembro a 30 de dezembro
HENRI MATISSE JAZZ
Mostra de parte do acervo dos Museus Castro Maya que sintetiza a biografia de Henri Matisse, a partir da série denominada "Jazz".

ESPAÇO BNDES

ESPAÇO BNDES • 11 ANOS DE PURA ARTE

Av. Chile, 100 – Centro – RJ
(próximo ao Metrô Carioca)
Tel.: (021) 277-7757
Email: publica@bndes.gov.br

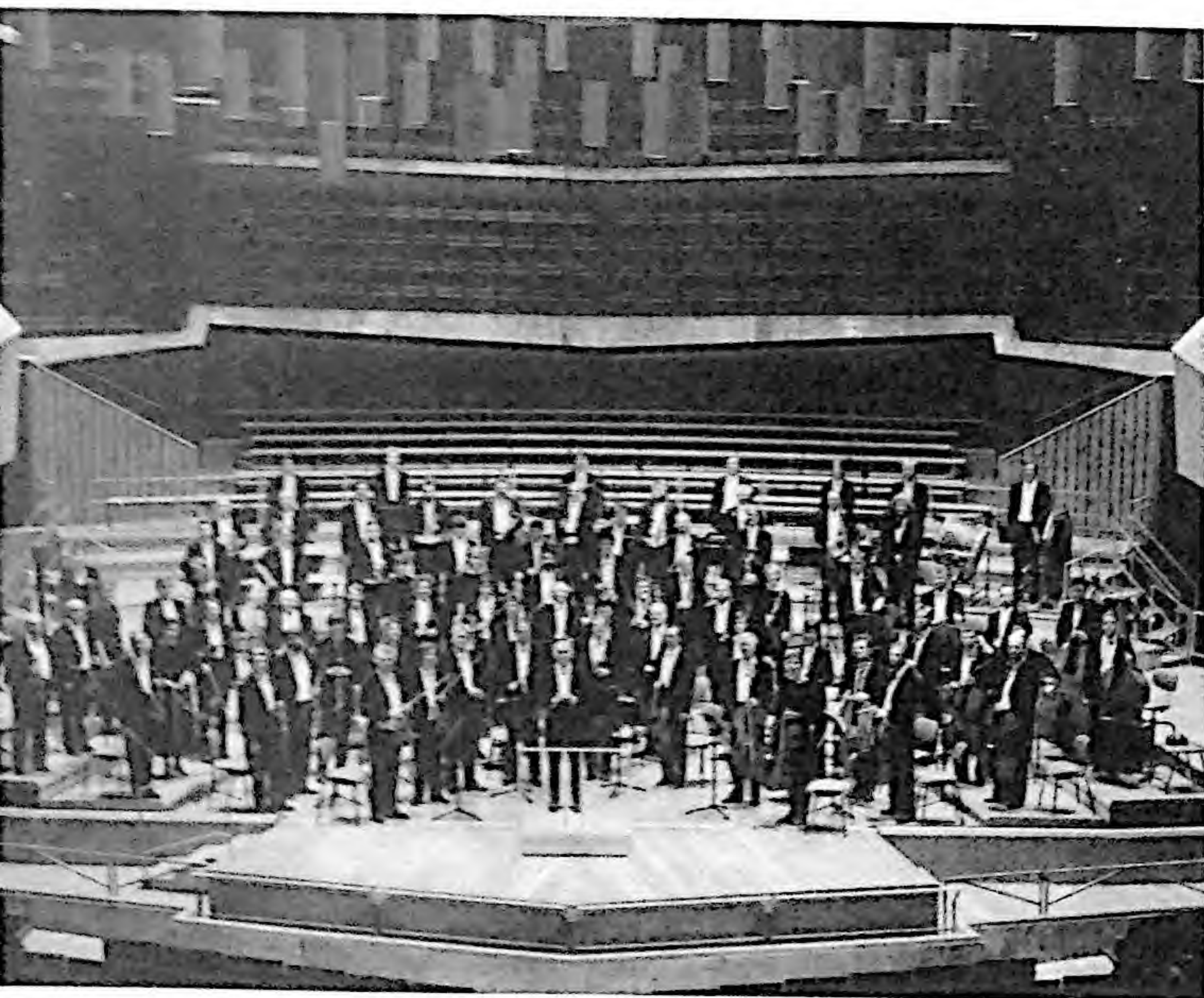
CULTURA ARTÍSTICA 1996

A agenda deste ano da Sociedade Cultura Artística de São Paulo é, no mínimo, brilhante. Em abril, o violista Yuri Bashmet abre a temporada se apresentando com os Solistas de Moscou (dia 9). Em maio, o maestro Kurt Mansur rege a Orquestra Gewandhaus de Leipzig e, no mesmo mês, se apresenta o Quarteto Guarnieri. O soprano Kathleen Battle, o violoncelista Yo-Yo Ma e o pianista Nelson Goerner são as atrações de junho, em datas separadas. O segundo semestre, agosto, abre com o brilhante violinista Maxim Vengerov *(foto)*, detentor do título "Gravação do ano", da revista "Gramophone", pelo disco "Prokofiev & Shostakovich" . Setembro, Charles Dutoit & Orquestra Nacional da França, seguida de Maurice André & Orquestra Franz Liszt. O mito Pierre Boulez & Ensemble Intercontemporain é a atração de outubro. Finalizando com o *mezzo-soprano* Cecilia Bartoli, em novembro. Um programa que agrada aos mais exigentes melômanos. Informações pelo telefone (011) 256-0223.

DIVULGAÇÃO

Vengerov toca em agosto

SINFÔNICA DE BERLIM EM TURNÊ BRASILEIRA

DIVULGAÇÃO

A orquestra toca em sete cidades

Para comemorar seu quarto ano de atuação, o projeto "Concertos de Vinólia" traz este ano a consagrada Orquestra Sinfônica de Berlim, para uma turnê por sete capitais brasileiras. A sinfônica alemã tem como regente convidado o maestro norte-americano Isaiah Jackson, 51 anos, e uma extensa agenda a cumprir. As apresentações começam no dia 15 de março, em Curitiba, no Teatro Guaíra, seguindo para Porto Alegre (dia 16), em concerto ao ar livre; São Paulo, dia 17, no Parque do Ibirapuera e nos dias 18 e 19, no Teatro Municipal. Dia 21 é a vez do Rio de Janeiro, no Theatro Municipal. Brasília recebe a sinfônica no dia 20, na Sala Villa-Lobos e Salvador, dia 22, no Teatro Castro Alves. Dia 24, em Recife, num concerto ao ar livre. Fundada em 1966, a orquestra é uma das mais importantes da Europa, tendo sido regida, ao longo destes anos, por maestros como Bunte, Theodore Bloomfield e Daniel Nazareth. Sinônimo de qualidade, a Sinfônica de Berlim tem uma programação voltada para as mais difíceis obras dos grandes compositores.

Batuta

ALUÍSIO DIDIER
maestro multimídia

O maestro, arranjador, compositor e autor de trilhas sonoras para filmes, ALUÍSIO DIDIER está com a agenda lotada para 96. Este mês, lança o livro-vídeo "Radamés Gnatalli", para o qual fez arranjos e a trilha sonora, além de atuar como diretor. Em abril, estará lançando, também como diretor, o seu segundo filme, um média-metragem filmado em 16 mm com o artista plástico Frans Krajcberg. Este novo filme tem apenas imagens da exposição do artista, sobre o concerto para cordas "Natura" , de Egberto Gismonti. Depois, o maestro começa a pesquisa sobre Dorival Caymmi e, em seguida, prepara um CD com composições próprias.

DIVULGAÇÃO

"Enfim, música, cinema - e agora estes livros, no caso Radamés Gnatalli e Caymmi - têm sido as formas com que venho me expressando", confirma.
Trabalhando como maestro e arranjador para a TV Globo, desde 1981, Didier acabou levando sua experiência para o cinema. Fez primeiro trilha para o documentário "Brasília, uma sinfonia", seguida de "De Krajcberg a Chico Mendes", com trilha composta por ele para piano e orquestra, com título homônimo. A experiência de casar música e imagens é o que mais fascina Didier. "Cada vez mais quero fazer este trabalho, porque é a essência da arte para mim", encerra.

Jovens Talentos

RENATO BANDEL, *viola*

Aos 23 anos, o violista Renato Bandel tem um *curriculum* invejável. Já tocou com a Filarmônica de Berlim e encarou de frente regentes como Abbado, Ozawa, Rattle, Mehta. Mas, até chegar à Alemanha, onde mora atualmente, Renato enfrentou um longo trajeto de incertezas. Nascido em Piracicaba, interior de São Paulo, estudou piano com sua mãe. Em seguida, resolveu experimentar o violino, estudando com Celisa Frias na Escola de Música de Piracicaba. Mas não durou muito. Começou a prestar mais atenção naquele instrumento que ficava ao seu lado na orquestra e, um ano depois, iniciava seus estudos de viola. Mudou-se para São Paulo onde estudou com Elisa Fukuda e trabalhou na Orquestra Jovem Municipal
(atual Experimental de Repertório). Ainda indeciso, chegou a cursar um ano e meio de Matemática na USP, mas uma conversa com o professor Paulo Bosísio fez a reviravolta e Renato resolveu dedicar-se integralmente à viola.

Com o auxílio da Fundação Vitae, tornou-se aluno de Bosísio. Em seguida, voltou à USP, desta vez para cursar Música e estudar viola com Marcelo Jaffeh. Ao final do primeiro ano de curso, foi um dos escolhidos pela Vitae para uma bolsa em convênio com a Academia da Orquestra Filarmônica de Berlim. Ali, alunos de potencial excepcional são escolhidos para estudar com membros da orquestra e, eventualmente, tocar como estagiários. "Quase todos os alunos tocam em algum momento na Filarmônica, mas eu tive a sorte de pegar uma fase em que as violas estavam em alta. Em dois anos foram poucos os concertos em que não toquei", diz Renato. Sua estréia foi com Barenboim regendo Bruckner. "Pela primeira vez senti que era possível uma orquestra tocar música pura, sem limitações técnicas." Desde então, tem feito turnês com a própria Filarmônica e com outros grupos orquestrais alemães. No futuro, Renato planeja voltar ao Brasil e trabalhar como violista, mas não sem antes ganhar mais experiência em música de câmara. Ele pretende ficar mais alguns anos em Berlim, obter um diploma e, se possível, estudar com a famosa violista Kim Kashkashian. "Há bons professores no Brasil, mas a vantagem de Berlim é que lá as pessoas vão aos concertos mais que ao cinema." **(Fábio Zanon)**

Programação Internacional

MARÇO

NOVA YORK

CARNEGIE HALL

881 Seventh Avenue
Tel.: 212 247 7800

2 de abril - Orchestra of St. Luke's/ Robert Shaw. Sylvia McNair, soprano, Marietta Simpson, *mezzo-soprano*, Richard Clement, tenor, James Michael McGuire, barítono, William Stone, barítono e Scot Weir, tenor. Atlanta Symphony Chamber Chorus. Programa: BACH - "Paixão Segundo São Mateus".

12 de abril - Richard Stoltzman,clarineta, Irma Vallecillo, piano. Quarteto de cordas a ser anunciado. Prog.: SCHUMANN - "Fantasiestücke para clarineta e piano Op. 73" / BERG - "Vier Stücke" / BRAHMS - "Sonata Op. 120 Nº 2" e "Quinteto com clarinete Op. 115".

14 de abril - American Composers Orchestra/ Dennis Russel Davies. CRISTINA ORTIZ, piano.

15 de abril - Dresden Staatskapelle/ Giuseppe Sinopoli. Prog.: R. STRAUSS - "Metamorfose" e "Sinfonia Alpina Op. 64".

16 de abril - Dresden Staatskapelle/ Sinopoli. Cheryl Studer, soprano. Prog.: R. STRAUSS - "Don Juan Op. 20", "Quatro Últimas Canções" e "Vida de Herói".

18 de abril - Pinchas Zukerman, violino e Marc Neikrug, piano. Programa: BEETHOVEN - "Sonatas Nº 5 (Op. 24 - 'Primavera'), Nº 6 (Op. 30, Nº 1) e Nº 7 (Op. 30, Nº 2).

21 de abril - The MET Orchestra/ James Levine. Sarah Chang, violino. Prog.: MOZART - "Sinfonia Nº 1 em Mi bemol maior K. 16" / BARTÓK - "Concerto para violino Nº 2" e Suíte de "The Miraculous Mandarin".

22 de abril - Cincinnati Symphony Orchestra/ Jesús Lopez-Cóbos. Christian Zacharias, piano. Prog.: WEBER - Abertura "Oberon" / SCHUMANN - "Concerto para piano em Lá maior" / SHOSTAKOVICH - "Sinfonia Nº 5".

25 de abril - Filarmônica de Israel/ Zubin Mehta.

27 de abril - Orchestra of St. Luke's/ Roberto Abbado. John Browning, piano. Prog.: BARTÓK - "Divertimento" / MOZART - "Concerto para piano Nº 9 K. 271" / SCHUMANN - "Sinfonia Nº 4 Op. 120".

28 de abril - Baltimore Symphony Orchestra/ David Zinman. Leon Fleisher e Gary Graffman, duo de piano. Prog.: PAINE - "Prelude to Oedipus Tyrannus Op. 35" / BOLCOM - "Concerto para dois pianos (mão esquerda)" / BEETHOVEN - "Sinfonia Nº 3 ('Eroica')".

METROPOLITAN OPERA HOUSE

LINCOLN CENTER
Tel.: 212 362 600

5 e 11 de abril - "A FORÇA DO DESTINO", de Verdi. MET Orchestra/ Levine. Voigt/ Scalchi (5), Livengood (11)/ Larin/ Pons/ Pola (5), Evitts (11)/ Scandiuzzi (5) e Plishka(11).

4, 12, 22 e 26 de abril - "ROMEU E JULIETA", de Gounod. MO/Müller. Swenson (4, 12 e 26), Hong (22)/ Araiza/ Oswald/ Plishka.

15, 20 e 23 de abril - "A VALQUÍRIA", de Wagner. MO/ Levine. Schnaut/ Voigt/ Schwarz/ Domingo/ Macurdy.

9, 13, 19 e 25 de abril - "ANDREA CHÉNIER", de Giordano. MO/ Levine. Millo (9, 13 e 19), Evstatieva (25)/ Pavarotti/ Chernov.

3 de abril - "SALOMÉ", de R. Strauss. MO/ Runnicles. Malfitano/ Dever/ Trussel/ Weikl.

10, 13, 18 e 20 de abril - "LA BOHÈME", de Puccini. MO/ Young. Gallardo-Domas (17 e 20), Gheorghiu (10 e 13)/ Mattila/ Alagna/ D. Croft (10, 18 e 20) e Shimell (13).

LONDRES

LONDON COLISEUM

St Martin's Lane WC2
Tel.: 071 632 8300

ENGLISH NATIONAL OPERA

3, 13, 18, 20 e 25 de abril e 2, 4 e 9 de maio - "TOSCA", de Puccini. Cairns/ Rendall/ Joll. Regência: Alex Ingram.

6 e 11 de abril - "DON PASQUALE", de Donizetti. Adams/ Archer/ Opie. Reg.: Michael Lloyd.

12, 17, 19, 23 e 26 de abril - "ORFEO", de Monteverdi. de Mey/ Connolly/ Jones/ Woollett. Reg.: Nicholas Kok.

27 de abril (estréia) - "FIDELIO", de Beethoven. Rolfe Johnson/ Harries. Reg.: Sian Edwards.

ROYAL OPERA HOUSE

Covent Garden - London - WC2E 9DD
Tel.: 0044 171 240 1200

THE ROYAL OPERA

4, 8, 11 e 16 de abril - "ARABELLA", de Richard Strauss. Roocroft/ Oelze/ Watson/ Howells. Reg.: Mark Elder.

9, 12, 17, 19, 22, 25 e 27 de abril - "NABUCCO", de Verdi. Varady/ Jones, Zaremba/ Rhys-Davies/ O'Neill, Maxwell-Anderson. Reg.: Edward Downes.

23 e 26 de abril - "IL CORSARO", de Verdi. Miricioiu , Dragoni/ Frittoli/ Cura/ Robinson. Reg.: Evelino Pidò.

THE ROYAL BALLET

1, 2, 3 e 6 de abril - "GISELLE" (música: Adolphe Adam/ coreografia: Petipa/Coralli/Perrot).

13, 18, 20, 24 e 30 de abril - ASHTON PROGRAMME: "Illuminations" (música: Benjamin Britten/ coreografia: Frederick Ashton), "Symphonic Variations" (César Franck/ F. Ashton) e "The Dream" (F. Mendelssohn/ F. Ashton).

BARBICAN CENTRE

Silk Street, EC2Y 8DS
Tel.: 0171 382 7211

12, 13 e 14 de abril - Gothenburg Symphony Orchestra/ Neeme Järvi. Prog.: SIBELIUS SYMPHONY CYCLE.

20 de abril - Yuri Bashmet e Solistas de Moscou. Prog.: BRITTEN - "Lachrymae" / DVORÁK - "Serenata para cordas" / STRAVINSKY - "Apollon Musagète" / PROKOFIEV - "Visions Fugitives".

22 de abril - Budapest Festival Orchestra/ Ivan Fischer. Prog.: LISZT - "Tasso, Lamento e Trionfo" / MAHLER - "Sinfonia Nº 6".

BIRMINGHAM

BIRMINGHAM SYMPHONY HALL

Paradise Place, B3 3RP
Tel.: 0121 212 3333

CITY OF BIRMINGHAM SYMPHONY ORCHESTRA

3 de abril - Regência ao piano: Stephen Kovacevich. Programa: WAGNER - Prelúdio de "Lohengrin" / BEETHOVEN - "Concerto para piano Nº 4" / SIBELIUS - "Sinfonia Nº 4".

16 de abril - Regência: Libor Pesek. Prog.: R. STRAUSS - "Assim Falou Zarathustra"/ DVORÁK - "Sinfonia Nº 6".

18 de abril - Reg.: Libor Pesek. Prog.: DVORÁK - "Abertura Carnaval" e "Sinfonia Nº 6".

24 de abril - Reg.: Richard Hickox. Solistas: Ingrid Attrot, soprano e Alan Opie, baixo. Prog.: BRITTEN - "Suite on English Folk Tunes ('A Time There Was...')" / POULENC - "Gloria" / FAURÉ - "Requiem".

PARIS

OPÉRA BASTILLE

120, Rue de Lyon
Tel.: 4473 1399

10, 12, 15, 17, 20, 22, 25 e 28 de abril

"BILLY BUDD", de B. Britten. Tear/ Gilfry/ Halfvarson/ Wilson-Johnson. Orquestra e Coro da Ópera Nacional de Paris/ Bernini.

PALAIS GARNIER

8, Rue Scribe
Tel.: 4473 1399

17, 20, 23, 26 e 28 de abril e 2, 4, 7, 10 e 13 de maio

"LA CENERENTOLA", de G. Rossini. Blake/ Corbelli/ Chausson/ Fischer/ Larcher/ Larmore. Orquestra e Coro da Ópera Nacional de Paris/ Benini.

LILLE

AUDITORIUM DU NOUVEAU SIÉCLE

30, Place Mendès France
Tel.: 33 20128240

1 e 4 de abril - Orquestra Nacional de Lille/ Jean Claude Casadesus. Fernand Iacu, violino e Valentin Arcu, violoncelo. Prog.: HENRI DUTILLEUX / BRAHMS - "Concerto para violino, violoncelo e orquestra Op. 102" e "Sinfonia Nº 1".

26, 27 e 28 de abril - Premières Rencontres Internationales de Piano Robert Casadesus. Orquestra Nacional de Lille/ Léon Fleisher.

BERLIM

DEUTSCHE OPER BERLIN

Bismarckstraße 35
Tel.: 030 3438401

1 de abril e 11 de maio - "Um Baile de Máscaras", Verdi.

2, 6 e 26 de abril e 2 de maio - Ballet Hommage a Marius Petipa

3, 7, 20, 23 e 29 de abril e 3 de maio - "Il Trovatore", de Verdi.

5 de abril - "Tannhäuser", de Wagner.

8 e 21 de abril e 25 de maio - "Aida", de Verdi.

10 a 15 e 17 a 19 de abril - Tokyo Ballet

22 de abril e 23 e 28 de maio - "Martha", de Flotow.

24, 27 e 30 de abril e 6 e 10 de maio - "Lucia di Lammermoor", de Donizetti.

AMSTERDAM

CONCERTGEBOUW

Jacob Obrechtstr. 51
Tel.: 00 31 206 792211

12 e 14 de abril - Royal Concertgebouw Orchestra/ Riccardo Chailly. Waltraud Meier, *mezzo soprano*, Siegfried Jerusalem, tenor e Matti Salminen, baixo. Prog.: WEBERN - "Passacaglia" / SCHÖNBERG - "Lied der Waldtaube uit 'Gurre Lieder'" / WAGNER - "A Valquíria" (trecho).

17 e 18 de abril - RCO/ Chailly. Radu Lupu, piano. Prog.: J.S. BACH/WEBERN - "Ricercare" / MOZART - "Concerto para piano KV. 466" / STRAVINSKY - "Sagração da Primavera".

19 e 21 de abril - RCO/ Chailly. Ronald Brautigam, piano. Prog.: DEBUSSY - "La Mer" / LOEVENDIE - "Concerto para piano (estréia mundial)" / STRAVINSKY - "Sagração da Primavera".

20 de abril - ASKO Ensemble/ R. Chailly. Sarah Leonard, soprano e Markus Stockhausen, trompete. Prog.: STOCKHAUSEN / VARÈSE / DALLAPICCOLA.

24 e 26 de abril - RCO/ Chailly. Iris Vermillion, *mezzo soprano*, Heinz Kruse, tenor e Anton Scharinger, barítono. Prog.: ZEMLINSKY.

Dois pianistas em torno de Schubert

Dois pianistas, cuja paixão é tão- somente a música, HOMERO DE MAGALHÃES E MIGUEL PROENÇA dividem agora esta paixão com os amantes de Schubert. No mês de março, todas as segundas e terças-feiras, eles reeditam os encontros que o compositor Franz Schubert realizava com os amigos na Viena do século 19. Sob o título de "At Home", dividido em duas séries (A - dias 11, 18 e 25 e B - dias 12, 19 e 26 de março), a *soirée* começa impreterivelmente às 20h30, na casa do pianista Miguel Proença, no bairro carioca de Laranjeiras. São oferecidas apenas 30 vaga por série.

No cardápio da "At Home", a "Sonata em Si Bemol, Nº 21" e alguns *lieder*, tendo como convidados a violinista belga Marie Christine Springuel e o soprano americano Carol McDavit. "Será um encontro musical gostoso, onde vamos tocar e dar explicações sobre as peças apresentadas. Nossa intenção não é fazer concertos, mas apresentar um pouco mais de Schubert para as pessoas", avalia o pianista Homero de Magalhães. Após as apresentações, um *vin d'honneur*. Contatos pelo telefone (021) 267-1076 com Sra. Maria Martha Alves de Souza.

Homero de Magalhães e Miguel Proença

Ópera em 16 aulas

"A História da Ópera e de seus Compositores" é o curso que o professor e colaborador de **Viva Música!**, Antonio Blundi, ministra todas as terças-feiras, a partir do dia 12 de março, na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro. Dividido em dezesseis aulas, o curso abrange desde as origens do canto e classificação das vozes até o estilo das grandes óperas, passando por obras de Mozart, Verdi, Rossini e Wagner, chegando até a época moderna. O objetivo é oferecer ao aluno a compreensão e o significado da arte lírica, sua importância no mundo da música e entender os elementos básicos do gênero. Os horários, preços e local de inscrição estão na *Agenda*.

Staccato

O Conservatório Alberto Williams, de Buenos Aires, Argentina, com o apoio da embaixada brasileira, vai realizar no mês de setembro um concurso para pianistas com idade entre 16 e 25 anos. Dedicado ao compositor brasileiro **Oscar Lorenzo Fernandes**, o concurso vai dar como prêmios R$ 5 mil e um concerto na Sala Cecília Meireles. As inscrições estarão abertas de 2 a 23 de setembro no conservatório, no seguinte endereço: Arenales, 1.735, Buenos Aires. Pianistas brasileiros podem enviar pelo correio xerox da identidade e um *curriculum* para solicitar fixa de inscrição. • A pesquisadora inglesa Susan Lund, que estuda a vida de **Ludwig van Beethoven**, chegou à conclusão que o compositor alemão teve um filho ilegítimo com sua amante Antoine Bretano. A criança, semiparalítica e deficiente mental, foi o grande tormento do fim da vida de Beethoven. Este, segundo a pesquisadora, teria lhe dedicado as obras de maturidade. • Esteve no Brasil **Francis Delvin**, presidente da Federação Internacional de Meninos Cantores (Bélgica), orientando o curso de formação de conjuntos infantis e corais. O evento aconteceu em fevereiro, em Campinas, e foi aberto a todos regentes e professores de música. • Morreu em janeiro o maestro norte-americano **Henry Lewis**, 63, em Nova York, vítima de um infarto. Lewis foi o primeiro regente negro a dirigir a Filarmônica de Nova York, a Sinfônica da Filadélfia e de Chicago. Na Europa, foi regente da Sinfônica e Filarmônica de Londres, a Orquestra de Liverpool e de várias óperas no La Fenice, em Veneza. • Já estão disponíveis no mercado paulista as caixas acústicas **CP-60** e **CP-30** para música clássica e *jazz*. Feitas por encomenda (tel.: (011) 549-0837), as caixas são produzidas pela Base Tecnologia, com intuito de garantir mais fidelidade aos instrumentos acústicos. • O maestro Júlio Medaglia será o diretor do **I Prêmio Weril para Solistas de Instrumentos de Sopro.** O concurso tem inscrições até o dia 31 de março, na Rua Augusta, 2.190, São Paulo, Cep. 01412-00. Só poderão se inscrever músicos com idade limite de 25 anos, completados até a data limite. Para estrangeiros é necessário que tenham residência de dez anos no país. Os prêmios são: concerto público, dez horas de gravação em estúdio, um instrumento Weril, troféu e R$ 3 mil. • O maestro e professor **Ricardo Wilson Rocha** está concluindo o livro "As Noves Sinfonias de Ludwig van Beethoven - uma análise estrutural". O livro destina-se a regentes, compositores, instrumentistas, professores e estudantes, para entender os trinta e seis movimentos desta obra, considerada a espinha dorsal do corpo da música clássica ocidental. • O músico que produzir seu próprio disco terá, a partir de agora, uma empresa para cadastrá-lo: a **Short List Empreendimentos.** Com intuito de divulgar e cadastrar as obras de artistas independentes ou não ligados às gravadoras, a Short List está recebendo DAT ou CD para avaliação. Contatos pelo telefone (011) 574-0924. • O **Balé da Cidade de São Paulo**, o **Ballet Stagium** e a **Quasar Cia. de Dança**, de Goiás, foram os homenageados pelo Troféu Mambembe, versão 95, que reuniu artistas do Rio e São Paulo, no Teatro Carlos Gomes, Rio de Janeiro. • O cientista inglês **Edward Taub** está desenvolvendo métodos de pesquisa de como o fato de tocar instrumentos pode ajudar a pessoas com problemas mentais a se recuperar e alargar os horizontes do cérebro. O relatório da pesquisa foi publicado na revista "Science". • Entre 13 a 17 de março acontece, na Alemanha, **The Frankfurt Music Fair**. A feira de música anual, que ocupa o Frankfurt Fair and Exhibition Center, traz inovações na área de computadores e tecnologia de ponta para músicos e compositores. Estão programados concertos, *workshops*, entrevistas e todo tipo de informações.

GNATTALI EM VÍDEO

O compositor e maestro Radamés Gnattali tem, reconhecidamente, seu gênio homenageado no vídeo-livro "Radamés Gnattali". Escrito pelo também maestro Aluísio Didier, ele foi feito para homenagear o maestro e compositor, que completaria 90 anos no dia 27 de fevereiro. Dividido em três partes, o livro traz uma biografia do maestro, na primeira parte; a segunda traz desenhos e textos de cartunistas, tendo Radamés como traço, e, por último, opiniões do próprio maestro sobre música e vida. Já o vídeo, com roteiro e direção de Aluísio Didier e Moisés Konder, se chama "Nosso Amigo Radamés Gnattali" e traz imagens do maestro tocando com amigos, como Tom Jobim e cenas de filmes que ele compôs, como "Brasa Dormida", de Humberto Mauro. O lançamento no Rio é no dia 5 de março, na Biblioteca Nacional.

Radamés e Tom: cena entre amigos

FÉRIAS TROPICAIS

A pianista brasileira CLÉLIA IRUZUN está curtindo seu *dolce far niente* no Brasil. De férias e curtindo sua segunda gravidez, Clélia só volta à ativa no dia 30 de abril, quando se apresenta na Igreja Saint Martin-in the-fields, ao lado da cantora lírica chinesa Nancy Yuen, tocando Villa-Lobos, Francisco Mignone e Ginastera. Em maio, ela entra em estúdio para gravar discos, um de música espanhola e outro latino-americano. Pára para receber o filho e só volta no fim do ano com quatro récitas na Inglaterra e Escócia, que já estavam agendadas.

Clelia Iruzun: férias até abril

O *mezzo-soprano* brasileiro MARIA HELENA DE OLIVEIRA, residente na França, passou pelo Brasil, em janeiro, acompanhado do seu esposo, o tenor José Todaro. Intérpretes de "Carmen", de Bizet, o casal veio descansar no Rio e em Foz do Iguaçu, tendo retornado para cumprir agenda no Teatro La Monnaie, de Bruxelas, Bélgica, onde sempre se apresentam, além de outras capitais européias.

Lena de Oliveira: descanso no Brasil

OSB PROGRAMAÇÃO 96

Série Noturna

15 de abril - Roberto Tibiriçá, regência. José Carlos Cocarelli, piano.
Programa: CARLOS GOMES - Abertura "Fosca" / BEETHOVEN - "Concerto Nº 4 para piano e orquestra" / DVORÁK - "Sinfonia Nº 9 - Do Novo Mundo"

10 de junho - Karl Sollak, regência. Nelson Freire, piano.
Programa: CARLOS GOMES - Abertura "Salvador Rosa" / LISZT - "Concerto Nº 2 para piano e orquestra" / SCHUMANN - "Sinfonia Nº 4".

12 de agosto - Rachel Worby, regência. Antonio Meneses, violoncelo.
Programa: RONALDO MIRANDA - Abertura "Don Casmurro" / DVORÁK - "Concerto para violoncelo" e "Sinfonia Nº 7".

9 de setembro - Roberto Tibiriçá, regência. Eliane Coelho, soprano.
Programa: RICHARD STRAUSS - "Don Juan" - poema sinfônico, "Quatro Últimas Canções", "Morgen", "Zueigenung" e "Wiegenlied" e "Morte e Transfiguração".

21 de outubro - Roberto Tibiriçá, regência. Boris Belkin, violino.
Programa: BRAHMS - "Concerto para violino" e "Sinfonia Nº 3".

Série Vesperal

30 de março - Roberto Tibiriçá, regência. Arnaldo Cohen, piano.
Programa: CARLOS GOMES - Alvorada de "O Escravo" / BRAHMS - "Concerto Nº 1 para piano" / TCHAIKOVSKY - "Sinfonia Nº 4".

27 de abril - Yeruham Scharovsky, regência. Arthur Moreira Lima, piano. Programa: EDINO KRIEGER - "Estro Harmônico" / BEETHOVEN - "Concerto Nº 3 para piano" / TCHAIKOVSKY - Sinfonia "Manfredo".

1º de junho - Isaac Karabtchevsky, regência. Programa: MAHLER - "Sinfonia Nº 9".

15 de junho - Karl Sollak, regência. Ainhoa Arteta, soprano. Programa: MOZART - Abertura "A Flauta Mágica", "Exultate Jubilate", para soprano / MAHLER - "Sinfonia Nº 4".

20 de julho - Rachel Worby, regência. Luiz Fernando Benedini, piano. Bernardo Bessler, violino. Claudio Jaffé, viola. Programa: T. PICKER - "Old and Lost Rivers" / BEETHOVEN - "Concerto Triplice para piano, violino e violoncelo" / SHOSTAKOVICH - "Sinfonia Nº 8".

17 de agosto - Fábio Mechetti, regência. Duo Assad, violões. Programa: M. FICARELLI - "Transfigurações" / C. TEDESCO - "Concerto para 2 violões" / SCHUBERT - "Sinfonia Nº 9 ('A Grande')".

5 de outubro - Roberto Tibiriçá, regência. Cristina Ortiz, piano. Programa: CARLOS GOMES - Protofonia de "Il Guarany" / PROKOFIEV - "Concerto Nº 3 para piano" / BRAHMS - "Sinfonia Nº 4".

Série Especial

25 de maio - Roberto Tibiriçá, regência. Mikhail Rudy, piano. Programa: WAGNER - Abertura "Lohengrin" / TCHAIKOVSKY - "Concerto Nº 1 para piano" / RAVEL - "La Valse" e "Daphnis et Chloé - Suíte Nº 2".

6 de julho - Reinhard Peters, regência. Felix Renggli, flauta. Renato Axelrud, flauta. Michel Bessler, violino. Cristina Braga, harpa. Programa: BACH - "Concerto de Brandenburgo Nº 4 para 2 flautas e violino" e "Suíte Nº 2" / MOZART - "Concerto para flauta e harpa K. 299" e "Sinfonia Nº 35 ('Haffner')".

28 de setembro - Frederick Kaufmann, regência. Arturo Sandoval, trompete. Programa: HAYDN - "Concerto para trompete" / Seleção de arranjos de clássicos de *jazz*, para trompete e orquestra.

9 de novembro - Roberto Tibiriçá, regência. Solistas a serem anunciados. Programa: BERNSTEIN - Abertura "Candide" e danças sinfônicas de "West Side Story" / GERSHWIN - Suíte da ópera "Porgy And Bess".

Todos os concertos acontecem no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Informações adicionais e assinaturas pelo telefone: (021) 222-4592.

ABC

Uma Biblioteca Musical de A a Z

Introdução ao Prazer da Leitura sobre a Música

Sylvio Lago Jr.

A despeito do crescente interesse pela música, a edição de livros sobre o tema, no Brasil, é ainda um fenômeno recente, e por esse motivo abrange um universo de títulos ainda limitado. Se examinarmos mais de perto a questão, veremos que poucas editoras tiveram um manifesto interesse pela publicação de livros sobre a arte musical e seus músicos, mérito que não se pode negar à Zahar, à Nova Fronteira, à Martins Fontes, à Ediouro, à Editora Perspectiva, à Salamandra, L&PM, Civilização Brasileira e Siciliano, entre outras, que têm procurado preencher essa lacuna.

Seria injusto, também, não mencionar as edições pioneiras de décadas passadas dos livros de Mário de Andrade (Livraria Martins - SP) e Otto Maria Carpeaux (Livraria José Olympio Editora), das Edições Cultura (SP) e da Editora Globo, para citar somente algumas. Convém ressaltar ainda as edições do Ministério da Educação e Cultura sobre ensaio e crítica musicais e o amplo interesse de algumas editoras em relação aos compositores brasileiros, em particular Villa-Lobos.

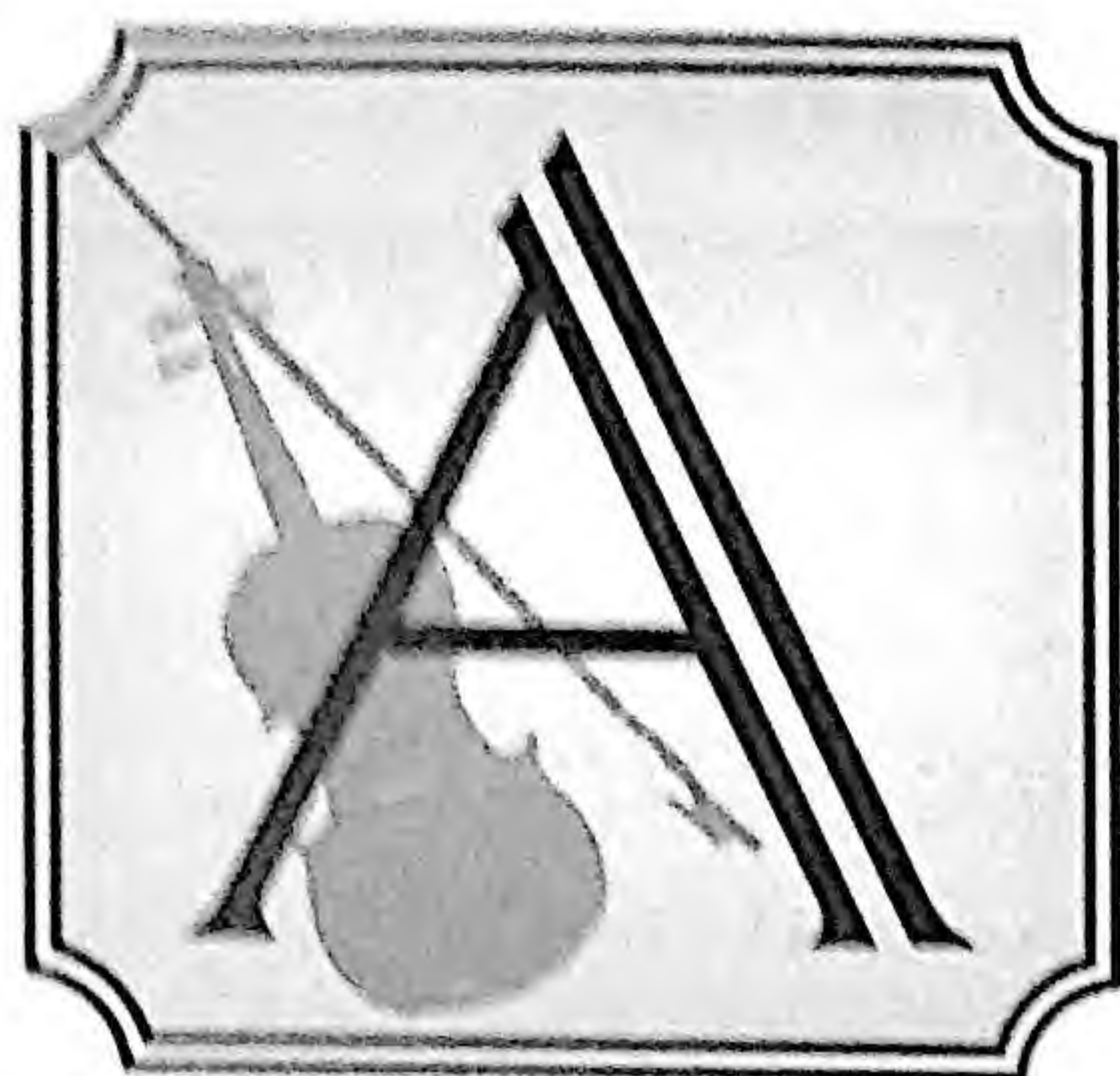
Pode-se distinguir dois tipos básicos de livros sobre música editados no Brasil: as biografias e, em sentido mais geral, aqueles que tratam da história, estética, fundamentos e, mais recentemente, conceitos, com a edição de excelentes dicionários. Mas o fato incontestável é que, não obstante o auspicioso progresso dessas tendências, muito ainda precisa ser realizado nesse vasto campo de possibilidades editoriais. A série de artigos que **VivaMúsica!** publica a partir desta edição tem como principal objetivo inventariar os títulos de uma bibliografia musical de A a Z, destinada tanto ao melômano iniciante quanto ao "amador esclarecido", conforme expressão do poeta Murilo Mendes.

Nos dias de hoje, estar informado sobre música faz parte da aquisição de uma cultura geral de base que eleva a capacidade de apreciação musical do ouvinte. Sabe-se que a música não é uma verdade revelada e só é apreendida esteticamente depois do desenvolvimento de nossas faculdades cognitivas - pelo menos para aqueles que desejam ouvi-la mobilizando o melhor de suas possibilidades emocionais. Com efeito, a aptidão de reconhecer e avaliar qualidades musicais complexas só é possível pelo conhecimento adquirido com a leitura e a aplicação da prática auditiva. Em última análise, é o que o especialista em educação musical Edgar Willems chama de "inteligência auditiva" ou, nas palavras do musicólogo francês J. J. Soleil, "a emoção estética reavivada por uma audição pensada". Os livros exprimem idéias, sentimentos e emoções e extraem da música a sua significação mais profunda e conhecimentos infinitamente variáveis que permitem a expansão da consciência musical. Por outro lado, ouvir a música e ler sobre ela é um longo caminho de buscas e descobertas, de íntimas felicidades e sublimações. Pode-se mesmo dizer que ler sobre a música é também uma forma de "ouvi-la" interiormente.

Por múltiplas razões, não se pretendeu, nesse repertório de livros, esgotar um assunto tão vasto, nem tampouco enumerar uma bibliografia musical hipererudita ou de questões técnicas para consumo privativo de meia dúzia de iniciados. A idéia fundamental desta série é indicar, por assunto e em ordem alfabética, alguns livros e leituras que, pelo interesse e atualidade, qualidades informativas, análise e acessibilidade, podem ser a chave para abrir ao leitor um mundo de descobertas e revelações sobre a música e seus protagonistas. Este é o significado exato e o alcance prático desta bibliografia. Como seria de prever, a relação apresenta, além dos títulos nacionais, livros estrangeiros encontráveis em algumas livrarias de importados, no Rio de Janeiro e em São Paulo. É provável até que alguns desses títulos importados venham a merecer a atenção dos editores e se transformar em possibilidades de publicação futura.

Outro ponto a sublinhar é que este sumário poderá ter a participação do leitor que, escrevendo para **VivaMúsica!**, sugerirá novos títulos que julgar relevantes, dentro do mesmo princípio ordenador: nome do livro, autor, editora e ano da edição. As sugestões entrarão no último artigo da série. Todos os leitores que mandarem suas colaborações estarão concorrendo, após a publicação final dos artigos, a livros sobre música (editados no Brasil).

Esta série é dedicada aos editores nacionais, verdadeiros idealistas da ação cultural que fizeram do risco e da audácia o dever irrenunciável da promoção e divulgação da música, por intermédio do livro. É dedicada também à memória do editor Ênio Silveira, para quem a esperança era um dever e a paixão pela palavra escrita um valor insubstituível e uma grande aventura do espírito.

A

Audição Musical

• ABC da Música

Imogen Holst - Ed. Martins Fontes (Brasil) - 1987.

Uma obra de interesse permanente escrita com grande poder de síntese para instrumentistas amadores, ouvintes, estudantes de canto e que tem como traço marcante texto simples, conciso e didático a respeito da linguagem da música, suas indicações de expressão e dinâmica, formas, estilos, períodos históricos até chegar à música serial dodecafônica e à música eletrônica. O compositor inglês Benjamin Britten, na apresentação do livro, escreve que o autor "possui uma técnica de ensino incomparável". É uma leitura que se faz com o mais consumado prazer.

• L'Arte di Ascoltare la Musica

Claudio Casini - Ed. Rusconi (Itália) - 1991.

O autor considera que para o ouvinte leigo o mais importante não é conhecer a "técnica musical", mas, sim, desenvolver a "técnica da audição da música". Um livro que sugere importantes reflexões e escrito com imaginação, sensibilidade e clareza.

• Como Ouvir (e Entender) Música

Aaron Copland - Editora Artenova (Brasil) - 1974.

Uma das mais completas introduções ao conhecimento musical e aos fundamentos da apreciação inteligente da música.

• Para Entender a Música

Gino Stefani - Editora Globo (Brasil) - 1985.

Destinado a um público não especializado, é um livro particularmente interessante pela variedade dos estilos musicais que aborda, tomando como fundamento as práticas da comunicação em suas relações com a linguagem musical. O musicólogo italiano examina a música sob o prisma da "beatlemania", passando pelo *revival* barroco, pela "popularização" da música de Bach, Mozart e as diversas manifestações do moderno, até Stockhausen, Berio e Nono. Uma obra que gravita entre o essencial e o acessório com refinada simplicidade.

Autenticismo Musical

• O Discurso dos Sons

Nikolaus Harnoncourt - Jorge Zahar Editor (Brasil) - 1990.

Síntese do pensamento do grande teórico do Autenticismo, a partir do conceito da fidelidade histórica e das bases e novos caminhos da interpretação com instrumentos e sonoridades de época.

• O Diálogo Musical

Nikolaus Harnoncourt - Jorge Zahar Editor (Brasil) - 1993.

Estudo sobre as questões interpretativas das obras de Monteverdi, Bach e Mozart e dos conceitos sobre o pensar e o escutar a música barroca e clássica. Os dois livros (este e o citado acima) são essenciais para a compreensão dos fundamentos da música autenticista.

• Guide de la Musique Ancienne et Baroque

Editora Robert Laffond (França).

A edição mais completa de crítica discográfica da música antiga e barroca, com uma admirável introdução histórica realizada pelo musicólogo e crítico Ivan A. Alexandre. Indispensável para os aficcionados do "autenticismo musical".

Arrau, Claudio

• Conversations with Arrau

Joseph Horowitz - Ed. Alfred A. Knopf (EUA).

Diálogos com um dos grandes artistas de nossa época sobre técnica pianística, a interpretação, Liszt, Brahms, Chopin e Beethoven, além de depoimentos de músicos como Daniel Barenboim e Colin Davis referentes à grande arte do pianista chileno. Leitura obrigatória para pianistas, amadores do piano, devotos e reverentes da genialidade de Arrau.

B

Bach, J. S.

• Jean-Sébastien Bach

Alberto Basso - Fayard (França) - 1983.

Obra escrita com inegável mestria e segurança, num estilo direto e sóbrio, tudo em perfeita unidade. É o maior estudo já realizado do mestre de Eisenach, constituindo um monumento imperecível sobre a arte bachiana.

• Bach

Tim Dowley - Ediouro (Brasil) - 1993.
Um estudo completo do homem, da obra, dos períodos criativos e do legado de um dos mais extraordinários compositores da história da música.

• Johann Sebastian Bach
Karl Geiringer - Jorge Zahar Editor (Brasil) - 1985.
Escrito por um dos maiores estudiosos da obra de Bach, esse "gênio tutelar da civilização ocidental", nas palavras do crítico Luiz Paulo Horta. Leitura indispensável.

• Bach
Luc-André Marcel - Martins Fontes (Brasil) - 1990.
Admirável síntese, modelo de equilíbrio entre informação e análise que não omite nenhum dado significativo sobre a vida e obra de Bach. Uma interpretação com *esprit de finesse* exemplar.

• Jean-Sébastien Bach, ou Le Musicien Poète
Albert Schweitzer - Costallat (França) - 1913.
Um livro histórico e admirável, que transforma a beleza da música bachiana em concepção romântica e de inequívoca transcendência expressiva.

• Cravo Bem Temperado - Bach
Zuleika Rosa Guedes - Editora da UFRGS (Brasil) - 1986.
Um livro de méritos imensos pela qualidade dos comentários de cada prelúdio e fuga. A autora considera que "o velho Bach é um modelo de liberalidade e de atitude anti-esquemática". Estudo interessante para o pianista e também para o público que deseja ter uma melhor compreensão dessa obra tão rica em diversidade de pensamentos e lirismo.

BEETHOVEN

• Beethoven
Maynard Salomon - Jorge Zahar Editor (Brasil) - 1987.
Um dos mais completos estudos da complexa personalidade do mestre de Bonn. Fascinante, contestando algumas verdades estabelecidas, com análises de admirável qualidade humana e musicológica, suscitando somente pequenas reservas nas demasias de uso das categorias psicanalíticas.

• Beethoven
Ates Orga - Ediouro (Brasil) - 1992.
Uma obra de interpretação eminentemente pessoal, mas dotada de uma multiplicidade de perspectivas novas, originais e de grande probidade intelectual. É um dos melhores estudos do mestre, bem na linha inglesa dos princípios da exatidão e das corretas proporções.

• Beethoven
Romain Rolland - Albin-Michel (França) - 1966.
Um livro de superior transcendência pela erudição das análises, abrangência, elegância de estilo e elevação de espírito. Essa obra faz parte da grande literatura voltada para celebrar a vida e a obra de Beethoven. Na análise da "Nona Sinfonia", Rolland leva ao extremo limite da expressão humana, a descrição do gênio diverso e multiforme do mestre alemão.

• Ludwig Von Beethoven
Jean e Brigitte Massin - Fayard (França) - 1967.
Um estudo da vida e obra de Beethoven com análises originais de grande força persuasiva.

• Beethoven - Quartetos de Cordas
Basil Lam - Zahar Editores (Brasil) - 1983.

• Beethoven - Sonatas para Piano
Denis Matthews - Zahar Editores (Brasil) - 1986.

• Beethoven - Concertos e Aberturas
Roger Fiske - Zahar Editores (Brasil) - 1983.
Guias musicais editados originalmente pela BBC de Londres, dotados de grande poder de concisão e de magníficas informações e análises musicais.

• Beethoven
Joseph Kerman e Alan Tyson - Série "The New Grove" - LPM (Brasil).
Leitura indispensável para os que pretendem ingressar no complexo universo beethoveniano, pelo método da economia de meios, tendo em vista que foi escrito no formato de verbete de enciclopédia. Os dois autores são da maior respeitabilidade nos Estados Unidos, não obstante algumas teses controvertidas de Kerman sobre as óperas de Puccini e de Richard Strauss em seu livro "A Ópera como Drama".

• Beethoven.
J. W. N. Sullivan - Editorial Sudamericana (Argentina) - 1946.
Um dos estudos mais originais já realizados sobre Beethoven e que estabelece uma reflexão a respeito do seu desenvolvimento espiritual e de suas relações com um processo criativo capaz de realizar obras e valores imortais de beleza e profundidade de pensamento.

• Dictionnaire Beethoven
Barry Cooper - J. C. Lattés (França) - 1991.
Redigido por historiadores e musicólogos, constitui uma verdadeira enciclopédia sobre a vida e obra do compositor. Um monumento da bibliografia beethoveniana, que será brevemente editada no Brasil pela Jorge Zahar Editor.

BERLIOZ

• Hector Berlioz
Henry Barraud - Fayard (França) - 1979.
O melhor estudo sobre o mestre francês e que já se tornou um clássico da literatura berlioziana.

Bartók

• Bartók

Pierre Citron - Seuil (França) - 1994.

• Bela Bartók

Yann Queffélec - Stock (França) - 1993.

Pode-se afirmar, sem exagero retórico, que esses dois livros reúnem informações e análises musicais e biográficas de grande exatidão interpretativa e riqueza de pormenor. E sob esses aspectos, são os mais atualizados e completos da bibliografia bartokiana. Excelentes leituras para o ouvinte que pretenda ter familiaridade com as ousadias inventivas, os violentos contrastes rítmicos e a vitalidade melódica do mais célebre compositor húngaro deste século.

• Bartók - Música Orquestral

John McCabe - Zahar Editores (Brasil) - 1983.

Um completo guia de análise das mais importantes obras orquestrais do mestre húngaro.

Berg, Alban

• Alban Berg

Mosco Carner - Lattès, M. e M. (França) - 1980.

Obra destinada àqueles que se interessam pela música do século XX e de um de seus principais compositores.

Brahms

• Brahms

Malcolm MacDonald - Jorge Zahar Editor (Brasil) - 1993.

Um dos maiores livros já editados no Brasil, tanto na parte biográfica quanto no estudo dedicado às composições do mestre de Hamburgo. A leitura desta obra enriquece o universo estético de qualquer melômano. Trata-se de um trabalho inestimável de MacDonald e do próprio editor Jorge Zahar.

• Brahms

Paul Holmes - Ediouro (Brasil) - 1993.

Outro livro brahmisiano que honra a iniciativa editorial brasileira, pelo retrato vívido do compositor nas suas múltiplas contradições e grandezas e pela natureza sensível das análises realizadas da obra do mestre. Leitura obrigatória para uma nítida compreensão do artista e de sua incomparável criação.

• Brahms

Claude Rostand - Fayard (França) - 1978.

Um dos melhores exemplos da qualidade da musicologia francesa quando adota a fórmula "homem e obra". Lacuna injustificável das edições nacionais e obra máxima de referência brahmisiana até o final dos tempos.

Bernstein, Leonard

• Leonard Bernstein

Joan Peyser - Editora Campus (Brasil) - 1989.

Uma biografia assentada em fatos concretos, muitos dos quais cruéis e às vezes gratuitos que flagelam impiedosamente o personagem biografado.

• Leonard Bernstein - Una Vita por la Musica

Enrico Castiglione - Edizioni Logos (Itália) - 1992.

Um afresco primoroso, sugestivo e de elevada qualidade informativa que revela a música como a grande sublimação da existência de Bernstein. O autor mostra-se sensível à grandeza das concepções interpretativas de um dos maiores artistas do século.

Barroco Musical

• La Musique Baroque.

Manfred Bukofzer - J. C. Lattès (França) - 1982.

É a melhor obra já escrita sobre a música barroca. Fez grande sucesso editorial na França. Trata-se de um monumento de erudição e de uma obra de síntese e integração, revelando, descrevendo e demonstrando os grandes períodos do barroco musical classificados por Bukofzer: o "Primeiro Barroco" (as origens da ópera florentina, da monodia e do baixo contínuo), o "Barroco Médio" (a ópera veneziana de Monteverdi e suas repercussões na Alemanha (Schütz), França (Lully) e Inglaterra (Purcell)) e o "Último Barroco", a volta à polifonia na arte de Bach e Handel. Na melhor das hipóteses, é uma clamorosa lacuna editorial brasileira.

Belo Musical

• Do Belo Musical

Eduard Hanslick - Editora da Unicamp (Brasil) - 1989.

Livro clássico da estética musical do século passado e certamente uma das maiores iniciativas editoriais de toda história da Unicamp. Este livro é um dos ilustres sobreviventes do que melhor se escreveu sobre estética musical no século XIX.

Bruckner, Anton

• Bruckner.

Paul-Gilbert Langevin - L'Age D'Homme (França) - 1977.

Um livro erudito e generoso no entusiasmo pela obra do mestre que foi chamado apropriadamente pelo grande ensaísta Franklin de Oliveira de "uma das maiores enseadas de concórdia humana".

CLASSICISMO

• A Música Clássica.
Julian Rushton - Jorge Zahar Editor (Brasil) - 1988.
É necessário reconhecer o grande discernimento da Editora Zahar na escolha de seus títulos musicais. Em quase todos os livros editados, somos pela leitura transportados para um mundo melhor. Nesse livro, o leitor recebe a chave para compreensão da música "clássica", isto é, de um dos períodos mais extraordinários da história da criação musical.

• Le Style Classique - Haydn, Mozart, Beethoven
Charles Rosen - Gallimard (França) - 1978.
Uma das mais completas leituras que se pode realizar sobre os três grandes do século XVIII. No seu significado mais geral, o livro nos proporciona uma apreensão paulatina dos valores musicais do classicismo, principalmente quando põe em foco a preponderante importância da forma-sonata. Deve-se acrescentar que a obra está escrita em linguagem comum e ao mesmo tempo erudita, mas sem preocupações exaustivas.

CHOPIN, FRÉDÉRIC

• Chopin.
Ates Orga - Ediouro (Brasil) - 1992.
Um texto exemplar de inteligência, sensibilidade e poder de síntese de um livro que, tanto na forma quanto no fundo, é uma biografia que rompe os limites tradicionais estabelecidos para o gênero e acaba revelando uma arte tão grande quanto maravilhosa.

• Chopin
Nicholas Temperley - Série "The New Grove" - L&PM (Brasil) - 1990.
Obra escrita por um estudioso da música de Chopin. Desloca a apreciação de sua vida e obra para questões mais sérias e em perspectivas mais corretas, distantes das fabulações que sempre cercaram a vida do mestre polonês.

CASTRATI

• História dos Castrati
Patrick Barbier - Editora Nova Fronteira (Brasil) - 1993.
Um livro admirável que oferece uma visão eclética e panorâmica dos *castrati*, seu tempo, sua arte, esplendores e misérias. Uma grande leitura.

Outras Referências:
• *Farinelli, il Castrato.* Andrée Corbiau - Ed. Actes Sud (França).
• *Farinelli, Mémoires D'un Castrat.* Marc David - Ed. Perrin (França).
• *Les Grands Castrats Napolitains à Venise au XVIII Siécle.* Sylvie Mamy - Ed. Mardaga (França).

A CANÇÃO NO BRASIL

• A Canção Brasileira
Vasco Mariz - Instituto Nacional do Livro - 5ª edição - Editora Nova Fronteira / Pró-Memória (Brasil) - 1985.
Verdadeiro presente aos melômanos desde as primeiras edições que foram se ampliando, transformando-se naquilo que Carlos Lacerda chamou de "lição magistral" e Luiz Paulo Horta, no "Jornal do Brasil", julgou como "um clássico da nossa música". O livro aborda, com uma diversidade e multiplicidade notáveis, todas as correntes da música vocal brasileira, da popular ao repertório do canto de câmara. Por tudo isso, nada mais indiscutível do que considerá-lo um dos melhores e mais completos livros sobre a música brasileira.

CALLAS, MARIA

• Callas - A Arte e a Vida
John Ardoin - Salamandra (Brasil) - 1987.
Um dos livros que honram, pela qualidade gráfica e pelo conteúdo crítico-documentário-fotográfico, a editora do nosso país. É de assinalar ainda a excepcional apresentação de Sérgio Brito.

CRÍTICA MUSICAL

• Caderno de Música - Cenas da Vida Musical
Luiz Paulo Horta - Zahar Editores (Brasil) - 1983.
Matéria de Música (2 volumes). Eurico Nogueira França - Livraria Editora Cátedra (Brasil) - 1983.
Um Roteiro para Música Clássica. Rogério C. de Cerqueira Leite - Livraria Duas Cidades (Brasil) - 1992.
Trabalhos que constituem amostra representativa de alguns dos melhores críticos brasileiros. São livros que reúnem artigos, críticas e ensaios escritos com elegância, clareza e erudição. Além disso, e sobretudo, são obras de investigação, reflexão e de orientação ao ouvinte comum, capazes de fazê-lo redescobrir a música em cada leitura.

Bidu Sayão

Estrela de primeira grandeza

Neste ensaio, o musicólogo Arnaldo Senise analisa a carreira da maior cantora lírica brasileira

Em 1924, Villa-Lobos promoveu em Paris, pela primeira vez, apresentações de obras suas, surpreendendo o mundo. Artistas famosos nelas tomaram parte, entre os quais Arthur Rubinstein e Vera Janacopoulos, ilustre cantora e professora brasileira que lá se educara. Reportando um desses concertos, o crítico do jornal "Liberté" apenas menciona os astros e o compositor em foco.Vai se deter sobre o nome de uma suave estreante: "É preciso assinalar uma jovem artista brasileira do canto, sagrada ao futuro mais espetacular, *Mlle.* Bidu Sayão. Nessa cantora terna, a voz é de uma pureza e uma limpidez maravilhosas; o timbre de um encantamento envolvente e a afinação impecável". Andava também pela França o crítico de música do "New York Herald". Sob o título "Music in Paris", definitivamente embevecido, ele anuncia para a América: "O concerto de Bidu Sayão revela que a arte do *bel-canto* ainda não desapareceu de todo".

Aos vinte e dois anos, ela estava, portanto, glorificada simultaneamente nos Estados Unidos (sem ter lá cantado...) e na Europa. Os vaticínios de um precoce estrelato bem cedo se verificaram. Não mais de três anos de estudo no Brasil e dois em Nice, com Jean De Reszke; concertos nas grandes capitais do Velho Mundo; brilhantes atuações no Rio e em São Paulo - e, de férias em Roma, em 1926, ela pede uma audição a Emma Carelli, respeitada cantora que, já idosa, dirigia o Teatro Constanzi. Este rivalizava com o Scala e o San Carlo de Nápoles na primazia do lírico na península. Os fatos não deixam por menos: Bidu é contratada *ex abrupto* para inaugurar a *saison* no "Barbeiro", de Rossini, com os medalhões Tito Schipa e Carlo Galeffi. Apoteose: "É uma artista acabada, com uma escola de canto perfeita. A voz (...) é de uma beleza fascinante. Com apenas dezoito anos*, aparecendo pela primeira vez na ópera, colhe tão estrondosos aplausos..." *(Alfredo Vandini).*

Tempo houve em que a crítica de música foi exercida, já se vê, por mestres de ciência e de moral elevada - pré-requisitos do que se convencionou chamar de "olho clínico". Entre nós, todavia, mesmo quando ostentava mais dignidade, a crítica tombou em equívocos clamorosos. No Rio, Oscar Guanabarino desdenhou, de saída, os dotes de Bidu Sayão. As vistas desse crítico temido se estreitaram sobremaneira, talvez, por não ter tido ele um concorrente... Insidiosa ironia pode residir nessas "liberalidades" em que se compraz o destino, às vezes, quando poupa, ao abrigo da antítese, os que têm o gênio; quando aparta do deserto o caminheiro... Não há virtuose de fato grande que, nos seus primórdios, não tenha galgado, certa noite, o seu Monte das Oliveiras.

Bidu Sayão era dos que trazem o facho que lhes propicia fitar, além daquelas sombras, a sua aurora. Menina, queria ser atriz. A família, muito bem situada, proíbe. Seu tio, Alberto Costa, um *dilettante* criador de melodias, acenava-lhe com um atalho: a ópera. Entretanto, nem sequer a carreira de cantora-concertista a mãe, viúva, e o irmão admitiam. Pior: o âmbito natural da sua voz era mínimo, não passava de quatro ou cinco notas. Faltando-lhe o instrumento, faltava a ela tudo!

Pois Bidu tratou então de construir, nota por nota literalmente, a tessitura inteira do seu aparelho vocal. Por dois anos quase, nada lhe foi permitido entoar além de áridos e árduos exercícios de *vocalise*. Nem uma só melodia! No seu caminho encontrara um portento de ciência, didática e arte, o conceituado soprano romeno Helena Theodorini, que vivia no Rio de Janeiro e à qual ela se confiou espontaneamente, sem que a família soubesse. O resultado é fenomenal: ouçam a "Polonaise" e a Balada de "O Guarani", que gravara em 1935, hoje numa antologia de Carlos Gomes que o selo Eldorado (SP) editou recentemente em CD.

Haverá qualquer coisa de ritual, de litúrgico, de "iniciático" nessa tarefa de "construir-se" a que Bidu se submetia....

Explico. A música encerra uma indubitável supremacia - *hélas*! - relativamente às demais artes. A música não "significa" nem "simboliza" como as outras. A música "é" exatamente, ela própria, a emoção que se destina a comunicar, pois ela infunde no ouvinte, com rigor, o dinamismo essencial - quer dizer, a energia pura - da paixão, cujo estremecimento animou o seu autor para compô-la. Vibração, ela age na energia do eu. Entre toda a música, no entanto, uma existe que é ainda mais alta, não só porque provoca no ouvinte a comoção de mais extrema agudeza, que as outras modalidades dessa mesma arte não podem induzir, mas, principalmente, porque engaja o inteiro existir, material e moral, daquele que a veicula. É o canto. Cantar é a "atividade" suprema do eu, do ser.

O cantor, para tornar-se um virtuose de fato, precisa de converter-se, ele próprio, a inteireza do seu ser, na sonoridade que emite e na melodia que entoa. O que lhe é exterior não participa, como acontece na arte instrumental. É a fusão candente de todas as dimensões da sua pessoa que se verte, afinal, em forma de fluido melódico. Mais: assim jungido ao fluxo do "melos", todo o ser do grande cantor entra em sintonia com a lei suprema da vida, que é o movimento no sentido da perene mudança - e cujo paralelo perfeito é o fluir da melodia. Na música instrumental, o eu tem que se lançar ao domínio do "outro": o instrumento. No canto, o eu será mestre apenas do próprio ser, integrando-se ao fluido da vida.

Desse modo, construindo o seu aparelho sonoro, Bidu se "construía" a si mesma como todo um ser que se "transmuta" no belo: a melodia. Ela viveu concretamente essa reduplicada sublimação do eu, que é o canto, especializando-se primeiro na arte do concerto, que nunca abandonou. Poucas vezes terá pisado o palco um cantor tão identificado com a essência da música (que é a melodia!) como Bidu Sayão, e, como ela, guarnecido de tão atilada inteligência e - *excusez du peu!* - de tamanho senso dramático. "*Prodigio di musicalità e di gentalità scenica*", escreveu o jornal "Il Corriere di Milano", em 2 de outubro de 1929, sobre Bidu no Scala.

Em maio de 1994, o Municipal de São Paulo a homenageou com uma exposição e um concerto. Ausente, ela roga, numa tocante mensagem de reverência: "Como meu último pedido, gostaria de um minuto de silêncio (...) em memória do grande artista das pistas, Sr. Ayrton Senna, que, na busca incessante da perfeição, perdeu sua vida lutando pelo nome do nosso país". Nessas poucas palavras, duas linhas-mestras do desempenho de Bidu: o culto à excelência e a exaltação do nome do Brasil. Recusou a cidadania dos Estados Unidos, a qual lhe foi insistentemente oferecida por Franklin Roosevelt em pessoa, num concerto na Casa Branca, em 1938, quando fazia apenas um ano que se fixara naquele país. É bem verdade que por longo tempo, depois de se aposentar voluntariamente, ela manifestou esquivança para com o Brasil. O motivo teria sido um malogrado convite - aludido, mas nunca formalizado - para que cantasse na inauguração de Brasília, em 1960.

Credita-se ao devotamento particular de indivíduos, quase tudo o que se faça pelos valores desta terra. Milton Cunha, carnavalesco da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, cumpriu um papel duplamente histórico. Não se sabe de um outro músico da nata, como Bidu Sayão, que tenha sido obsequiado, na idade provecta, com tão suntuoso tributo popular, como é o carnaval do Rio, o maior espetáculo do planeta no gênero.

Pois Bidu foi, sim, uma estrela de primeira grandeza que tangeu multidões. Fez o quanto pôde, ao longo da vida, para levar a sua melhor arte aos setores mais amplos do povo. Durante a Guerra, deu inumeráveis concertos para feridos e doentes. Cantou em mais de quinhentas localidades norte-americanas, até no Hollywood Bowl. Uma pesquisa popular, em 1954, revelou ser ela a segunda cantora mais conhecida nos Estados Unidos. No Brasil, visitou cidades longínquas e obscuras. Era presença freqüente nas temporadas do Rio e São Paulo, até 1946.

Bidu Sayão foi um desses casos raríssimos em que o primor de espírito se projetou sobre a massa. Entretanto, o requinte é nela, como em todo aquele que o conquista, o produto de um fator que professores e estudantes no Brasil repudiam: o apuro da personalidade que somente o esmero de uma educação aristocrática pode proporcionar. Jean De Reszke foi quem arrematou tal processo em Bidu. Ele não cuidou da sua voz porque considerava perfeita a formação dada pela venerável Theodorini. Esta, segura e confiante, levara a discípula, com pouco mais de vinte anos, para apresentar-se diante da Rainha Maria da Romênia, que se encantou. De lá, sem a mestra, fora procurar na França o já idoso De Reszke, grande tenor do século dezenove.

Ele não lecionava canto. Ensinava interpretação, expressão dramática e compenetração dos estilos particulares dos diversos compositores. Instruía os alunos através da prática, representando com eles num palco. Educador, ele sabia que os espíritos "escolhidos" se lustram polindo-se metodicamente as suas expressões exteriores: ensinava a falar o mais belo francês, burilava a prosódia e a dicção, adestrava as atitudes e gestos de cena, bem como o portar-se no palco relativamente a objetos e pessoas, inculcava boas maneiras e elegância. Enfim, *métier* e civilidade.

Em seguida ao seu fulgurante *début* romano, Bidu teve ainda a orientação de expoentes como Tetrazzini, Rosina Storchio etc... Havendo cantado em Nápoles o "Rigoletto" com o eminente barítono Giuseppe Danise, passou a tomar aulas com ele. Seria em breve o seu segundo marido. Até meados dos anos 30, ela excursionou pelos melhores teatros da Itália, incluindo-se o Scala, e pelos de outros países vizinhos. Deteve-se na França, abrilhantando numerosos espetáculos da "Opéra Comique", aclamadíssima. O Colón de Buenos Aires a ovacionaria várias vezes mais tarde.

Bidu e Toscanini (à direita, de chapéu) embarcando em Nova Iorque

Estava de visita nos Estados Unidos, em 1936, quando foi escolhida por Toscanini para protagonizar "La Démoiselle Élue", poema lírico de Debussy, com a Filarmônica de Nova York. Foi saudada entusiasticamente. Seu belo êxito, mais a recomendação do maestro, lhe valeram o convite do Metropolitan, no ano seguinte, para fazer a Manon, de Massenet. Celebradíssima, ali permaneceu no elenco regular até 1951. A partir de então, intensificou a arte do concerto. Por decisão própria, apresentou-se pela última vez em público em 1957, com a Filarmônica, na mesma peça de Debussy.

Os papéis que mais a distinguiram foram Manon, de Massenet, Julieta, de Gounod, Mélisande, de Debussy, Lakmé, de Delibes, Cecília, de "O Guarani", Mimi, de Puccini, Rosina, de "O Barbeiro de Sevilla" e os mozartianos. Interpretava peças de câmara - a arte que ela mais encarece - com luminoso esplendor, notadamente canções brasileiras, muitas das quais deixou gravadas. Propriedade, vivacidade e equilíbrio - a súmula da sua arte.

Fez numerosos registros, havendo muitos discos piratas de óperas ao vivo. A Sony Music, detentora atual da maioria das gravações oficiais - ora, ora!, não tem planos para reedições... Uma vídeo-fita VHF, editada nos Estados Unidos pela VAI (Video Artists International), apresenta desempenhos arrebatadores dela em ópera, câmara e canções ligeiras, filmados pela NBC. Uma coletânea de notas e documentos sobre Bidu Sayão foi publicada em São Paulo por Fernando de Bortoli. O jornalista Mauro Trindade, no Rio, prepara uma biografia. A revista "Orpheus", de Berlim, especializada em ópera, dedicou duas longas matérias a Bidu Sayão, em dezembro de 1994 e janeiro de 1995.

A voz. Do ponto de vista da emissão, a voz de Bidu não é tonitroante nem de largas reverberações. É uma voz robusta e vigorosa, que se projeta com toda eficácia e se torna especialmente penetrante. "Jamais houve sequer um momento em que um matiz ou uma intenção de Bidu deixassem de ser percebidos claramente através dos augustos espaços do Met..." (Max De Schauensee). Do ponto de vista do timbre, a sua voz é de uma candura cristalina, delicada, maviosa e doce. Tem um frescor peregrino, uma jovialidade meiga e amável; é passível de variado colorido, podendo tornar-se "quente" ou por vezes "escura" etc... Do ponto de vista da técnica de condução, possui os requisitos que fizeram dela a diva que é: *vibrato* judicioso, uniformidade perfeitamente contínua, *legato* fluidíssimo, desenvoltura, mobilidade e agilidade sem conotação alguma de esforço. É flexível ao extremo e maleável aos matizes.

Não há planos para reedição de gravações

E a afinação! Bidu possui uma faculdade incomum, que explora com gênio peculiar: ela costuma evidenciar as mudanças de tom da música (modulações) com nuanças deliberadas nas afinações de certas notas, de acordo com cada nova escala (tom) em que elas aparecem. Assim, quando uma mesma nota surge, ao longo das frases, em tons diversos, ela imprime a essa nota ligeiras e adequadas diferenças de afinação, para o agudo ou o grave, as quais indicam precisamente ao ouvido - pelo mero curso da linha melódica! - os novos tons em que se encontra a música. É uma voz "harmoniosa".

A insigne Rosa Ponselle - a única das cantoras antigas que se diz que Maria Callas ouvia com deferência - declarou: "Entre todos os sopranos de registro lírico, Bidu é a maior". ■

** Tem-se como certo que Bidu - Balduína de Oliveira Sayão - nasceu em 1902, no Rio de Janeiro. As datas relativas aos primórdios da carreira são quase todas imprecisas, pois a própria cantora se confunde a seu respeito. Ela reside no litoral do estado de Maine, nos EUA.*

Os Registros Mais Eloqüentes

Todas as qualidades mais ingentes da cantora - as musicais e as dramáticas - sem exceção, encontram-se patenteadas com fulgor na vídeo-fita VAI - Video Artists International, "Bidu Sayão in Opera and Song" (VHS 69103, EUA), documento essencial e imprescindível. O seu antológico desempenho como Juliette de Gounod (Jussy Björling no papel de Romeu) está perpetuado num álbum duplo de CDs contendo a íntegra da ópera, tomada em público na Metropolitan Opera de N.Y., 1947 (MYTO Records MCD 890.04). Neste registro, feito em cena aberta, avalie-se e se comprove a potência da sua compleição vocal.

No Brasil, há dois CDs que apresentam gravações de 78 rpm realizadas no país, ao lado de registros de outros artistas. O mais importante é "Legendary Performers Sing Carlos Gomes" (gravadora Eldorado, São Paulo, SP). Bidu Sayão interpreta a "Polonaise" do primeiro ato e uma versão abreviada de "C'era una volta un principe...", de "O Guarani". O outro CD, marca Revivendo, intitula-se "Fascination". Nele, canta "Casinha Pequenina", "Canto da Saudade" (Alberto Costa) e "Canção da Felicidade" (Barroso Netto/N. Sanches). Nos dois CDs, é acompanhada com pequena orquestra.

Dos já antigos LPs de vinil, que se encontram só nas lojas de usados, é indispensável conhecer os que indicamos a seguir:

"The Art of Bidu Sayão" (1957)
RCA/Camden CAL 373 EUA; no Brasil, RCA BRL 186

"Legendary Performances: Bidu Sayão - French Arias and Songs (1976)
CBS/Odissey 33130 EUA

"Bidu Sayão - My Encores/Folk Songs of Brazil" (1949)
Columbia ML 4154 EUA

"Bidu Sayão - Bachianas Brasileiras Nº 5/ Brazilian Folk Songs/ Puccini Arias"
CBS ML 5321 EUA

"Legendary Performances: Bidu Sayão - Bachianas Brasileiras Nº 5/ Arias from Operas"
CBS Odissey 32 16 0377 EUA; no Brasil, CBS 111069; destaque para a interpretação de "Ah, non credea mirarti..." de "La Sonnambula", de Bellini.

"Villa-Lobos: Forest of the Amazon" (1959) - o compositor regendo a Symphony of the Air
United Artists UAS 8007 EUA; no Brasil, SOM/Copacabana UAM 20028

PUCCINI

Mário Willmersdorf Jr.

LA BOHÈME

Giacomo Puccini não era exatamente o que se poderia chamar de um compositor desconhecido quando sua "La Bohème" subiu à cena no Teatro Regio de Turim, em 1º de fevereiro de 1896. Ele já compusera obras como "Manon Lescaut", mas foi definitivamente a ópera baseada nas "Scènes de la vie de Bohème", de Henri Murger, que catapultou-o para a fama. A ópera foi composta em meio a uma intriga com o colega Leoncavallo — o compositor de "I Pagliacci" —, ambos disputando a primazia do enredo, e acusando-se mutuamente de roubo. Quem passou a perna em quem, ninguém pode dizer hoje com segurança. Não resta dúvida, porém, de que a obra de Puccini colocou na sombra a de seu concorrente.

Os ingredientes eram ótimos: a Paris dos estudantes dos últimos anos do século XIX, a efervescência do Quartier Latin, falta de dinheiro, pequenos trambiques, muita alegria, humor e amor. Amor suave e violento contrastando. E, fechando tudo isto, o drama da heroína Mimi, que morre vítima da tuberculose, deixando inconsolável o seu Rodolfo. Ela é, sem dúvida, uma das personagens mais fascinantes da literatura operística. A nosso ver, mais do que da doença, Mimi morre de amor, ao se ver privada da companhia do seu poeta. Os libretistas Giacosa e Illica estruturaram a ópera em quatro atos, que podem ser esquematicamente divididos da seguinte forma:

- 1º ato: apresentação do quarteto boêmio (Rodolfo e Mimi: o encontro)
- 2º ato: a vida boêmia (Marcello e Musetta: o reencontro)
- 3º ato: os desencontros (Mimi se descobre doente - separação dos casais: a ternura de Rodolfo-Mimi, a explosão de Marcello-Musetta)
- 4º ato: a tragédia (o retorno de Mimi e Musetta. Mimi, a morte de amor)

DISCOGRAFIA SELECIONADA

- Albanese, Peerce, Valentino, McKnight, Baccaloni; Orq. Sinf. NBC/Toscanini (1946) - Mn/M/I/ADD - BMG/RCA Victor 60288-2 RG
- De Los Angeles, Björling, Merrill, Amara, Tozzi, Corena; Coro e Orq. RCA Victor/Beecham (1956) - Mn/N/I/ADD/* - EMI CDCB 47235
- Callas, Di Steffano, Panerai, Moffo, Zaccaria, Badioli; Coro e Orq. Alla Scala/Votto (1957) - Mn/N/I/ADD/* - EMI CDCB 47475
- Tebaldi, Bergonzi, d'Angelo, Bastianini, Siepi, Corena; Coro e Orq. Accademia di Santa Cecilia/Serafin (1959) - St/M/I/ADD/* - London 425 534-2
- Freni, Gedda, Sereni, Adani, Montarsolo; Coro e Orq. Ópera de Roma/Schippers (1964) - St/M/I/ADD - EMI CDMB 69657
- Ricciarelli, Carreras, Putnam, Wixell, Lloyd; Coro e Orq. Covent Garden/Davis (1979) - St/B/I/ADD/* - Philips 442 260-2

*St - gravação estereofônica/ Mn - gravação monoaural/ I - disco importado/ Nc - disco fabricado no Brasil / * - disco disponível apenas em importadoras/ N - preço normal/ M - preço médio/ B - preço barato.*

Uma das peças mais populares de todo o repertório operístico, "La Bohème" é uma das obras líricas mais gravadas. Dentre os títulos disponíveis no Brasil, há excelentes sugestões. Para começar, a gravação histórica de Toscanini, simplesmente o maestro que regeu a estréia da ópera. Apesar de bastante antigo, o registro é fundamental à boa discoteca, já que dá a visão mais próxima do enfoque que o compositor tinha da obra. E a regência é enérgica, viva e inquestionavelmente autorizada. Destaque para a Mimi de Licia Albanese. Ninguém como ela conseguiu transmitir a fragilidade da heroína pucciniana. Além do belo timbre de voz, Albanese é uma intérprete irretocável. Ao seu lado, um Jan Peerce de timbre não muito agradável, mas essencialmente verdadeiro na caracterização de Rodolfo. Elenco homogêneo, onde se destaca a participação do baixo *buffo* Salvatore Baccaloni, um dos mais importantes deste século, fazendo a dobradinha Benoit/Alcindoro.

Outra versão clássica é a do maestro Thomas Beecham, com Victoria de Los Angeles fazendo uma Mimi coquete e apaixonante. Seu par é o grande Jussi Björling no auge da forma. O segundo casal é vivido pelo ótimo Robert Merrill e pela expressiva Lucine Amara. Completam o elenco Giorgio Tozzi, um Colline impecável, e Fernando Corena, um Benoit/Alcindoro de alta classe. Além do soprano e do tenor, o grande destaque da gravação é o maestro. Esta versão é tida por boa parte da crítica internacional como a melhor gravação já realizada da obra-prima de Puccini.

Maria Callas, apesar de não ter em Mimi uma de suas grandes personagens, deixou para a posteridade sua visão da heroína. Uma interpretação densa e marcadamente dramática. Ao seu lado, Di Steffano, Rolando Panerai e uma Anna Moffo despontando para a fama com sua saborosa Musetta. Regência burocrática de Antonino Votto.

Tebaldi, a grande rival de La Callas, teve na heroína de Puccini uma de suas mais marcantes personagens. Se a interpretação do soprano italiano não chega a ser extraordinária, vocalmente é uma das Mimis mais brilhantes do disco. Seu par romântico é o maravilhoso Carlo Bergonzi, um Rodolfo suave e convincente. A gravação tem ainda o grande Ettore Bastianini, Cesare Siepi e Fernando Corena. Regência competente e sensível de Tullio Serafin. Tomada de som espacial, com ótima definição. No todo, uma das melhores versões.

Ainda hoje a grande Mimi dos principais palcos do mundo, Mirella Freni deixou uma versão quase que definitiva da personagem que mais marcou sua carreira. Ao seu lado, Nicolai Gedda, além de tenor brilhante, um intérprete perfeito e altamente elegante de Rodolfo. O segundo casal é feito por Mariella Adani e Mario Sereni, com ótimo desempenho. A regência de Thomas Schippers, que morreu quando começava a se firmar como um dos maiores valores da nova geração, é precisa e vigorosa. Uma das melhores versões da ópera, ainda mais se considerarmos ter sido relançada em preço médio.

Katia Ricciarelli e José Carreras formam o casal principal da extraordinária versão dirigida por Colin Davis. Ambos estão no auge da forma. Ricciarelli faz uma Mimi sensual e comovente. Seus pianíssimos são sublimes. Carreras é o próprio Rodolfo; o cantor certo no lugar certo. Perfeito. O elenco traz ainda uma Musetta fora de série: Ashley Putnam, além de Ingvar Wixell, Hakan Hagegard e Robert Lloyd. Em sua última edição, a obra foi lançada na série "2 em 1" da Philips — dois discos pelo preço de um. Mesmo não vindo com libreto, uma versão imperdível.

DVORÁK

SINFONIA Nº 9 "DO NOVO MUNDO"

Referindo-se à sua "Sinfonia Nº 9", Antonín Dvorák (1841/1904) declarou certa vez: "Ela nunca teria sido escrita desta forma se eu nunca tivesse visto a América". E poderíamos acrescentar: nenhum compositor que nunca tivesse visto a Europa tê-la-ia escrito desta forma... É que, apesar de trazer vários elementos *inspirados* nos sons nativos dos Estados Unidos — leia-se na música índia e na negra — ela é eminentemente européia em sua estrutura. Poderíamos ir ainda mais longe, dizendo que somente um compositor tcheco poderia tê-la escrito. E, dos tchecos, somente Dvorák.

Filho de classe média, o compositor teve um início de carreira dos mais duros, trabalhando inicialmente no açougue do pai. Ele custou bastante a firmar-se e só conseguiu fazê-lo a partir de um "empurrãozinho" dado pelo amigo Brahms, que conseguiu-lhe uma bolsa do governo. Isto foi em 1875. Sua primeira peça, com forte sabor boêmio, granjeou-lhe logo a fama no país: a primeira série das "Danças Eslavas", hoje peças obrigatórias no repertório de qualquer orquestra. A carreira do compositor deslanchou e Dvorák não tardou a conquistar o mundo com sua música. Em 1890, assumiu uma cátedra no Conservatório de Praga. Um ano depois, o convite irrecusável: ir para Nova York como professor de composição e diretor artístico do recém-inaugurado Conservatório Nacional de Música. E com excelente salário!

A sinfonia, batizada por ele mesmo de "Novo Mundo", foi escrita entre janeiro e maio de 1892. Dvorák ficou encantado com a música que ouvia no país. Ele visitou o "Wild West Show" de Buffalo Bill, onde tomou contato com músicas dos aborígenes americanos — cujo espírito marca o famoso tema principal do movimento lento.

Diferentemente do processo ocorrido com compositores clássicos que exploraram temas folclóricos a partir de uma reelaboração, Dvorák criou seus próprios temas. Em entrevista concedida em dezembro de 1893 ao "New York Herald", declarou: "Tudo o que fiz foi escrever temas originais englobando as peculiaridades da música indígena e, usando esse material como temas, desenvolvê-los com todos os recursos do ritmo, harmonia, contraponto e colorido orquestral modernos". Em seu todo, a "Sinfonia do Novo Mundo" é um apanhado das impressões despertadas no compositor pela América, trazendo uma certa nostalgia do Velho Mundo.

A SINFONIA E O CD

- Sinfônica de Chicago/Fritz Reiner (1955) - St/M/T/ADD - BMG/RCA Victor - 09026 62587 2
- Sinfônica de Londres/Eugene Ormandy (1969) - St/M/Nc/ADD - Sony SBK 46331
- Philharmonia/Carlo Maria Giulini (1962) - St/M/T/ADD - EMI Classics 7243 5 69828 2
- Sinfônica de Houston/Christoph Eschenbach (1991) - St/N/T/DDD - Virgin Classics 7243 5 61124 2
- Filarmônica de Nova York/Kurt Masur (1992) - St/N/T/DDD - Teldec 9031 73244 2
- Orquestra de Filadélfia/Wolfgang Sawallisch (1988) - St/N/T/DDD - EMI Classics CMS 7 64812 2

Há excelentes gravações na categoria de preço médio e baixo. Aí estão as ótimas versões de Fritz Reiner e de Carlo Maria Giulini. Reiner conta com a ótima Sinfônica de Chicago. A gravação, apesar de bem antiga, foi extremamente bem captada. É uma leitura vigorosa e brilhante, integrando a série *Living Stereo*, que reúne as gravações pioneiras do sistema estereofônico. Ainda no programa, a "Abertura Carnaval", mais a abertura de "A Noiva Vendida", de Smetana e a Polca e Fuga de "Schwanda", de Weinberger. Uma ótima opção.

Outra boa sugestão é a interpretação de Ormandy à frente da Sinfônica de Londres. Como de hábito, o regente faz a música soar grandiloqüente e de maneira brilhante. A qualidade de som é que, em determinados momentos, parece um pouco agressiva. Mas nada que comprometa. O CD traz também a "Serenata para Cordas" do compositor. A versão de Giulini é simplesmente extraordinária. Os músicos da Philharmonia respondem com paixão e envolvimento. Seu *Largo* é simplesmente antológico. Uma gravação de referência da obra, em embalagem dupla, que traz ainda as sinfonias 7 e 8, a "Abertura Carnaval" e o "Scherzo Capriccioso". Tomada de som opulenta e bem definida. E ainda por cima na categoria de preço mais baixa!

Na faixa de preço normal, temos a recente versão de Eschenbach com a Sinfônica de Houston que, apesar da excelente tomada de som, não chega a acrescentar muito. É simplesmente correta. Completa o programa "Francesca da Rimini", de Tchaikovsky. Masur é sem dúvida um dos maiores regentes da atualidade. Ele está bastante à vontade com os músicos da Filarmônica de Nova York, da qual é diretor artístico e regente principal. Seus tempos são criteriosamente estudados e a música flui naturalmente. Talvez seja a versão de ritmo mais marcado. É contagiante. A tomada de som é natural. Finalmente, a maravilhosa versão de Sawallisch à frente da Orquestra de Filadélfia. No estojo duplo, as sinfonias 7 e 8 e ainda o "Concerto para Violoncelo", tendo Natalia Gutman como solista. Sawallisch é quem chega mais perto de Giulini na emoção. Apesar de seu estilo notadamente germânico, a regência do maestro é extremamente flexível e suas dinâmicas espetaculares. A qualidade técnica da gravação é excepcional. Uma grande pedida. ■

Mário Willmersdorf Jr.

O THEATRO

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Ciclo Villa-Lobos abre temporada 96

A Secretaria de Estado de Cultura e Esporte dará continuidade, em 96, ao seu trabalho de imprimir sempre mais qualidade à programação dos seus centros de cultura, museus e teatros. A principal casa de espetáculos da América Latina, O Theatro Municipal do Rio de Janeiro, abre suas portas, neste ano, com uma grande realização: o Ciclo Villa-Lobos. As criações do maior compositor erudito brasileiro encontram a obra de Debussy, Stravinsky, De Falla, Bach, Ravel e Gershwin em seis concertos. "O mínimo que a gente tem que fazer é realizar um ciclo como este", diz Emílio Kalil, presidente da Fundação Theatro Municipal, idealizador da série. Os encontros revelam a influência dos grandes nomes da música erudita mundial sobre a obra de Villa-Lobos - "sobretudo Bach, é claro", diz Eliana Cardoso, coordenadora de programação musical que estruturou o ciclo junto com Kalil e o Museu Villa-Lobos. "É preciso relembrar que a presença de Gershwin tem aqui outra medida na idéia do ciclo: representa a influência dos Estados Unidos como um todo na vivência musical de Villa - ou mesmo a influência mútua, já que o compositor viveu e produziu muito por lá", completa.

Maude Salazar é solista do concerto inaugural

A importância deste ciclo para o teatro fica patente: é um dos concertos da série que faz a abertura da programação de 1996 do Municipal, com a grandiosa "Floresta do Amazonas", para soprano, coro masculino e orquestra, escrita em 1958 para o filme "Green Mansions", dirigido por Mel Ferrer, no encontro com o "Pássaro de Fogo", de Stravinsky. Em cada programa, novidades e preciosidades, como a volta aos palcos de Sonia Maria Strutt, sobrinha de Mindinha e Heitor Villa-Lobos, depois de cinco anos de ausência, e a primeira audição mundial da versão para violão e cordas de Nelson Nilo Hack para o "Concerto para violão e orquestra", originalmente chamado "Fantasia Concertante", na performance de Turíbio Santos.

Assinaturas para a temporada lírica estão à venda

Os ingressos para toda a programação lírica do Municipal carioca em 96 podem ser adquiridos com antecedência e com desconto, através da compra de assinaturas. Com preços entre R$90,00 e R$300,00, os assinantes garantem seus lugares para toda a temporada.
Mais informações pelo telefone de reservas do TM: (021) 262-3935.

SOLISTAS FALAM DE VILLA

• Maúde Salazar

O soprano carioca é a solista do concerto que abre a programação 96. Ela canta pela primeira vez a "Floresta do Amazonas". "Só para se ter uma idéia da importância mundial de Villa-Lobos: eu cantei há seis anos em Nova York num concerto organizado pela Villa-Lobos Music Society, que é um grupo americano que se destina exclusivamente a divulgar a obra do nosso Villa", conta Maúde.

• Sonia Maria Strutt

A pianista, sobrinha de Villa-Lobos, retoma sua carreira interrompida há cinco anos para, mais uma vez, interpretar "Momoprecoce" (fantasia para piano e orquestra, composta em 1929) a convite do Theatro Municipal. "Villa foi uma pessoa extraordinária, o maior gênio da música brasileira", diz a pianista. "Foi um privilégio conviver com ele e tocar esta peça sob sua regência, quando eu tinha 13 anos de idade", relembra. "É importantíssimo este ciclo, que mostra a imensa estatura de Villa-Lobos, inclusive frente aos grandes compositores da música universal".

• Wagner Tiso

Tocando pela primeira vez a "Rhapsody in Blue", de George Gershwin, à frente de uma orquestra sinfônica, o pianista mineiro é o solista do concerto que encerra o ciclo. "O desafio é maravilhoso: sou apaixonado desde menino por Gershwin e por Villa-Lobos", conta Wagner, mais conhecido pelo seu trabalho na música popular e que já tocou partes da "Floresta do Amazonas", da "Missa do Descobrimento", adaptou e gravou "Mandú-Çárárá" e o "Choros Nº 10".

• Turíbio Santos

O violonista e diretor do Museu Villa-Lobos executa neste ciclo a primeira audição mundial da versão para violão e cordas do "Concerto para violão e orquestra", escrita por Nelson Nilo Hack. "A idéia do ciclo é maravilhosa e combina com o espírito do Festival Villa-Lobos: não isolar a obra de Villa dos outros compositores. O Municipal realiza uma programação sólida e afirmativa e isso dá o tom para programadores do país e do exterior, que vêem como é importante tocar Villa-Lobos", explica Turíbio.

• Linda Bustani

Uma idéia nova, diferente e estimulante para o público e os artistas. Esta é a avaliação da pianista sobre o ciclo Villa-Lobos, onde vai tocar pela primeira vez as "Noites nos Jardins de Espanha", de Manuel De Falla. "Estive ano passado no Japão, a convite da Sociedade Villa-Lobos de lá, o que dá a medida da importância do nosso Villa. E acho que é a primeira vez que o Theatro Municipal comemora a genialidade de Villa-Lobos", conta Linda.

• Paulo Sérgio Santos

O premiado clarinetista, saxofonista e compositor reencontra a "Fantasia para saxofone soprano e pequena orquestra" de Villa-Lobos (que forma com o "Concerto para violão" e a "Ciranda de Sete Notas" uma espécie de trilogia dos concertos de câmara), composta em 1948, uma das suas peças preferidas. "Gosto muito da série de choros, porque sou um músico ligado ao gênero e fiz várias transcrições, digamos, informais de peças de Villa, adaptações", conta Paulo Sérgio.

O CICLO VILLA-LOBOS

4 *de março*

(abertura da temporada 1996 do Theatro)
Stravinsky - *O Pássaro de Fogo (versão 1919)*
Villa-Lobos - *Floresta do Amazonas*
Roberto Duarte - regente
Maúde Salazar - soprano

11 *de março*

Villa-Lobos - *Uirapuru (Ballado)*
Villa-Lobos - *Momoprecoce*
Villa-Lobos - *Bachianas Brasileiras Nº 4*
Diogo Pacheco - regente
Sonia Maria Strutt - piano

3 *de junho*

De Falla - *Noites nos Jardins de Espanha*
Villa-Lobos - *Descobrimento do Brasil (4 suítes)*
Roberto Duarte - regente
Linda Bustani - piano

8 *de julho*

Villa-Lobos - *Fantasia para saxofone*
Villa-Lobos - *Mandu-Çárárá*
Ravel - *La Valse*
Debussy - *La Mer*
Mário Tavares - regente
Paulo Sérgio Santos - saxofone
Coro do Theatro Municipal

15 *de julho*

J. S. Bach - *Concertos de Brandenburgo Nº 4 e Nº 6*
Villa-Lobos - *II Suíte para orquestra de câmara*
Villa-Lobos - *Concerto para violão*
Mário Tavares - regente
Turíbio Santos - violão
Marcelo Fagerlande - cravo

27 *de agosto*

Villa-Lobos - *Bachianas Brasileiras Nº 9*
Gershwin - *Rhapsody in Blue*
Gershwin - *Um Americano em Paris (Suíte para Orquestra)*
Villa-Lobos - *Choros Nº 10*
Roberto Tibiriçá - regente
Wagner Tiso - piano
Coro do Theatro Municipal

Estas páginas foram produzidas pela Assessoria de imprensa do Theatro Municipal, a quem cabe a responsabilidade pelas informações publicadas

Agenda!
Março

DIA 2 *(sábado)*

Concerto - SP
THEATRO MUNICIPAL SP, 16H30
LILIAN BARRETTO, piano, e QUARTETO DE CORDAS DA CIDADE DE SÃO PAULO. Programa: BEETHOVEN / DVORÁK.

DIA 3 *(domingo)*

Rádio - Rio
MEC FM (98,9), 17H
Ópera Completa
"O ELIXIR DO AMOR", de Donizetti. Carteri/ Alva/ Panerai/ Taddei/ Vercelli. Orquestra e Coro do Teatro alla Scala/ Tulio Serafin. Duração: 1h 51min.

DIA 4 *(segunda)*

Concerto - Rio
THEATRO MUNICIPAL RJ, 21H
ABERTURA DA TEMPORADA 96/ CICLO VILLA-LOBOS. ORQUESTRA E CORO DO THEATRO. Regência: Roberto Duarte. Solista: Maúde Salazar, soprano. Programa: STRAVINSKY - "O Pássaro de Fogo" (versão 1919) / VILLA-LOBOS - "Floresta do Amazonas".

Concerto - SP
THEATRO MUNICIPAL SP, 18H
VESPERAIS LÍRICAS. Solistas convidados: Victoria Kerbauy, soprano, Marilia Siegl, soprano, Carlos Vial, barítono, Claudio de Brito, piano. CAMERATA ATHENEUM. Regência: LUCIAN ROGULSKY. Programa: HOMENAGEM A CARLOS GOMES - trechos de óperas. Entrada Franca.

Vídeo - Rio
CASTELINHO DO FLAMENGO, 16H
"LA FANCIULLA DEL WEST", de Puccini. Domingo/ Daniels/ Milnes. Metropolitan Opera House/ Leonard Slatkin (1991). Comentários de Maria Teresa Pérez. Entrada Franca.

DIA 5 *(terça)*

Concerto - Rio
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
WAGNER TISO, piano, e CORAL DA SHELL. Programa: "Paisagens Sonoras Brasileiras" - obras de W. TISO/ VILLA-LOBOS/ TOM JOBIM. Ingresso: R$ 6,00 (vendas no local a partir da sexta-feira anterior ao concerto).

Vídeo - Rio
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 15H E 18H30
"LEAR", de Aribert Reimann. Série "Óperas Contemporâneas". Comentários: Victor Giúdice. Entrada Franca (retirada de senhas meia hora antes das sessões).

DIA 7 *(quinta)*

Concerto - SP
TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 21H
NELSON FREIRE, piano. Programa: BRAHMS - "Vier Klavier Stücke Op. 119" / SCHUMANN - "Estudos Sinfônicos Op. 13 (1ª versão)" / DEBUSSY - "Children's Corner" / CHOPIN - "Polonaise Fantasia", "Noturno em Si maior Op. 62 Nº 1" e "Scherzo em Si menor Op. 20 Nº 1".

DIA 8 *(sexta)*

Concerto - SP
THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL. Regência: KARL MARTIN. Solista: JOSÉ FEGHALI. Abertura Oficial da Temporada Sinfônica 96.

DIA 9 *(sábado)*

Concerto - Rio
TEATRO MUNICIPAL DE NITERÓI, 21H
PAULO FORTES, barítono, NETI SZPILMAN, soprano, e SAMUEL KARDOS, piano. Programa: "As Operetas Estão Voltando" - canções de FRANZ LEHÁR / LEON BARD / RICHARD RODGERS / LAMARTINE BABO / FREDERICH LOEWE. Ingressos: R$ 10,00 e R$ 15,00. Estacionamento gratuito.

Concerto - SP
ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA, 18H
QUARTETO AGNI Q: Eduardo Agni Bueno, violão, Leonardo Jeszensky, violino, Humberto Lincoln, baixo, e Chandra Lacombe, percussão. Entrada Franca.

Vídeo - SP
AUDITÓRIO DO CÍRCULO MILITAR, 16H
"WERTHER", de Massenet. Sabbatini/ Scalchi/ Henri/ Scarabelli. Teatro Comunale di Bologna/ Riccardo Chally (1992). Realização: VERDI ÓPERA CLUBE. Ingresso: R$ 7,00. Entrada Franca aos associados.

DIA 10 *(domingo)*

Vídeo - SP
AUDITÓRIO DO CÍRCULO MILITAR, 16H
"L'ELISIR D'AMORE", de Donizetti. Canonici/ Rufini/ Pratico (1991). Realização: VERDI ÓPERA CLUBE. Ingresso: R$ 7,00. Entrada Franca aos associados.

Rádio - Rio
MEC FM (98,9), 17H
Ópera Completa
"TANCREDI", de Rossini. Horne/ Cuberli/ Palacio/ Zaccaria/ Manca di Nissa. Orquestra e Coro do Teatro La Fenice/ Ralf Weikert. Duração: 2h 49min.

DIA 11 *(segunda)*

Concerto - Rio
THEATRO MUNICIPAL RJ, 21H
CICLO VILLA-LOBOS. ORQUESTRA E CORO DO THEATRO. Regência: Diogo Pacheco. Solista: Sonia Maria Strutt, piano. Programa: VILLA-LOBOS - "Uirapuru" (bailado), "Momoprecoce" e "Bachianas Brasileiras Nº 4".

Concerto - SP
THEATRO MUNICIPAL SP, 18H
VESPERAIS LÍRICAS. Solistas convidados: Leda Monteiro, soprano, Marcelo Vannucci, tenor, Andrea Ramus, barítono, José Gallisa, baixo, Miguel Zinovick, barítono, e Vânia Pajares, piano. CAMERATA ATHENEUM. Regência: LUCIAN ROGULSKY. Programa: VERDI - trechos de "Simon Boccanegra". Entrada Franca.

Vídeo - Rio
CASTELINHO DO FLAMENGO, 16H
"WOZZECK", de Alban Berg. Behrens/ Grundheber. Staatsoper de Viena/ Claudio Abbado (1987). Comentários de Magdá Stefanini. Entrada Franca.

DIA 12 *(terça)*

Concerto - Rio
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
PAULO MOURA, clarineta, e CORAL ETC E TAL. Programa: Músicas afro-brasileiras. Ingresso: R$ 6,00 (vendas no local a partir da sexta-feira anterior ao concerto).

Vídeo - Rio
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 15H E 18H30
"WILLIE STARK", de Carlisle Floyd. Série "Óperas Contemporâneas". Comentários: Victor Giúdice. Entrada Franca (retirada de senhas meia hora antes das sessões).

Nelson Freire, dia 7 no Teatro Municipal de Santo André.

DIA 13 *(quarta)*

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
BALLET DE HAMBURGO. Direção: J. Neumeier. Programa: "A Dama das Camélias" (música: Chopin/ coreografia e encenação: J. Neumeier/ cenários e figurino: Jürgen Ross).

DIA 14 *(quinta)*

Concerto - Rio

CLUBE MILITAR , 15H30
(Salão de Honra/ Sede Social)
ALLYSON DAVID, violino, e ESPEDITO DE CAMPOS, piano. Programa: Andreani/ Briton/ Camarate/ Lyra Coelho/ E. de Campos/ B. de Oliveira/ Strutt/ L. Ribeiro/ F. Vale/ Nazareth/ A. Levy/ Albeniz/ Sarasate/ Anônimo/ V. Monti. Entrada Franca.

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
BALLET DE HAMBURGO. Direção: J. Neumeier. Programa: "A Dama das Camélias" (música: Chopin/ coreografia e encenação: J. Neumeier/ cenários e figurino: Jürgen Ross).

DIA 15 *(sexta)*

Concerto - Curitiba

TEATRO GUAÍRA, 21H
ORQUESTRA SINFÔNICA DE BERLIM. Regência: ISAIAH JACKSON.

Concerto - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL. Regência: KONSTANTIN BECKER.

DIA 16 *(sábado)*

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
BALLET DE HAMBURGO. Direção: J. Neumeier. Programa: "Spring and Fall" (música: Dvorák/ coreografia: J. Neumeier), "Now and Then" (música: Ravel/ coreografia: Neumeier/ cenários e figurino: Zack Brow) e "Bernstein - Serenade" (música: Bernstein/coreografia: Neumeier).

DIA 17 *(domingo)*

Concerto - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 10H30
ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL. Regência: KONSTANTIN BECKER.

Rádio - Rio

MEC FM (98,9), 17H
Ópera Completa
"MEFISTÓFELES", de Arrigo Boito. Christoff/ Prandelli/ Moscucci/ Pini. Orquestra e Coro da Ópera de Roma/ Vittorio Gui. Duração: 1h 44min.

DIA 18 *(segunda)*

Concerto - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H
ORQUESTRA SINFÔNICA DE BERLIM. Regência: ISAIAH JACKSON.

Vídeo - Rio

CASTELINHO DO FLAMENGO, 16H
"A VALQUÍRIA", de Wagner. Hofman/ Altmeyer/ McIntyre. Festival de Bayreuth/ Pierre Boulez (1981). Montagem: Patrick Chéreau. Comentários de Maria Teresa Pérez. Entrada Franca.

DIA 19 *(terça-feira)*

Concerto - Rio

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
MARCO PEREIRA, violão, e CORAL TODO TOM DA UFRJ. Regência: Maria José Chevitaresi. Programa: "Cancioneiro Gitano de Garcia Lorca". Ingresso: R$ 6,00 (vendas no local a partir da sexta-feira anterior ao concerto).

Ballet - Rio

THEATRO MUNICIPAL RJ, 20H30
BALLET DE HAMBURGO. Direção: J. Neumeier. Programa: "A Dama das Camélias" (música: Chopin/ coreografia e encenação: J. Neumeier/ cenários e figurino: Jürgen Ross).

VÍDEO - RIO
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 15H E 18H30
"ASPERN PAPERS", de Dominick Argento. Série "Óperas Contemporâneas". Comentários: Victor Giúdice. Entrada Franca (retirada de senhas meia hora antes das sessões).

DIA 20 *(quarta)*

Concerto - Rio

FACULDADE MOACYR BASTOS, 20H
ORQUESTRA PRÓ-MÚSICA. Regência: ARMANDO PRAZERES. Participação do Coro Sinfônico Moacyr Bastos. Programa: BRAHMS - "Sinfonia Nº 4" / J. RUTTER - "Magnificat" / GUERREIRO FARIA - "Pequena Suíte". Entrada Franca.

Ballet - Rio

THEATRO MUNICIPAL RJ, 20H30
BALLET DE HAMBURGO. Direção: J. Neumeier. Programa: "A Dama das Camélias" (música: Chopin/ coreografia e encenação: J. Neumeier/ cenários e figurino: Jürgen Ross).

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H
CIA. DE BALLET CISNE NEGRO. Direção: Hulda Bittencourt. Programa: "MARACATU DO CHICO REI" (música: Francisco Mignone/ coreografia: Mario Nascimento). Com a ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Regência: ELEAZAR DE CARVALHO. CORAL SINFÔNICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Regência: NAOMI MURAKATA. Ingressos: entre R$ 10,00 e R$ 30,00.

DIA 21 *(quinta)*

Concerto - Rio

THEATRO MUNICIPAL RJ, 21H
ORQUESTRA SINFÔNICA DE BERLIM. Regência: ISAIAH JACKSON.

DIA 22 *(sexta)*

Concerto - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL. Regência: YERUHAN SHAROVSKY.
Solista: AURORA GINASTERA, violão.

Concerto - Salvador

TEATRO CASTRO ALVES, 21H
ORQUESTRA SINFÔNICA DE BERLIM. Regência: ISAIAH JACKSON.

DIA 23 *(sábado)*

Concerto - Rio

SALA CECÍLIA MEIRELES, 18H
CONCERTO DE ABERTURA OFICIAL DA SALA. Orquestra Sinfônica Brasileira. Regência: Roberto Tibiriçá. Programa: CARLOS GOMES - Abertura da ópera "Fosca" / VILLA-LOBOS - "Concerto para violão e orquestra" / WAGNER - Prelúdio do primeiro ato de "Lohengrin", Prelúdio e "Liebestod" de "Tristão e Isolda" e Abertura de "Os Mestres Cantores de Nüremberg". Concerto aberto para convidados. Pequena cota de ingressos à venda (entre R$ 15,00 e R$ 25,00).

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE BANGU, 20H
ORQUESTRA PRÓ-MÚSICA. Regência; ARMANDO PRAZERES. Participação do Coro Sinfônico Moacyr Bastos. Programa: BRAHMS - "Sinfonia Nº 4" / J. RUTTER - "Magnificat" / GUERREIRO FARIA - "Pequena Suíte". Entrada Franca.

Concerto - Tiradentes (MG)

IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA, 21H
NETI SZPILMAN, soprano, e EDUARDO AMIR, barítono. Programa: HANDEL / BACH / STRADELLA / PERGOLESI / GOUNOD. Entrada Franca.

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H
CIA. DE BALLET CISNE NEGRO. Direção: Hulda Bittencourt. Programa: "MARACATU DO CHICO REI" (música: Francisco Mignone/ coreografia: Mario Nascimento). Com a ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Regência: ELEAZAR DE CARVALHO. CORAL SINFÔNICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Regência: NAOMI MURAKATA. Ingressos: entre R$ 10,00 e R$ 30,00.

Vídeo - SP

AUDITÓRIO DO CÍRCULO MILITAR, 16H
"IL BARBIERE DI SIVIGLIA", de Giovanni Paisiello. Casalin/ Bonelli/ Safina. Accademia Musicale de Mantova/ Gregoria Goffredo (1991). Antes da exibição, palestra introdutória da obra. Realização: VERDI ÓPERA CLUBE. Ingresso: R$ 7,00. Entrada Franca aos associados.

DIA 24 *(domingo)*

Concerto - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 10H30
ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL. Regência: YERUHAN SHAROVSKY. Solista: AURORA GINASTERA, violão.

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 17H
CIA. DE BALLET CISNE NEGRO. Direção: Hulda Bittencourt. Programa: "MARACATU DO CHICO REI" (música: Francisco Mignone/ coreografia: Mario Nascimento). Com a ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Regência: ELEAZAR DE CARVALHO. CORAL SINFÔNICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Regência: NAOMI MURAKATA. Ingressos: entre R$ 10,00 e R$ 30,00.

Vídeo - SP

AUDITÓRIO DO CÍRCULO MILITAR, 16H
"LUCIA DI LAMMERMOOR", de Donizetti. Devia/ La Scola/ Bruson. Teatro alla Scala de Milão (1992). Realização: VERDI ÓPERA CLUBE. Ingresso: R$ 7,00. Entrada Franca aos associados.

Rádio - Rio

MEC FM (98,9), 17H
Ópera Completa
"DON GIOVANNI", de Mozart. Raimondi/ Te Kanawa/ Berganza/ Moster/ van Dam. Orquestra e Coro do Teatro Nacional da Ópera de Paris/ Lorin Maazel. Duração: 2h 48min.

DIA 25 *(segunda)*

Vídeo - Rio

CASTELINHO DO FLAMENGO, 16H
"SALOMÉ", de Richard Strauss. Ewing/ Devlin. Royal Opera House/ Edward Downes (1992). Comentários de Magdá Stefanini. Entrada Franca.

DIA 26 *(terça-feira)*

Concerto - Rio

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
FRANCIS HIME, piano, e CORAL HARTE VOCAL. Programa: F. HIME - Cantata "Fantasia Carioca", sobre poema de Geraldo Carneiro. Ingresso: R$ 6,00 (vendas no local a partir da sexta-feira anterior ao concerto).

Vídeo - Rio

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 15H E 18H30

"O ANJO DE FOGO", de Sergei Prokofiev. Série "Óperas Contemporâneas". Comentários: Victor Giúdice. Entrada Franca (retirada de senhas meia hora antes das sessões).

Concerto - Porto Alegre

TEATRO DA OSPA, 21H

MISHA MAISKY, violoncelo, ORQUESTRA SINFÔNICA DE PORTO ALEGRE

DIA 27 *(quarta)*

Concerto - Rio

SALA CECÍLIA MEIRELES, 18H30

ORQUESTRA PRÓ-MÚSICA. Regência: ARMANDO PRAZERES. Participação do Coro Sinfônico Moacyr Bastos. Programa: BRAHMS - "Sinfonia Nº 4" / J. RUTTER - "Magnificat" / GUERREIRO FARIA - "Pequena Suíte". Ingresso: R$ 3,00.

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H

BALLET DA CIDADE DE SÃO PAULO. Programa: "Sinfonia de Réquiem" (música: Benjamin Britten/ coreografia: Vasco Wellenkamt), "Candide Dance" (coreografia: Gagik Ismailian) e "Carnaval dos Animais" (música: Saint-Saëns/ coreografia: Ivonice Satie)

DIA 28 *(quinta)*

Concerto - Rio

SALA CECÍLIA MEIRELES, 21H

MARKUS STOCKHAUSEN, trompete, e SÉRGIO ROJAS, violão.

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H

BALLET DA CIDADE DE SÃO PAULO. Programa: "Sinfonia de Réquiem" (música: Benjamin Britten/ coreografia: Vasco Wellenkamt), "Candide Dance" (coreografia: Gagik Ismailian) e "Carnaval dos Animais" (música: Saint-Saëns/ coreografia: Ivonice Satie).

DIA 29 *(sexta)*

Concerto - Rio

CASTELINHO DO FLAMENGO, 19H30

ATEMPO: Elizete Bernabé, flauta doce, harpa gótica e voz, Leonardo Loredo, alaúde, percussão e voz, e Pedro Novaes, viela de arco, flauta doce e voz. Programa: "Lírica Medieval Feminina" (composições feitas por mulheres). Obras de CARENZA/ COMTESSA DE DIA/ RICHART DE FOURNIVAL. Entrada Franca.

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30

BALLET DA CIDADE DE SÃO PAULO. Programa: "Sinfonia de Réquiem" (música: Benjamin Britten/ coreografia: Vasco Wellenkamt), "Candide Dance" (coreografia: Gagik Ismailian) e "Carnaval dos Animais" (música: Saint-Saëns/ coreografia: Ivonice Satie).

Atempo: composições de mulheres da idade média.

DIA 30 *(sábado)*

Concertos - Rio

THEATRO MUNICIPAL RJ, 16H30

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA. Regência: ROBERTO TIBIRIÇÁ. Solista: ARNALDO COHEN, piano. Programa: CARLOS GOMES - Abertura de "O Escravo" / BRAHMS - "Concerto Nº 1 para piano" / TCHAIKOVSKY - "Sinfonia Nº 4".

SOCIEDADE ARTÍSTICA VILLA-LOBOS, 17H

Teatro Afonso Arinos (Centro de Cultura - Petrópolis)
CAROL MURTA RIBEIRO, piano. Ingresso: R$ 10,00 (entrada franca para os membros da SAV portando o tíquete nº 3 da mensalidade).

SALA CECÍLIA MEIRELES, 19H

CORAL CANTO EM CANTO. Regência: ELZA LAKCHEVITZ. Programa: R. MIRANDA/ V. BRANDÃO/ H. DE CURITIBA / GUERRA-PEIXE entre outros. Lançamento do novo CD do coral.

TEATRO MUNICIPAL DE NITERÓI, 21H

INÁCIO DE NONNO, barítono, e RUTH STAERKE, soprano. Programa: duetos e canções de câmara do Brasil (do séc. 18 ao séc. 20).

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 16H E 20H

BALLET DA CIDADE DE SÃO PAULO. Programa: "Sinfonia de Réquiem" (música: Benjamin Britten/ coreografia: Vasco Wellenkamt), "Candide Dance" (coreografia: Gagik Ismailian), e "Carnaval dos Animais" (música: Saint-Saëns/ coreografia: Ivonice Satie).

DIA 31 *(domingo)*

Ballet - SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30

BALLET DA CIDADE DE SÃO PAULO. Programa: "Sinfonia de Réquiem" (música: Benjamin Britten/ coreografia: Vasco Wellenkamt), "Candide Dance" (coreografia: Gagik Ismailian) e "Carnaval dos Animais" (música: Saint-Saëns/ coreografia: Ivonice Satie).

Rádio - Rio

MEC FM (98,9), 17H

Ópera Completa
"ANDREA CHÉNIER", de Giordano. Carreras/ Marton/ Zancanaro/ Takács/ Pane. Coro da Rádio e Televisão Estatal da Hungria. Orquestra da Ópera do Estado Húngaro/ Giuseppe Patané. Duração: 1h 53min.

DIA 2 DE ABRIL *(terça)*

Concerto - Rio

AUDITÓRIO GUIOMAR NOVAES, 19H30

MARIA HELENA DE ANDRADE, piano. Programa: SOLER/ GRANADOS/ MOMPOU/ DE FALLA (lembrando seus 50 anos de morte)/ ALBENIZ. Entrada Franca (retirada antecipada de convites).

CURSOS

MÚSICA - RIO

HISTÓRIA DA ÓPERA E DE SEUS COMPOSITORES

Com Antônio Roberto Neiva Blundi. A partir de 12 de março, sempre às terças-feiras, das 18h às 20h. Preço: R$ 100,00. Local: CASA DE CULTURA LAURA ALVIM. Programa: 1ª aula (dia 12) - Origem do Canto e Classificação das Vozes. 2ª aula (dia 19) - O Significado do Século XVI na História da Cultura Ocidental. 3ª aula (dia 26) - Características da Ópera Francesa dos Séculos XVII e XVIII - Lully e Rameau.

INTERPRETAÇÃO PIANÍSTICA (MASTERCLASS)

Com Luiz Carlos de Moura Castro e Homero de Magalhães.
29 e 30 de março, 9h-12h e 14h-16h
Local: SEMINÁRIO DE MÚSICA PRÓ-ARTE.

MÚSICA - SÃO PAULO

CONSERVATÓRIO MUSICAL BROOKLIN PAULISTA

Cursos diversos de todos os instrumentos e musicalização (incluindo Método Kodály)
Inscrições abertas. Tels.: (011) 531-0872 e (011) 241-3416.

DANÇA - SÃO PAULO

DANÇA ESPONTÂNEA (WORKSHOP)

Com a professora Rosa Koshiba. Dias 15 (19H30-21H30) e 16 de março (10H-18H)
Local: ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA. Informações pelos tels.: (011) 288-7356 e (011) 283-0867.

EM ABRIL

Orquestra Jovem da União Européia/ Vladimir Ashkenazy, regência, e Christian Tetzlaff, violino (dia 8 - Rio, dia 16 - S. Paulo e dia 17 - Brasília).
Complexions - cia. de dança (de 8 a 14 - Teatro Carlos Gomes, RJ).
Jean Louis Steuerman, piano, e Viktoria Mullowa, violino (dia 12 - Santo André - SP).
Yuri Bashmet e Solistas de Moscou (dias 9, 10 e 11 - S. Paulo e dia 12 - Rio).
Série "Rússia, Panorama Musical" (terças-feiras - CCBB, RJ).
Homenagem a Carlos Gomes (11, 18 e 25 - Espaço BNDES, RJ).

ENDEREÇOS

Rio de Janeiro

AUDITÓRIO GUIOMAR NOVAES
(Anexo à Sala Cecília Meireles)
Largo da Lapa, 47
Tels.: (021) 224-4291 e (021) 224-3913

CASA DE CULTURA LAURA ALVIM
Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema
Tel.: (021) 267-1647

CASTELINHO DO FLAMENGO
Praia do Flamengo, 158
Tel.: (021) 205-0276

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL
Rua Primeiro de Março, 66 - Centro
Tels.: (021) 216-0223 / (021) 216-0626

CLUBE MILITAR
(Salão de Honra - Sede Social)
Av. Rio Branco, 251 / 5º andar

FACULDADE MOACYR BASTOS
Rua Engenheiro Trindade, 205 - Campo Grande

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE BANGU
Rua Silva Cardoso, 299

SALA CECÍLIA MEIRELES
Rua da Lapa, 47 - Centro
Tels.: (021) 224-4291 / (021) 224-3913

SEMINÁRIOS DE MÚSICA PRÓ-ARTE
Rua Alice, 462 - Laranjeiras
Tel.: (021) 245-0684

SOCIEDADE ARTÍSTICA VILLA-LOBOS
Centro de Cultura Tristão de Athayde / Teatro Afonso Arinos
Praça Visconde de Mauá, 305 - Centro - Petrópolis
Tel.: (0242) 421430

TEATRO MUNICIPAL DE NITERÓI
Rua 15 de Novembro, 35 - Centro
Tel.: (021) 622-1420

THEATRO MUNICIPAL RJ
Praça Floriano, s/nº - Centro
Tel.: (021) 297-4411

São Paulo

ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA
Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
Tels.: (011) 288-7356 / (011) 283-0867

AUDITÓRIO DO CÍRCULO MILITAR
Rua Abílio Soares, 1589 / 2º andar
Tel.: (011) 289-6429

CONSERVATÓRIO MUSICAL BROOKLIN PAULISTA
Rua Roque Petrella, 46 - Brooklin
Tels.: (011) 531-0872 / (011) 241-3416

TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ
Praça IV Centenário, s/nº
Tel.: (011) 411-0789

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Praça Ramos de Azevedo, s/nº - Centro
Tel.: (011) 222-8698

CURITIBA

TEATRO GUAÍRA
Rua XV de Novembro, s/nº
Tel.: (041) 322-2628

PORTO ALEGRE

TEATRO DA OSPA
Av. Independência, 925
Tel.: (051) 221-7919

SALVADOR

TEATRO CASTRO ALVES
Av. Sete de Setembro, s/nº
Tel.: (071) 247-2752

DIVULGAÇÃO/ WARNER

Carreras carioca

O tenor José Carreras se apresenta no Metropolitan, dia 1 de março, em comemoração ao aniversário da cidade do Rio de Janeiro. No programa "Granada", de Lara – seu carro-chefe –, "Core N'Grato", de Cardillo, "Apri" e "Marechiare", de Tosti, "O Paradis" da ópera "Africane", de Meyerbeer, "Vieni sul Mar" (anônimo), "Música Proibita", de Gastaldon. Nos duetos, com o soprano espanhol Ana Maria Gonzales, Carreras canta a "Brindisi", da "Traviata", de Verdi, "El duo de la Africana", de Cabellero e "Me llaman la primorosa" de "O Barbeiro de Sevilha", de Gimenez. O cantor se apresenta acompanhado da Orquestra Sinfônica Brasileira. O horário do concerto é às 22h30, com preços de R$ 220, 00 (palco), R$ 120,00 (setor especial e lateral especial) e R$ 65, 00 (lateral e platéia).

BEETHOVEN. "SONATAS PARA VIOLINO NOS. 9 'KREUTZER' E 10". Gidon Kremer, violino - Martha Argerich, piano (1995) (DDD) (Deutsche Grammophon 447 054-2)
Beethoven abordou com a mesma maestria todos os gêneros em que se arriscou, do sinfônico ao instrumental, passando pela música de câmara e pela ópera. Mas, talvez, suas páginas mais brilhantes estejam no repertório camarístico e instrumental. Estas "Sonatas para Violino" são um exemplo perfeito do gênio do mestre de Bonn. A primeira delas, conhecida como "Kreutzer" — nome do violinista a quem foi dedicada — foi escrita em tempo recorde, pois o compositor aproveitou temas que havia composto anteriormente para outras obras. Ela é de caráter extremamente vivo e contagiante. A outra, escrita dez anos depois, em 1812, contrasta nitidamente com a anterior: seu clima é sereno e íntimo e não exige bravura do executante. Kremer e Argerich formam uma dupla perfeita, tanto na fogosidade da "Kreutzer" quanto na serenidade da Nº 10. Excelente tomada de som. Gravação de referência. *(MWJ)*

"À LA CARTE" ITZHAK PERLMAN. Itzhak Perlman, violino .The Abbey Road Ensemble/Lawrence Foster (1995) (DDD) (EMI Classics 7243 5 55475-2)
A intenção é mesmo esta: a de oferecer um cardápio. São peças curtas, onde o ouvinte pode selecionar o que quiser ouvir, sem prejuízo do resto. O repertório não chega a causar surpresa, e Perlman dá banho de interpretação nos *hits* mais conhecidos: a "Meditação" de "Thaïs", o "Vocalise" de Rachmaninov, "Zigeunerwiesen" de Sarasate, "Scherzo Op. 42" de Tchaikovsky e "Legenda" de Wieniawski. O violinista esforçou-se em trazer peças menos óbvias como a "Mazurka-Obéresque", a "Meditação" de Glazunov, a "Fantasia sobre temas russos" de Rimsky-Korsakov, a "Introdução e Tarantella" de Sarasate e duas peças de Kreisler: "O Velho Refrão" e *Schön Rosmarin*. Programa pirotécnico, com o violino gravado em primeiro plano absoluto em relação à orquestra. *(MWJ)*

"LES INTROUVABLES DE NICOLAI GEDDA". Nicolai Gedda, tenor. Várias orquestras, regentes e acompanhadores (1955/1971) (ADD) (EMI Classics 7243 5 65685-2)
O estojo com quatro CDs é uma homenagem a um dos maiores tenores desta última metade de século. Cada CD traz um título, bastante descritivo do repertório abordado: "Le Styliste", "Le Linguiste", "Le Soleil de Minuit" e "Le Héros d'Opéra". O primeiro deles é uma aula de como se deve cantar Bach e apresenta ainda uma abordagem perfeita de árias líricas de Gluck e Mozart. O segundo e o terceiro são dedicados à música de câmara, sendo que este último mais especificamente ao repertório russo. Gedda está em seu terreno predileto. No último CD, dedicado à ópera, temos árias dos franceses Massenet, Thomas, Gounod e Berlioz, dos italianos Verdi e Puccini e dos russos Tchaikovsky, Rimsky-Korsakov e Mussorgsky. Em todas elas, Gedda encontra-se absolutamente à vontade, com uma pronúncia e enunciação perfeitas, esbanjando categoria com seu belo timbre e com uma inteligência interpretativa pouco comum em nossos dias. Simplesmente imperdível! *(MWJ)*

SHOSTAKOVICH. "Sinfonia Nº 1". "Concerto para Piano, Trompete e Cordas. Mikhail Rudy, Ole Edvard Antonsen". Filarmônica de Berlim/Mariss Jansons (1995) (DDD) (EMI Classics 7243 5 55361-2)
Shostakovich é, sem dúvida, um dos expoentes do sinfonismo russo deste século. Sua primeira sinfonia, de espírito fortemente dramático, encontra em Mariss Jansons um intérprete quase que perfeito. Ele teve a oportunidade de amadurecer muito o conhecimento dos clássicos russos nos últimos anos, como assistente do grande Yuri Temirkanov, na Sinfônica de São Petersburgo. Hoje ele é, sem sombra de dúvida, um dos maiores valores da nova geração de regentes. Jansons faz um uso dramático perfeito dos momentos de silêncio e é um mestre no claro/escuro do tecido musical. O "Concerto" mostra um Shostakovich lírico. Seu piano é cantante a maior parte do tempo e ele aborda o trompete com suavidade, em linhas freqüentemente pungentes. Ótimos solistas e uma tomada de som perfeita. *(MWJ)*

TCHAIKOVSKY: "Abertura 1812". "Capriccio Italiano" - Beethoven: "A Vitória de Wellington"*. Orquestra Sinfônica de Minneapolis, Banda de Metais da Universidade de Minnesota e Sinfônica de Londres. (*)/Antal Dorati (1958/1960*) (ADD) (Mercury 434 360-2)
Mais um CD dos primórdios do estéreo que vem à luz. Estas gravações de Dorati foram, à época, clássicos para demonstração de aparelhagem de som. Ainda hoje, os registros guardam um realismo impressionante, com os tiros de canhão e mosquetes gravados ao vivo e mixados ao som da música gravada em estúdio. Dorati já era então um excelente regente. Sua interpretação é extremamente viva — como não poderia deixar de ser nesse tipo de repertório. Essa tendência de exumação das primeiras gravações da estereofonia tem permitido o resgate de documentos extraordinários. A série "Mercury Living Presence", da PolyGram, assim como a "Living Stereo", da RCA, restitui aos ouvintes páginas inesquecíveis da história do som gravado. Ótimo relançamento. *(MWJ)*

GANHE CD-ROM DE TCHAIKOVSKY

Se você já tem CD-ROM no seu computador ou está planejando adquirir um, participe desta promoção exclusiva para assinantes **VivaMúsica!**, envolvendo o CD-ROM "Tchaikovsky's 1812 Overture", com performance da Sydney Symphony Orchestra, sob regência de José Sersbrier.

Explorando a "Abertura 1812" de Tchaikovsky, a proposta do título é aprofundar a compreensão da música clássica. Através de janelas, o usuário tem acesso a explicações e mecanismos internos da música, com exibição de toda gama de instrumentos de uma grande orquestra. E mais: informações específicas e detalhadas de cada instrumento, completadas por comentários apropriados para ver e entender os instrumentos em ação. O CD-ROM traz ainda uma biografia de Tchaikovsky e três jogos para testar sua competência musical.

Para participar desta promoção basta enviar carta ou fax para **VivaMúsica!** (Av. Rio Branco, 45/1401 - 20090-003 - RJ, fax: (021) 263-6282) dizendo qual o nome da mecenas que ajudou Tchaikovsky a criar as mais belas suítes para balés do século 19? O sorteio será realizado no dia 29 de março, às 18h30, na redação da revista.

CONVITE E MOTORISTA PARA ASSISTIR BASHMET

O russo Iuri Bashmet, um dos grandes talentos da viola nos últimos anos, é o destaque do concerto inaugural da Série Dell'Arte 96, à frente dos Solistas de Moscou. O concerto de Bashmet acontece no dia 12 de abril, sexta-feira, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Escreva para **VivaMúsica!** até o dia 1º de abril, dizendo qual a peça escrita para viola de sua preferência e concorra a dois ingressos de platéia e um carro com motorista para buscá-lo e trazê-lo em casa na noite do concerto. O nosso endereço é Av. Rio Branco, 45/1401 - 20090-003 - Rio de Janeiro, RJ.

DESCONTOS PERMANENTES para assinantes

*Apresente seu cartão de assinante **VivaMúsica!** em qualquer dos estabelecimentos abaixo e desfrute dos descontos relacionados. Aproveite!*

ARLEQUIM *Loja de CDs e vídeo-laser*
Praça XV, 48 - Paço Imperial - RJ -Tel: 533-6527/ 220-8471.
Av. Ataulfo de Paiva, 338 - loja B - Leblon - Rio de janeiro. Tel.: (021) 511-2192 e 239-2698.
15% de desconto na compra de qualquer disco das séries DOUBLE e DUO (dois CDs pelo preço de um) das gravadoras Deutsche Grammophon, Philips, London e Seraphim.

BOOKMAKERS *Livraria e locadora de vídeo-lasers*
R. Marquês de São Vicente, 7 - Gávea - Tel: 274 - 4441.10% de desconto na compra de livros de música clássica. 20% de desconto na inscrição na locadora de *vídeo-lasers*.

CENTRO CULTURAL GIÁCOMO PUCCINI
Clube de vídeos de ópera e exibição semanal de lançamentos no gênero.
R. Siqueira Campos, 43 / 1010 - Copacabana. Tel: 235 - 4661. Isenção de matrícula para se associar ao clube.

LIVRARIA DA TRAVESSA *Livraria*
Travessa do Ouvidor, 11/A - Centro - Tel. 242-9294. 20% de desconto nos livros de música clássica.

LASERSTORE *Locadora de vídeo-lasers*
R.Visconde de Pirajá, 330 - loja 222 - Ipanema - RJ - Telefax. 267-6897 / Praça XV, 48 - Paço Imperial - Tel.: 220-2129. 20% de desconto na inscrição.

LIVRARIA AGIR
Rua México, 98-B - Centro - Rio de Janeiro - Tel.: (021) 240-0881.
Desconto de 20% na compra do livro "Canto", de Katharine Le Mée.

MACEDÔNIA VÍDEO CLUBE
Locadora de vídeos, com mais de mil títulos clássicos
R. do Catete, 311 - loja 110 - Catete - Tels.: 265-5449 / 265-5606. Inscrição grátis.

MARCABRU *Livraria*
R. Marquês de São Vicente, 124 - loja 206 - Gávea Trade Center - Tel: 294 -5994. 10% de desconto nos livros de música clássica (pagamento à vista).

MUSIC CENTER - Núcleo de Ensino Musical
Rua Guarará, 268 - Jardim Paulista - SP . Tel:(011) 885-4125 Aula de apresentação gratuita. Isenção de matrícula. Desconto de 5% na compra de instrumentos.

OSCAR ARANY *Partituras*
Av. Nilo Peçanha, 155 - sala 716 - Centro - Tel: 220-7601. 5% de desconto na compra de partituras.

RIO-BY-RIO CLASSIC *Transportes porta-à-porta*
Tels.: (021) 609-7079 / 521-2386. Fax : (021)267-1311. 10% de desconto no transporte para concertos, em carros particulares.

SOL MAIOR *Pedidos personalizados de CDs.*
Av. Rio Branco, 123/ 1609. Tel.: 242-7486 (Adila)
10% de desconto na compra à vista de qualquer CD do catálogo, desde que feita diretamente na sede da Sol Maior.

THEATRO MUNICIPAL
Praça Floriano, s/nº - Centro - Tel.: 297-4411
Pagamento em cheque na compra de ingressos, mediante apresentação do cartão de assinante **VivaMúsica!** e da carteira de identidade.

UP TO DATE *Locadora de vídeo-lasers, venda de CDs, equipamentos e acessórios*
Av. Ataulfo de Paiva, 566 - sobreloja 215 - Leblon - Tel/Fax: 294-3041
10% de desconto na compra de equipamentos e acessórios.25% de desconto na inscrição na locadora de *vídeo-lasers*.

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(021) 253.3461

RESULTADOS FEVEREIRO

Vencedores da promoção de CDs Marcelo

Bratke: Cláudia Marques G. Fernandes (22742-01), Karina Santos de Menezes (22742-11), Maria Luisa de C. Aleixo (23924-00), Jack Goldemberg (20169-00), Geraldo Magello Sanabino (22445-00), Eleonora Beatriz C.Villela (23510-00), Liza Salomon Butter (23710-00), Luciane Lucas (23588-00), Clara Palatinick (20125-00), Marcos Gandelman (22506-01), Fernando Abreu Gontijo (22433-00), Denison de Sá (23190-00), Marcelo P da Silva (22656-00), Lene Revoredo Gouveia (23329-00), Rosa Maria Resck (20240-00).

Wagner

Alguns aspectos de sua construção musical

Richard Wagner (1813-1883) foi o criador de um autêntico neo-romantismo na segunda metade do século XIX, concebendo uma música anacrônica para a época em que foi produzida. A Europa de seu tempo já convive com o capitalismo financeiro, a grande imprensa, o militarismo, a literatura naturalista e a pintura impressionista. Erige um neo-romantismo que vai resgatar as raízes da cultura alemã, como a sua Idade Média, ou então sua mitologia, mesclada de elementos da cultura germânica que falam as origens do mundo, de seus deuses e heróis, tão glorificados em suas óperas.

A construção de sua música gerou polêmica, que está diretamente ligada ao descontrole das subjetividades que ela põe em jogo, desorganizando todo o universo sonoro até então conhecido, sendo responsável por uma nova organização musical, uma outra dimensão de multifacetadas subjetividades.

Imerso no universo romântico do século XIX, senhor absoluto de suas contradições internas, o compositor desdobra-se, multiplica-se. Adepto do socialismo de Proudhon, passando pela filosofia de Schopenhauer e Nietzsche, termina na redenção cristã do "Parsifal".

Wagner cria música que se opõe a tudo o que se produzia antes dele, e o faz subjugando todos os sons à sua vontade. Chega mesmo às fronteiras do sistema tonal preconizado por Rameau em 1722, no seu "Tratado de harmonia reduzido aos seus princípios naturais".

Wagner comunica infinitas dimensões de música em que ela não é concebida para ser escutada, mas para ser vivida. Sua música é para ser vivenciada em outros patamares da escuta. Inaugura uma nova estética musical que é eroticamente perturbadora e invasora, onde o ouvinte é surpreendido dentro de suas ambivalências subjetivas: ou deixa-se penetrar ou rejeita. Nas suas óperas, o lirismo não culmina na experiência da voz que, sem estar específica e corporeamente identificada com o cantor, flutua acima da música, tornando-se propriedade desta como um todo. É o "sinfonismo" wagneriano. As vozes são tratadas como instrumentos constitutivos da orquestra, fazem parte e são inerentes a ela. O cantor wagneriano sente-se pertencer a todo esse mundo musical - não é acompanhado por ele, como nas óperas italianas, por exemplo.

As platéias sentiam prazer em ser excitadas, perturbadas, incomodadas por essa música. Nas primeiras representações do "Tristão e Isolda" (1865), as pessoas saíam desmaiadas ou então vomitavam. Berlioz disse a propósito do prelúdio da ópera: "longo murmúrio e gemido". Thomas Mann referia-se ao grande dueto do segundo ato como sendo a "cópula ideal". O regente Bruno Walter, depois de reger uma récita da ópera, declarou: "aquilo não é mais música". Baudelaire comparou esta música ao ópio e Nietszche, ao álcool. Música psicotrópica. ■

Antônio Blundi

O sociólogo Antônio Blundi está desenvolvendo a tese "O Mundo como espetáculo: a comunicação da ópera e seu imaginário", para o mestrado em Comunicação na UFRJ.